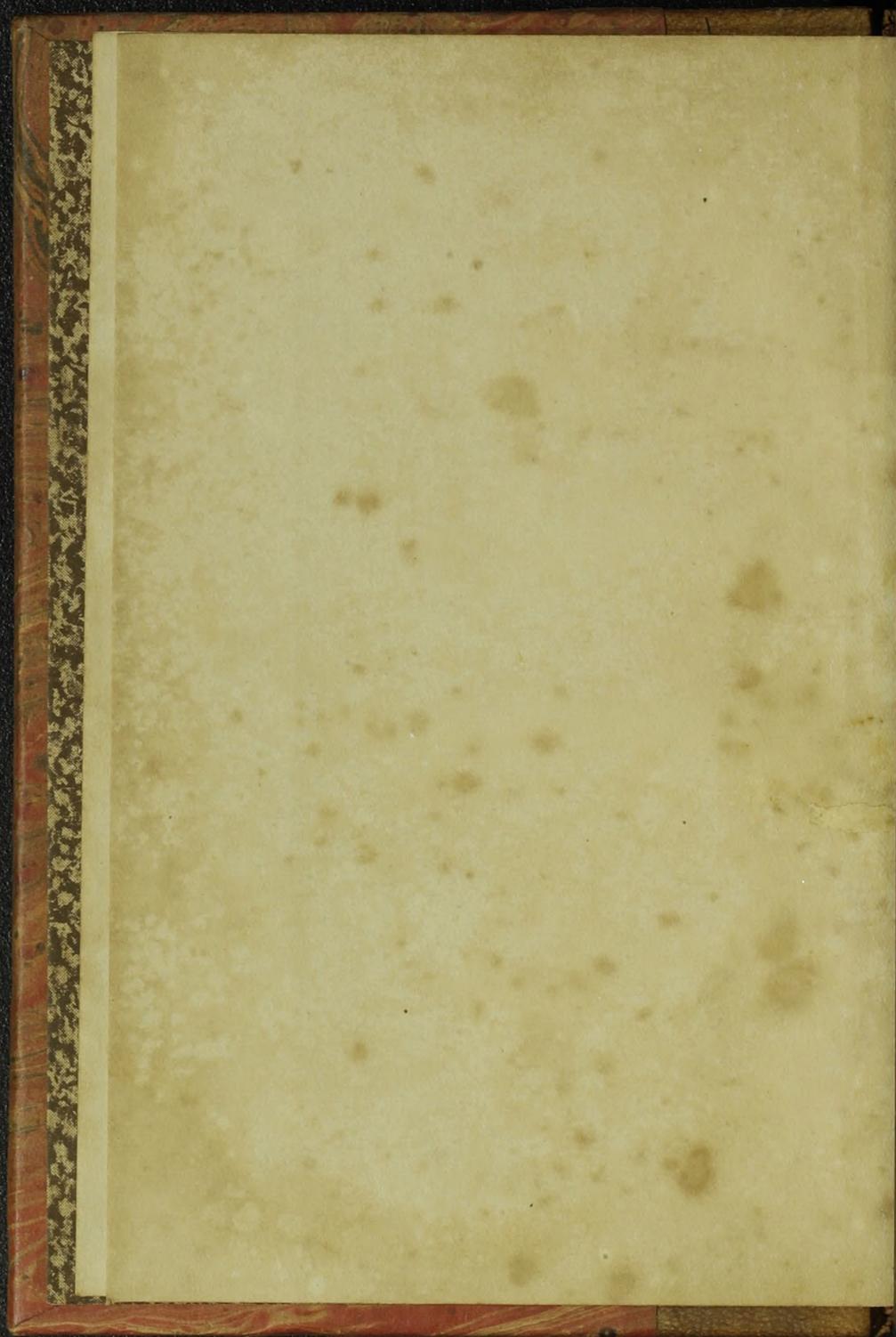


1933  
G. 176

**BIBLIOTECA MUNICIPAL**

**"ORIGENES LÉSSA"**

Volume II.º 11.704



S. Paulo

8-1-207

Bernardo Guimarães

Leitura 12

# O GARIMPEIRO

ROMANCE BRASILEIRO

BIBLIOTECA MUNICIPAL  
"ORÍGENES LESSA"

Tombo N.º 11704

MUSEU LITERÁRIO

RIO DE JANEIRO

Empresa Democrática Editora

1899

*2. 1848*



BIBLIOTECA MUNICIPAL  
CALLE DE S. JUAN  
TOMO 1.<sup>o</sup>  
MUSEO LITERARIO



# O GARIMPEIRO

I

## A FAZENDA

As regiões que formam os municípios de Araxá, Patrocínio e Bagagem, na provincia de Minas, encerram paizagens as mais risonhas e encantadoras que se podem imaginar, e quem uma vez tem percorrido esses fertes e pittorescos sertões, nunca mais os perde da lembrança.

E' impossivel dar uma idéa do aspecto geral desse paiz. A cada eminencia que se transpõe, uma nova perspectiva nos surprehende, um novo panorama se desenrola aos

o lançante do espigão, de uma larga varanda aberta, e pelos fundos reunida entre moitas de laranjeiras, coqueiros, jambeiros e outras arvores fructíferas, que em pittoresca desordem a sombreavam em torno.

Na frente havia um vasto curral em um canto do qual erguia-se uma velha e truculenta gameleira, dessas que estendem seus galhos gigantescos dez braços em derredor, servia de sombra e aprisco para o gado, os carros e outros utensilios de roça.

No fundo do quintal, que era um vasto vergel de arvores fructíferas plantadas promiscuamente e sem symetria alguma, corria o correjo, que descia das alturas visinhas sempre fresco e crystallino, á sombra de espessos e viçosos capões. Do outro lado, pela beira do correjo, corria uma orla de capoeira inculta e emmaranhada.

Em certo logar o riacho, como que fatigado de correr e retouçar por entre as pedras, vinha espreguiçar-se e adormecer em um largo e crystallino tanque, em cujas bordas havia uma linda vargemzinha toda alcatifada de rasteiro e mimoso capim. Era ali a fonte e o côradouro em que as escravas da casa costumavam lavar a roupa. Ali tambem a filha do Major, a formosa e interessante Lucia, costumava trazer, nas horas de sesta, a sua cestinha de costura, e junto com Julia, sua irmãsinha de nove annos, assentada no gramal á sombra de uma moita de arbustos, trabalhava cantaro-

lando alguma singela copla, ou conversando com as escravas.

— Joanna, tu não queres ir á villa agora pelas festas do dia 7 de Setembro?

— Sinhásinha vai?

— Eu hei de ir por força; ha parada, papae é Major, não póde deixar de ir, e bem vêes que não póde deixar-nos aqui sósinhas.

— E então? como é que sinhásinha ha de m sua negra? quem é que ha de lhe lavar gommar os vestidos, pentear seu cabello, e fazer o mais preciso? Sinhásinha cuida que ha de me deixar aqui? não vê... não hei de ser eu que hei de perder festa; só se me amarrem... já estou velha; é preciso aproveitar o meu tempo.

— Has de ir, Joanna, não tenhas cuidado, não posso passar sem ti... A festa dizem que vai ser muito arrojada; temos de lá ficar uns oito dias. Ha cavalhadas, Joanna.

— Cavalhadas! ainda mais isso! que bom! e eu que sou doída por cavalhadas! não póde haver brinquedo mais bonito. Ha quanto tempo não ha disso por aqui! Esta terra já não é o que era dantes. No meu tempo, ah! sinhásinha! se Vmc. visse! que bonitas cavalhadas não se corriam aqui e no Araxá! era um gosto! hoje isto já não presta para nada. Que é dos corredores de fama que então haviam? já morreu tudo. Agora isso ha de ser alguma coisa á tóa.

— Estás enganada, Joanna, estas vão ser muito boas. Aquelle moço que aqui passou

outro dia, não te lembras? aquelle moço alto, de cabello preto e annelado...

— Ah! já sei... o Sr. Elias, aquelle moço de Uberaba...

— Isso mesmo, Joanna; elle tambem vai correr, e pediu a meu pae o cavallo rosilho.

— Oh! aquelle sim, que bonito cavalleiro não ha de ser! é um mocetão sacudido, e muito bem parecido.

— Não achas? Joanna; que é um moço bem bonito? eu tambem gostei muito d'elle.

— E' um figurão, e parece ser muito boa pessoa. E' pena ser tão pobre.

— Quem te disse que elle é pobre? você o conhece?

— Eu não; mas está se vendo, sinhásinha; nem um pagem, nem um camarada... elle só com seu cachorro, sua espingarda e sua mala na garupa... então gente rica anda assim?

— Ora, isso não quer dizer nada; ha muita gente rica que anda assim por gosto.

— Não creia nisso, minha sinhá; estava-se vendo que elle é mesmo pobre. Quem sabe, se mesimo o cavallo em que anda não é emprestado!

— Arre lá! Joanna, replicou a moça com um sorriso que não disfarçava o seu enfado. Tambem que nos importa que elle seja pobre ou rico; entretanto eu duvido que nessas cavalhadas appareça um cavalleiro mais bem feito e mais bonito.

— Ah! sinhásinha! está me parecendo

que Vmc. ficou... não quero falar... não; Deus me defenda.

— Ficou o que?... Joanna; fala...

— Sinhásinha, não fica zangada com sua negra?

— Não, pódes falar sem susto.

— Ficou mordida...

— Mordida! não entendo.

— Pois se não entende, melhor; e calo a bocca!

A escrava com quem Lucia entretinha conversação era uma creoula algum tanto idosa, mas esperta, viva e palradeira: boa e fiel escrava, muito estimada de seus senhores e especialmente de Lucia, a quem na infancia tinha amamentado. As ultimas palavras que dirigio á moça, foram proferidas com certa intenção, ao mesmo tempo que fitava n'ella um olhar malicioso. A moça comprehendeu, córou e sorriu levemente, e tratou de desviar a conversa daquelle assumpto.

— Mas, Joanna, eu tenho muita costura que fazer de amanhã em diante, tu e a Paula hão de me ajudar, se é que querem ir á festa.

— A estas palavras, as quatro ou cinco raparigas que ali se achavam tambem occupadas na lavagem de roupa, acudiram a um tempo, a garrular como uma chusma de periquitos.

— E eu tambem estou ahi, sinhásinha; Paula não é capaz de engommar melhor do que eu; sinhásinha ha de me levar, não é assim!

— E a mim tambem, sinhásinha, ha que tempos que eu não vou na villa.

— Cala-te; você ainda outro dia foi na desobriga, e eu fiquei; agora é que eu devo ir, sinhásinha.

— E eu então? vocês todas têm ido á villa este anno, e eu, pobre de mim, ainda nem para ouvir uma missa.

Lucia via-se zonza no meio daquella algazarra de pedidos importunos que choviam sobre ella a um tempo a atordoar-lhe os ouvidos, como um bando de maritacas.

— Pelo que vejo, vai a não ficar ninguem em casa! Hão de ir aquellas que fôr possível. Havemos de ver isso depois. Por agora tratem de seu serviço e não estejam a me aborrecer.

Estas palavras, a que Lucia então procurava dar um tom severo, não produziram senão um effeito passageiro. A tagarelagem e as importunações continuaram na mesma, dahi a pouco, e não teriam fim, se o sol que se ia escondendo atraz das collinas, não viesse avisar que era tempo de se recolherem.

As negras trataram de arrumar a roupa em gamellas, e balaios que puzeram na cabeça; Lucia tomou em um dos braços seu balainho de costura, deu a mão á sua irmãsinha, e todo aquelle alegre e interessante grupo a um de fundo foi desaparecendo por entre o laranjal.

Dahi a pouco ouvia-se a sineta da casa chamando a familia e os escravos para a reza da Ave-Maria, e ao som dessa reza, dos ulti-

mos cantando o alho e dos gorgeios do sabiá,  
 enviando um derradeiro adeus, a paz e  
 a benção do céu desciam nas azas cinzentas do  
 crepúsculo sobre aquellas tranquillias solidões.

Lucia tinha dezoito annos; seus cabellos  
 eram do jacarandá brunido, seus olhos  
 eram assim, castanhos bem escuros.  
 O typo, que não é muito commum, dá uma  
 graça e suavidade indefinivel á physionomia.

Sua tez era o meio termo entre o alvo e o  
 moreno, que é, a meu ver, a mais amavel de  
 todas as côres. Suas feições ainda que não  
 eram de irreprehensivel regularidade, eram  
 indicadas por linhas suaves e harmoniosas.  
 Era bem feita, e de alta e garbosa estatura.

Retirada na solidão da fazenda paterna,  
 desde que sahira da escola, Lucia crescera  
 como o arbusto do deserto, desenvolvendo em  
 plena liberdade todas as suas graças naturaes,  
 e conservando ao lado dos encantos da pu-  
 berdade toda a singeleza e innocencia da in-  
 fancia.

Lucia não tinha uma dessas cinturas tão  
 estreitas que se possam abranger entre os  
 dedos das mãos; mas era fina e flexivel. Suas  
 mãos e pés não eram dessa pequenez e deli-  
 cadeza hyperbolica, de que os romancistas  
 fazem um dos principaes meritos das suas he-  
 roinas; mas eram bem feitos e proporcionados.

Lucia não era uma dessas fadas de fôrmas  
 aereas e vaporosas, uma sylphide ou uma  
 bayadera, dessas que fazem o encanto dos  
 salões do luxo. Tomal-a-hieis antes por uma

das companheiras de Diana, a caçadora, de fôrmas esbeltas, mas vigorosas, de singelo mas gracioso gesto.

Todavia era dotada de certa elegancia natural, e de uma delicadeza de sentimentos que não se esperaria encontrar em uma roceira.

Esses dotes ella os devia em parte ao céo, que tanto a favorecera e em parte á sua mãe, mulher espirituosa e sensivel, e que se esmerára em dar-lhe uma excellente educação, que Lucia procurava transmittir á sua pequena irmã, desde o berço.

Quanto ao Major, homem de espirito acañhado, frio e positivista, mas boa alma, o melhor dote que julgava poder dar ás suas filhas, era dinheiro e só dinheiro.

A gentil sertaneja bem raras vezes ia á villa do Patrocinio; sua vida deslisava-se naquelle ermo tranquilla e uniforme, como o murmurio monotono de sua fonte, e sua alma era pura e alegre como manhã de Abril, placida e serena como uma noite de luar. Mas a vida não lhe corria inactiva, e nem seu coração estava vasio.

Além de sua irmãsinha, em quem concentrava as suas mais ternas affeições, e a quem servia de mestra e de mãe na falta da verdadeira, que ha muito haviam perdido, eram seus cuidados uma linda e mansa vaquinha favorita, da qual todos os dias com suas proprias mãos tirava o alvo e espumante leite; eram suas pombas, seu pequeno jardim, e seu lindo oratorio, que sempre trazia enfeitado de fres-

cas e fragrantés flôres, e em que todas as noites, com sua irmãsinha ao lado rezava por alma de sua mãe.

Lucia tinha prazer todas as vezes que se offerencia occasião de ir á villa a qualquer festa, ou simplesmente para ouvir missa. Era uma agradável interrupção á sua vida monotona de roceira ; ia espairecer um pouco seu espirito na sociedade ; ia ver e gozar da companhia de suas amigas de escola. Mas, passados alguns dias, começava a sentir saudades de sua vaquinha, de suas pombas, de suas flôres e de seu oratorio.

Naquella occasião, em que havia festas esplendidas e arrojadas, como ha muitos annos não se faziam naquelle logar por occasião do anniversario da independencia, havia ainda mais um incentivo, e póde-se fazer idéa da alegria infantil com que Lucia e Julia faziam os preparativos da pequena viagem, e da impaciencia com que esperavam o dia da partida.

Para Lucia havia ainda mais um poderoso motivo de emoção e alegria. O gentil mancebo, que pousara em sua casa, e que ia correr nas cavalhadas, não lhe sahia da lembrança. Ao pensar nelle Lucia sentia no coração um alvoroço estranho, como nunca sentira em dia de sua vida.

## II

## A CAVALHADA

A villa do Patrocinio está em uma das mais lindas e aprazíveis situações. Occupa o alto e os lançantes de uma collina de pendor suave, encostada de um lado ao topo de uma serra, e gozando pelos outros lados da mais rissonha e extensa perspectiva, de largos e formosos horisontes.

Nas vespervas da festa, a que nos reportamos (ha de haver mais de vinte annos), a alegre e faceira villa estava mesmo louçã e garrida, como menina da roça, que se enfeita com alegre soffreguidão para ir á festa na povoação visinha. As fazendas e arraialetes, num raio de dez leguas em redor, tinham ficado despovoados. As casas da pequena villa já não eram sufficientes para accomodar tanta gente; os ranchos improvisados e cobertos de capim; as barracas e os carros de bois, outras barracas ambulantes, com seu toldo de couro, agrupados em desordem pelas campinas e vargedos visinhos, abrigavam uma multidão de familias sertanejas, que ao sol sempre brilhante

daquellas paragens, onde se desconhecem as neblinas e aguaceiros, alardeavam seus vestidos de côres vivas e variegadas, seus grossos rosarios e trancelins de ouro com pesados relicarios e medalhas pendentes do pescoço, derramando-se pelo seio com incrível profusão. Os rapazes montados em lindos poldros ou em possantes mulas ajaezadas de prataria, as espo-reavam pelas ruas, procurando fazer admirar as excellentes qualidades de suas cavalgaduras, e o seu desempenho e galhardia em dirigi-las. As violas, violões e guitarras resoavam por todos os cantos daquella villa que sempre foi notavel por seu gosto pelas symphonias e serenatas.

A arena ou circo, em que se deviam correr as cavalhadas, era no meio do largo da Matriz, em uma esplanada que fica na parte mais eminente do outeiro em que está situada a villa. Era um arco circular de cento e vinte passos, mais ou menos, de diametro, em torno do qual os particulares iam construindo em desordem e sem symetria alguma seus palanques toldados e guarnecidos em roda de colchas de damasco, de seda e de chita de variadas e brilhantes côres.

Dois dias antes da festa, á tarde, fazia sua entrada na villa pela estrada do sertão uma familia, que entre outras muitas que iam chegando, atrahiu particularmente a attenção do povo que vagava pelas ruas, e que se apinhava pelas portas e janellas. Era um homem idoso, ten-

a seu lado uma joven e gentil cavalleira, que cavalgava com summa graça um lindo ginete branco, uma menina de nove a dez annos, e alguns pagens e mocamas a cavallo.

— Que moça tão bonita é aquella? perguntavam dali.

— E' a Lucia! pois não conhecem a Lucia? ah! cada vez mais bella!

— E' a Lucia! ahi vem a Lucia! sussurrava-se em outro grupo; e moços, velhos e meninos a correrem ás janellas para verem aquella peregrina fmosura, cuja fama ha muito já se tinha espalhado por toda aquella redondeza.

— E' um sol de formosura! exclamavam sympathicamente os velhos. E' o retrato de sua mãe, que eu conheci muito no meu tempo, mas retrato favorecido...

— E' na verdade bonita, diziam as moças; mas, coitada, por viver sempre na roça, está com um ar tão acanhado.

— Ora, prima, se a senhora não fosse tão bonita, eu diria que isso é inveja. Veja com que graça e desembaraço ella governa o cavallo... queria que ella estivesse a olhar sempre para todos os lados?

Quando uma moça é bonita, airosa e bem feita, se cavalga um lindo ginete e sabe bem dirigil-o, seus encantos ganham novo realce. Com o movimento as faces se incendem de côres mais vivas, os olhos despedem mais fulgor, o porte como que se torna mais garboso e senhoril. Lucia, que reunia todas aquellas condições em gráo eminente, estava fascinadora.

Sua entrada na villa produziu uma verdadeira expectação.

— Que bonita moça ! e como governa bem o seu lindo cavallinho ! dizia-se ainda em um grupo de moços, que se affastára a um canto para vê-la. Eu prefiro este espectáculo a quantas cavalhadas ha neste mundo.

— Tens razão. Entre as coisas lindas, que ha neste mundo, uma das mais lindas é ver uma linda moça montada em um lindo cavallo.

— Oh ! se as mulheres tambem corressem cavalhadas, e pilhassemos um terno de cavalheiros como aquella !... que dizes, Elias ?

— Isso é impossivel, respondeu este, como aquella não póde haver outra no mundo. Mas nesse caso eu quizera correr cavalhadas toda a minha vida !

— Ah ! meu Deus ! a primeira argolinha, que eu correr, e que hei de tirar por força, ha de ser offerecida áquella incomparavel formosura.

— Alto lá, eu corro primeiro que tu, e serei eu que primeiro terei a honra de offertar-lhe o anel... que ventura, já estou sonhando com o gracioso sorriso com que ella tem de agradecer-me.

— Que esperanza ! na primeira corrida vocês todos hão de errar, eu aposto ; e eu, que serei um dos ultimos a correr serei o primeiro a levar a argolinha á gentil dama, e o que vocês ainda não sabem, o pae della com quem muito me dou, me ha de convidar a jantar em sua casa. Olhem, não vão morrer de inveja.

O grupo, como se vê, era de corredores de cavalhadas, e entre elles achava-se Elias. Lucia o tinha avistado, e tinham-se saudado com os olhos. Elias ao ouvir as palavras de seus companheiros remoia-se por dentro, e começava a sentir as primeiras inquietações do amor. Quando passára pela fazenda do Major sentira irresistivel attracção pela moça; mas attendendo á sua posição de moço pobre e sem posição não ousára affagar muito aquelle sentimento, que esperava em breve se desvaneceria. Quando porém a viu entrar na villa radiante de belleza, e como que rodeada de uma aureola de prestigio, quando a viu tornar-se o alvo da admiração de tantos ricos e galhardos moços, que pareciam porfiados em merecer della um olhar ou um sorriso, Elias sentiu um não sei que picar-lhe o coração, e comprehendeu que nunca poderia ver de bom grado aquella belleza passar ao poder de outrem.

Depois de dar o tempo necessario para o descanso dos recém-chegados, que se apearam em uma das melhores casa do largo, Elias foi um dos primeiros a visital-os, no que não só cumpria um dever como tambem satisfazia o mais ancioso anhelos do seu coração. A recepção foi cordial e affectuosa. E' escusado dizer que Lucia, ao ver o moço, córou de um modo muito expressivo.

Havia já lá, na sala do Major, um joven trajado com elegancia e certo requinte de máo gosto, porém á ultima moda. Sobre o collete brilhavam-lhe a grossa cadeia do relógio, guar-

necida de uma infinidade de penduricalhos, a luneta com seu competente trancelim, e no peito da camisa um formidável alfinete de diamante. O collete tinha também uma scintillante abotoadura metálica. Era em tudo o typo acabado do peralvilho da côrte, todo frisado e almiscarado. Era um negociante fluminense ha pouco estabelecido no logar. Fôra a principio mascate ambulante, mas havia um anno, que se installára no Patrocínio com loja e balcão, e segundo diziam, estava bem principiado, e em vias de enriquecer-se. Gostava muito de Lucia, e fazia a côrte ao Major que o não olhava com mãos olhos; pois via nelle um ricaço em esperança, e por conseguinte um excellente genro.

Elias viu com desespero que por toda a parte não encontrava senão rivaes. Essa circumstancia, porém, longe de desalentá-lo, mais estimulava e incendiava a sua nascente paixão.

O joven negociante era de conversação jovial e zombeteira. Para se inculcar de fina e polida educação escarnecia de tudo quanto era do sertão, e naquella occasião, para dar mostras de seu espirito, começou pelas cavalhadas.

— Na côrte ninguem iria ver cavalhadas senão para rir-se. E' um divertimento do tempo de El-Rei nosso senhor. Que papel ridiculo não fazem esses papalvos que ali vão galopar enfeitados de chapéos armados, bandas, fitas e ouopeis como figuras de entremez!... E a embaixada, Santo Deus! ha

nada mais estúpido! admira que ainda haja homens sérios, que assim se atrevam a prestar-se ao debique em publico sobre um cavallo dansador, repetindo de bocca cheia umas asneiras que ninguem entende! E' espectaculo proprio só para bobos ou crianças.

— Ora deixe-se disso, senhor Azevedo, replicou o Major, o senhor é bem difficil de contentar. O nosso povo gosta de cavalhadas, é doido por ellas. Não podemos ter circos nem theatros, como nas grandes cidades; que remedio senão nos servirmos com a louça de casa.

— Ora! façam banquetes, façam bailes, façam corridas de touros; não faltam meio de divertir-se o povo; mais deixem-se dessa triste bobice das cavalhadas.

— Mas talvez V. S. goste de ver estas. Os cavalleiros são excellentes; temos soberbos cavallos, e estão muito bem doutrinados.

— Qual! nestas coisas quanto melhor, peor! Quanto mais perfeito anda o negocio, mais ridiculo. Antes fosse uma verdadeira mascarada carnavalesca e doidejante; mas aquella comica gravidade, aquella insipida regularidade, é coisa tristemente ridicula.

— E' para V. S. acostumado aos brilhantes e variados espectaculos da côrte; mas para nós, pobres roceiros, não ha nada mais divertido do que ver um guapo cavalleiro dirigindo um bom e bem doutrinado ginete, tirar uma argolinha, e encaminhando-se a um palanque, offertal-a a uma formosa dama...

— Sim; e depois com caça d'asno vir volteando o circulo com um molho de fitas na ponta da lança, ao som de musicas e foguetarias, e ir collocar-se de novo muito concho no seu posto. Ha nada mais insipido! São coisas que se devem deixar para os artistas do circo equestre, que as fazem muito melhores, e disso ganham a vida.

Elias que ouvia com impaciencia as palavras do negociante, que o humilhavam e o feriam em seu amor proprio, julgou que não devia deixar sem resposta os motejos daquelle pelintra, com quem sem saber porque embirrára desde principio, e assentou de confundil-o e esmagal-o. Elias, que além de ter feito os estudos preparatorios, por seu amor á leitura tinha adquirido variada instrucção, era de feito muito superior ao seu adversario.

— Perdão, replicou Elias com polidez, não lhe acho razão, meu senhor, e entendo que a cavallhada é um divertimento muito nobre, muito agradável, e muito util.

— Devéras! e não me fará o favor de dizer em que?...

— Em que? em muita coisa. O senhor bem sabe que as cavallhadas não são mais do que uma imagem, um simulacro das antigas justas e torneios. Mas esses divertimentos barbaros, em que se derramava sangue, e que muitas vezes custavam a vida aos justadores, não podem compadecer-se com as luzes e costumes da civilisação actual, e admira que, mesmo nos sanguinarios tempos da média

idade, fossem tolerados entre povos christãos. A cavallhada porém ficou como uma imitação daquellas lutas cavalheirescas, que não custando o sangue nem a vida a ninguem, offerece um brilhante e nobre espectaculo aos olhos do povo. A equitação é uma arte util, necessaria mesmo; ninguem o póde contestar. A cavallhada produz estimulo e emulação entre os moços para se exercerem nesta vantajosa e nobre arte, dando-lhes occasião de alardear o seu garbo e destreza em dirigir um possante e fogoso ginete aos olhos do publico, e ás vezes tambem de uma amante querida, que do fundo do seu palanque o anima com um olhar, ou com um sorriso. Dizendo estas ultimas palavras, Elias lançou furtivamente sobre Lucia um olhar rapido.

— Triste meio de agradar ás bellas, fazendo papel de truão! exclamou com uma gargalhada o joven negociante.

— E' mais nobre e cavalheiresco, retorquiu Elias, do que o namoro nos bailes e nas igrejas, que é tão commum hoje. E ainda nisto a cavallhada é uma semelhança dos antigos torneios, nos quaes os campeões tinham sempre uma dama dos seus pensamentos, pela qual iam romper lanças na sanguinosa liça.

— Oh! meu senhor! já lá se foi o tempo dos D. Quixotes e das Dulcinéas, disse o negociante.

— E' verdade; hoje estamos no tempo dos melcatrefes e dos bonecos almiscarados; duvido que melhorassemos nesse ponto. O uso

de correr cavalhadas tambem produziria ainda uma outra vantagem, e seria inspirar aos nossos fazendeiros o gosto pela criação de bons e bonitos animaes, tendo mais capricho na escolha e apuração das raças cavallares, coisas de maxima importancia, e que em nosso paiz se trata com o maior desleixo. A cavallaria é uma das armas mais poderosas, principalmente nas guerras da America, onde ella é indispensavel, e sem bons cavallos e bons cavalleiros não póde haver boa cavallaria. Quando a arte fôr uma arte inutil, quando a carreira militar fôr uma profissão ignobil e desprezivel, então a cavalhada será um espectaculo só proprio para bobos e crianças.

— Não creia que hão de ser as cavalhadas, que se correm de annos em annos, quando se correm, que nos hão de dar bons cavalleiros, nem bons cavallos. Infelizes de nós, se não houvesse outros meios de obter-os, como as escolas de equitação, as corridas de parellhas...

— Mas onde está nada disso entre nós? As escolas de equitação seriam uteis, sem duvida; mas as cavalhadas e todos os espectaculos equestres seriam um complemento dellas, porque estimulariam os moços a se exercerem nessa arte offerecendo-lhes occasião de exhibirem em publico sua agilidade e galhardia. Ninguem frequentaria as escolas de musica ou de qualquer outra arte agradavel, se não houvesse occasião de apresentar

em publico, em occasiões solemnes como nas igrejas e nos theatros, seu talento e maestria. Para nós, porém, que desde a infancia andamos a cavallo, essas escolas são muito dispensaveis, e mesmo sem ellas sabemos, não só governar, como domar e doutrinar os mais fogosos animaes, e quando é occasião de nos apresentarmos em publico; em breve o senhor poderá julgar se somos ou não bons cavalleiros.

— Ah! pelo que vejo, o senhor tambem é um dos corredores da cavallhada? nesse caso peço-lhe mil perdões pelo que tenho dito; mas, meu amigo, a falar-lhe com franqueza, não lhe invejo o gosto.

— Embora!... O senhor acha ridicula a cavallhada; mas, pergunto eu, qual será mais ridiculo uma cavallhada ou um baile? Quem se presta mais ao debique publico: aquelle que dirige e sopêa um generoso corcel no meio da liça, soperando uma lança ou brandindo uma espada, ou aquelle que ao lado de uma dama arrasta os pés em um salão, fazendo medidas, trejeitos e requebros? Qual será a prenda mais util e mais nobre, a dansa ou a equitação? qual será mais proveitoso ao paiz: um bom dansarino ou um bom cavalleiro?

O negociante sentio-se algum tanto desconcertado com as calorosas tiradas do joven sertanejo em defeza das cavallhadas e que eram interrompidas continuamente pelos applausos e animadores apartes do Major. Lucia, que não suppunha Elias tão instruido e bem fa-

lante, o escutava com intima satisfação e applaudia, ora com um gesto, ora com um sorriso.

— Seja como quizer, meu caro senhor, disse o negociante. Não sabia que era cavalleiro e tão entusiasta; agora que o sei, não me animo mais a contrarial-o. Fique cada um com sua opinião que não vale a pena questionar sobre semelhante coisa.

E, dirigindo-se ao Major, mudou bruscamente de conversação.

No emtanto, Elias teve occasião de dirigir timidamente a Lucia algumas palavras sem importancia, só pelo prazer de falar com ella e de lhe ouvir a voz. Por fim sempre se animou a pedir permissão para offerecer-lhe a primeira argolinha que tirasse nas corridas do primeiro dia.

No dia 7 houve pela manhã a missa cantada, o Te-Deum e a parada de costume. Tudo era farda: no meio daquella multidão de uniformes, os homens vestidos á paizana formavam uma minoria imperceptivel. As familias que queriam ir á igreja eram conduzidas pelas crianças e escravas, pois os paes e os irmãos adultos por via de regra estavam debaixo de fórma. Assistindo-se aos festejos de gala nas villas do interior, dir-se-ia que não ha povo mais militarizado que o nosso. Entretanto não ha povo mais essencialmente pacifico, menos propenso á carreira das armas.

A lei lhe impõe o dever de envergar uma farda e entrar em fórma em certos dias do

anno, e eis em que consiste o militarismo e a missão unica da guarda nacional.

A' tarde tiveram logar as cavalhadas.

As tres horas, já os palanques toldados de colchas de côres brilhantes estavam atulhados de familias. Por baixo e em torno delles formigava remoinhando uma multidão inquieta, esperando com impaciencia o começo do espectáculo.

Por fim o estouro das girandolas e o repique dos sinos deram signal da vinda dos cavalleiros.

Dahi a um instante estes, divididos em duas turmas de dez cada uma, entráram na arena a galope por lados oppostos, montados em lindos ginetes ricamente ajaezados e enfeitados de fitas e europeis, penachos e resoantes guizos, e meneando as lanças ornadas de compridas fitas. Não traziam mascara, nem estavam trajados a character, como é costume em algumas partes; mas, segundo o uso do sertão, traziam uniforme militar á moda do tempo, cada um a seu talante e com primor e riqueza que podia. Uma das turmas porém trazia farda azul, e outra escarlata, figurando aquella os christãos, e esta os mouros.

Depois de fazerem diversas evoluções, postáram-se as duas turmas em fila defronte uma da outra nas extremidades do circo. Cada cavalleiro tinha o seu pagem da lança, a pé, conduzindo pela redea mais um cavallo á dextra.

E' escusado descrever todas as evoluções das corridas, porque supponho que os leitores pela maior parte têm assistido a este divertimento, se bem que elle hoje vá cahindo em completo desuso e esquecimento.

Elias era o segundo da fila dos mouros, e logo na primeira corrida ia sendo victima de um infeliz contratempo. Seu cavallo nimia-mente fogoso e pouco acostumado ao estrondo musica e da foguetaria, desgovernou-se, e era quasi impossivel ao cavalleiro fazel-o trilhar a linha marcada. Corria ou antes corcoveava á direita e á esquerda, como um poldro bravo. Elias exasperado o castigava rigorosamente. O cavallo falseou de uma das mãos, e cahiu de peito em terra. Elias saltou fóra dos arreiros; o cavallo levantou-se immediatamente; mas uma roseta da espora tendo-se embaraçado no sellim, Elias cahiu e foi arrastado pelo circo umas dez braças no maior perigo do mundo.

— Jesus! Maria! Misericordia! foi o grito de alarma, que resoou por todos os palanques.

Mas Elias se desvencilhára, e estava pres-tes a montar de novo; mas seus companheiros não queriam consentir; elle porém insistiu vivamente, até que um pagem, vindo a toda pressa do palanque do Major, veio pedir-lhe por parte deste e de sua filha Lucia, que não corresse mais naquelle cavallo.

— Sinhásinha teve tamanho susto, que ficou fóra de si, e quasi cahiu, disse o pagem.

Ao saber que Lucia tinha desmaiado, Elias teve impetos de matar ali mesmo o cavallo a lançadas e correr aos braços della; mas ao mesmo tempo não podia deixar de abençoar do intimo d'alma aquelle incidente, que viera revelar de modo tão positivo o gráo de interesse que inspirava á joven e gentil roceira.

O joven fluminense, que nunca largava a companhia do Major, estava em seu palanque.

— Oh! minha senhora! exclamou elle com certo despeito ao ver o susto e inquietação de Lucia, não vale a pena tomar tanto cuidado pelo pobre rapaz. Deixe-o; está no seu torneio; e se aqui não se quebram lanças, nem rompem-se couraças em honra das amantes, ao menos quebram-se as costellas no chão. E' resultado do enthusiasmo cavalheiresco.

Lucia apenas respondeu com um olhar de desprezo.

Elias, mudara os arreios para outro cavallo e as corridas continuaram. Elle ostentou-se sempre o mais garboso e mais habil cavalleiro.

Chegou a hora da corrida de cabeças.

São cabeças de papelão collocadas sobre quatro postes nos cantos, e uma quinta no meio da arena. Os cavalleiros, volteando a arena a galope, cada um por sua vez tem de enfiar-as na ponta da lança, tendo a ultima, a do chão, de ser tirada com a ponta da espada; é este ultimo passo o mais difficil, e em que poucos são felizes.

Elias, quando largou a lança, tinha nella enfiadas todas as quatro cabeças. Depois, em vez de desembainhar a espada como os outros, viram-no abrir alguns botões da farda, tirar do seio um curto punhal, e dependurando-se dos arreios com a presteza e agilidade de um gaucho, quasi sumir-se debaixo do cavallo, e depois reaparecer com a cabeça cravada na ponta do punhal. Os applausos e os foguetes retumbaram por todos os lados.

— Ah! meu Deus! exclamou Lucia involuntariamente e cobrindo os olhos com o lenço ao ver o moço naquella arriscada posição.

— Não se assuste, minha senhora, acudiu o fluminense, o rapaz está em seu elemento; é um excellente artista. No circo equestre do Bartholomeu este rapaz podia fazer fortuna.

Chegou por fim o momento de correr á argolinha, que é de todos os exercicios da cavallhada o mais difficil.

Os cavalleiros de ambas as turmas se reunem de um só lado. Em frente delles, na outra extremidade, está pendurada a um cordão preso a dois altos postes, uma argola de metal de uma pollegada de diametro. Os cavalleiros, cada um por sua vez sahindo a galope da fileira, têm de tentar enfiar-a na ponta da lança.

Quando chegou a sua vez, Elias tinha montado de novo o feroso rosilho; quando deram fé, já era tarde para estorval-o. O cavallo sahiu aos trancos, num galope aspero e

descompassado ; mas a despeito disso, quando Elias passou entre os postes, a argolinha tinha desaparecido do cordão. Como é de estylo, dois cavalleiros vieram escoltal-o, e elle, ao som de applausos, musicas e foguetes, dirigiu-se ao palanque de Lucia. Esta, com o mais amavel dos sorrisos nos labios e com mão tremula de emoção, na fôrma do costume, atou-lhe na ponta da lança um mólho de largas e compridas fitas, e elle volteou de novo a arena a toque de musica e estouros de foguetaria. Era o heróe da festa.

Seguiu-se a embaixada. Um parlamentar, montado em um formoso e bem doutrinado ginete, sahio caracolando, dansando, pino-teando para o meio da arena, e em um discurso bombastico no estylo do *Carlos Magno*, intimou por parte do rei dos christãos ao chefe dos infieis que se rendesse á discricção, etc. Mas o turco descrido não está por isso, e com a mais despejada arrogancia jura por Mafoma, que se não renderá, e desafia a colera do christão vencedor. Então ha a corrida desordenada. Os cavalleiros christãos em massa investem sobre os turcos, os quaes não podendo sustentar o choque, correm atropelladamente pelo circo, uns para aqui, outros para acolá, sempre perseguidos pelos christãos. Emfim os mouros, vendo-se apanhados, põem rapidamente o pé em terra e, largando seus cavallos, correm a procurar refugio e padrinho cada qual em um palanque de sua escolha, e assim aquelles perros infieis, abrigados

cada um aos pés de uma belleza christã, de cujas mãos querem receber o baptismo, ficam inteiramente a salvo da sanha dos perseguidores.

Elias, que era mouro, atracou-se logo ao palanque do Major, e foi apadrinhar-se com Lucia. Esta com alegre alvoroço e quasi pensando em sua imaginação infantil, que aquillo era uma realidade, adiantou-se sorrindo a dar a mão ao cavalleiro. Como é costume nessas occasiões, este foi convidado a jantar em casa de sua madrinha.

Assim passou-se alegremente o primeiro dia de festa. Os outros dois, que se seguiram, correram igualmente animados e folgaram sem incidente algum, cabendo sempre a Elias as honras do dia nas cavalhadas.

### III

#### NA ROÇA

Festas acabadas, musicos a pé. Por vir muito a pello, cahe-me agora do bico da penna este annexim popular.

Acabada a festa, tudo cahiu na tristeza e

monotonia, não direi ordinaria, porém muito peor ainda, pois contrastava horrivelmente com a alegria e festivo alvoroço dos dias que acabavam de escoar-se, e dos quaes sómente restavam as saudades.

Elias, de garboso e brilhante cavalleiro que era, passou a não ser mais que mero peão. Isto é, voltou á sua condição de moço pobre e sem posição.

O Major teve de demorar-se alguns dias ainda na villa. Elias durante esse tempo não deixou passar um dia sem ir á sua casa; era porém muito maior a frequencia de seu rival, cuja importuna assiduidade já escandalisava os olhos do publico. Lucia raras vezes lhe apparecia, e só quando era chamada por seu pae. Outrotanto não praticava com Elias, a quem vinha sempre cumprimentar com ar modesto, mas com as faces incendiadas em certo rubor, que significava muito. Este procedimento enchia de despeito, e feria dolorosamente o amor-proprio do negociante :

— Sempre é da roça ! dizia elle com seus botões para desabafar seu desgosto. Estas matutas são assim mesmo ; parece que têm medo dos homens de certa classe e de certa educação mais elevada, e só se ligam com os da sua relé. Quando lhes apparece em casa alguma pessoa mais bem trajada e de maneiras mais polidas, apenas animam-se a espiar por trás das portas... Mas esta moça... julguei que tivesse um bocadito mais de espirito... qual ! E' como as outras, ou peor. Lá se avenha ella

com o palerma do seu cavalleiro andante. Lé com lé, cré com cré. Admira que o bobo do Major não perceba certas coisas e não veja que aquelle lorpa lhe anda fazendo côrte á filha. Queira Deus que dali não sáia alguma alhada! Muito me hei de divertir com isso.

Falando assim, porém, o nosso negociante nem por isso estava desanimado, nem abandonava o campo. Sabia que o rapaz não era do logar, e tinha de ir-se embora. Mesmo que não fosse, estava firmemente convencido de que o Major, homem de fortuna, jámais se resolveria a dar sua filha a um pobre diabo, que não tinha onde cahir morto, só porque sabia correr cavalhadas. Assim pensava, e guardava-se para melhores tempos.

Elias, que viêra de Uberaba expressamente para tomar parte nas cavalhadas, — pois tinha bem merecida nomeada de bom cavalleiro por todos aquelles sertões, — Elias viêra recommendado ao Major por pessoas importantes daquella localidade, e portanto a sua assiduidade em casa deste tinha explicação muito natural, e o Major estava longe de presumir que o moço tivesse a velleidade de pôr olhos apaixonados em sua filha. Estulto e cego, que pensava que o amor calcula as difficuldades e mede as distancias das posições, e que não via que aquellas duas creaturas eram proprias para se inspirarem mutuo e ardente amor!

Mas, ai delles! approximava-se o tempo de se separarem, e esta lembrança os enchia

de angustia e melancolia. Viram-se, amaram-se, e sabiam que eram amados; mas nunca, por uma palavra que fosse, tinham confessado um ao outro aquelle sentimento, e agora iam separar-se sem um adeus, um aperto de mão, um protesto, que os confortasse naquella longa, e quem sabe, se eterna separação!

Elias andava excogitando um meio de despedir-se de Lucia e protestar-lhe seu eterno amor, quando o Major o veio tirar desse embaraço e encher da mais viva alegria. O Major tomára *sympathia* e afeição pelo joven uberabense, e como lhe era recommendado por pessoas a quem não podia deixar de servir, o convidou para sua fazenda, onde, dizia o Major teria muito em que empregal-o, até que podesse procurar melhor arranjo.

Faça-se idéa do prazer e ufania com que Elias partiu, atravessando a villa ao lado da sua amada, montado no proprio rosilho em que tantas brilhaturas fizera nas cavalhadas.

Installado na fazenda do Major, Elias foi ali tratado com affectuosa bondade, como se fôra um membro da familia. Era o escripturario, ou antes secretario particular do Major, e posto que a escripturação de um fazendeiro do sertão seja quasi que nenhuma, todavia o pae de Lucia, na sua qualidade de Major do estado-maior e occupando um cargo de policia, que raras vezes exercia, tinha varios officios a fazer e a responder, e não deixava de tirar proveito da boa lettra e das luzes de Elias.

Elias era tambem excellente musico : tocava diversos instrumentos, tinha uma boa voz, e todas as noites divertia os serões da familia cantando modinhas e cançonetas, acompanhando-se com uma viola, unico instrumento que havia em casa. Portanto, além de gentil cavalleiro, Elias era tambem insigne trovador. Tudo isto reunido a alguma instrucção e a uma conversação agradavel, tornava a sua companhia sempre amavel e desejada. Assim, quando acontecia ausentar-se por alguns dias em algumas commissões, de que ás vezes o Major o encarregava, sua falta era muito sentida no seio daquella pequena e respeitavel familia.

Lucia e sua irmã mostravam muita vontade de aprender um pouco de musica. Tendo um tão bom mestre em casa, o pae não pôde deixar de condescender com os desejos de suas filhas, e encarregou a Elias de, nas horas vagas, dar-lhes algumas lições.

Todos os dias, pois, em horas indeterminadas, via-se Elias, na espaçosa varanda, assentado em um comprido e antigo banco de cedro entre as duas meninas, debaixo das vistas do Major, bem entendido, occupado em ensinar-lhes os rudimentos de musica, e a dar-lhes lições de solfejo. A perspectiva que tinham em frente era magnifica : a vista se perdia por vastas e risonhas campinas e remotos horisontes, banhados pela luz de um sol esplendido. E por entre a algazarra dos melros, pintasilgos e patativas, que chilravam em

torno da casa, e os gorgeios cadenciados do sabiá que cantava ao longe, ouviam-se os ensaios tímidos daquellas duas vozes infantis. Era de sobejo para encantar e exaltar a imaginação impressionavel do mancebo, que nessas horas de doce occupação esquecia-se de si, de sua pobreza, do seu futuro, para se entregar ao enlevo do mais puro e do mais ideal dos amores. As duas alumnas tambem, por sua parte, e principalmente Lucia, tinham aquellas horas pelas mais bem empregadas da sua vida. Mas Elias já tinha lido a Julia de João Jacques Rousseau, e no meio de suas doces emoções ás vezes estremecia ao lembrar-se da sorte dos dois amantes no romance do immortal philosopho de Genebra.

O contacto intimo daquelles dois corações, que pareciam creados um para o outro, acabou de abrasal-os em uma paixão energica e profunda, dessas que não se extinguem senão com a vida. No seio da solidão as paixões tomam maior vulto e se enraizam mais na alma, do que no meio do bulicio e das distracções do mundo. A alma solitaria é como a fonte do deserto, resguardada dos ventos, que no regaço limpido e immovel guarda fielmente a imagem do arvoredado que a sombrêa.

Lucia e Elias se amavam; todavia nem uma só palavra de amor lhes havia ainda escapado dos labios; os olhares e os sorrisos diziam tudo; elles sabiam muito bem que se amavam, e era quanto bastava para sua felicidade. Como dois cysnes, deixavam-se levar

descuidosamente pela torrente placida e voluptuosa das emoções presentes, sem se lembrarem que mais além podiam ser arrastados e despedaçados por furiosas cachoeiras, ou engulidos em trevos sorvedouros.

Elias suspirava por uma occasião de poder estar a sós com Lucia, e de declarar-lhe de viva voz o seu amor; mas essa occasião por si mesma não podia offerecer-se. Todos os dias tomava a firme resolução de pedir furtivamente á moça uma entrevista, cujo logar e hora já tinha premeditado. Mas quando era occasião de falar-lhe, um invencivel acanhamento como que lhe paralysava a lingua; receava profanar com aquelle pedido a pureza angelica daquella creatura.

Um dia emfim revestiu-se de animo a superar os seus escrupulos.

— Ah! Se eu um dia podesse lhe falar sem testemunhas, e revelar-lhe tudo quanto sinto! disse elle baixinho a Lucia numa occasião em que o pae se ausentara por um momento.

— Mas... isso... não póde ser, murmurou Lucia com voz breve e decisiva, mas cobrindo-se de tal vermelhidão, que se teria trahido completamente, se ali houvessem olhos perspicazes e perscrutadores.

— Talvez possa, continuou Elias sorrindo. Sei que a senhora passa ás vezes horas inteiras sósinha na fonte do quintal. Ficará muito assustada, se eu um dia lá apparecer?

— Sem duvida!... não; não vá; senão, nunca mais lá voltarei.

— Nada receie; eu a respeitarei tanto ou mais do que se estivessemos aqui em presença de seu pae.

— Não vá, não... tenho medo. Agora nunca mais irei lá sósinha.

— Perdão, minha senhora! não lhe teria feito este pedido, se soubesse que me tinha tanta aversão.

— Aversão!...

Os tamancos do Major resoando no soalho, annunciavam a sua volta, e impozeram silencio aos dois amantes.

No primeiro dia que se seguiu a este colloquio, Lucia cumprio restrictamente a ameaça que fizera de não voltar mais á fonte; mas só Deus sabe quanto isto lhe custou. No segundo dia foi, porém acompanhada de sua irmã e de Joanna; pensava sériamente nas consequencias daquelle passo, e tinha medo; mas o coração a arrastava para lá. Elias, que tudo observava com a vista perspicaz do amante, que ouvia a voz della, sentia-lhe os passos, e quasi adivinhava quando estava em casa, e que, além disso, subindo um pouco pela encosta do espigão podia devassar o estreito trilho que embrenhando-se pelo pomar ia ter á fonte, não pôde deixar de manifestar seu descontentamento não por palavras, mas por seu ar triste e taciturno.

Ao terceiro dia Lucia não pôde conter-se, tomou sua cestinha de costura, e lá desceu a

sentar-se á sombra, no gramal da fonte. Elias bem o presentio ; mas era já muito tarde para ter tempo de dar as voltas necessarias afim de occultar seus passos ; e portanto lá não appareceu.

— Cumpriu a sua promessa de não ir mais á fonte ? perguntou-lhe elle no outro dia á hora da lição.

— Cumpri, sim senhor ; sósinha não vou lá mais.

— Entretanto, se me não engano, parece-me que a vi hontem descer sósinha para lá.

— Quem ? a mim ? o senhor vio ?...

— Sim, senhora, vi ; e creio que era mesmo a senhora.

— Póde ser... á tarde faz tanto calor aqui em casa ; e demais estou certa que o senhor lá não ha de apparecer, não é assim ?

Elias sorriu-se, e Lucia sentiu o rubor afogear-lhe as faces.

Elias costumava caçar pelos campos do arredor, mui abundantes em perdizes, codornizes e outras caças.

No dia seguinte, logo após o jantar, arreou seu cavallo, pegou na espingarda, chamou seu cão, e sahiu. Deu longas voltas para poder, sem ser observado, entrar pelo capão que desde as cabeceiras bordejava o correjo até os fundos do quintal. Apenas se embrenhou no matto, apeou-se, atou o animal á uma arvore, e desceu costeando o correjo por estreitos trilhos feitos pelos pés do gado e de animaes silvestres.

Elias contava quasi com certeza encontrar Lucia na fonte, e não se enganou. Ella lá estava com effeito, não naquelle doce descuido d'alma, em que a temos visto outras vezes, mas inquieta, anhelante, como a corça espavorida, que cuida ouvir a cada instante o latir dos cães e as vozes do caçador.

A entrevista durou apenas alguns minutos. Elias, que tinha estudado mil phrases apaixonadas, apenas disse, tomando-lhe a mão e beijando-a :

— Eis-me aqui, D. Lucia; perdoe-me esta audacia... se soubesse quanto a amo !...

— O senhor é bem animoso, disse ella entre risonha e enfadada. Não lhe tinha perdido que não viesse aqui ?...

— Bem vos queria obedecer; mas o amor foi mais forte que eu. Vim para ouvir de seus labios uma só palavra de que depende a minha felicidade, a minha vida. Diga-me, a senhora me tem amor ?...

Lucia hesitou um instante, fitou os olhos no chão, e murmurou timidamente :

— Muito !...

— Anjo ! exclamou Elias cahindo a seus pés e procurando derramar em palavras de ternura o prazer que lhe transportava a alma ; mas não pôde dizer mais nada. Quando o coração está cheio de felicidade, a vida toda se concentra ali, a cabeça fica erma de idéas, e a lingua fica paralyzada.

Mas Lucia immediatamente o tirou daquelle embaraço, dizendo-lhe com ar inquieto :

— Está satisfeito o seu desejo. Agora retire-se, retire-se quanto antes. A cada momento pôde aqui chegar alguém...

E tirando uma flôr que tinha no cabello, a entregou a Elias. Este enlaçando-lhe o braço em torno ao collo, tomou-lhe a mão e beijou-a com ardor. Foi tudo quanto ousou fazer.

— Adeus!

— Adeus!

Quando Lucia tendo dado alguns passos voltou o rosto para ver ainda uma vez seu amante, avistou-o de joelhos, beijando a relva em que ella estivera reclinada. Fez-lhe vivamente aceno com a mão, para que se retirasse, e sumiu-se entre o laranjal.

Eis em que consistiu aquella entrevista tão ardentemente desejada. Parece que não valia a pena tomarem tanto trabalho, sujeitarem-se a tantos sustos e inquietações, para trocar duas palavras, dar um beijo na mão e receber uma flôr. Mesmo debaixo dos tectos do Major não faltaria occasião azada para fazerem outrotanto muito a seu salvo. Mas era sempre uma entrevista, e uma entrevista tem grande importancia aos olhos dos amantes, principalmente se tem logar ao ar livre, tendo por testemunhas o céu, o bosque, a fonte. E' mais uma prova de confiança mutua, uma garantia mais solemne da lealdade e pureza do amor. O beijo da entrevista é o sello imposto ao contracto que liga para sempre duas almas.

Os amantes são de ordinario mui facéis em capacitar-se de que ninguem adivinha o sentimento que lhes occupa o coração; cegos, não se apercebem que em cada palavra, em cada gesto, em cada olhar estão trahindo a todo o momento a paixão que julgam escondida nos mais intimos seios d'alma e que entretanto lhes vai transparecendo em todo o seu ser. O Major não era dotado de grande perspicacia, nem tinha muito conhecimento do coração humano, coisa que nem em si mesmo tivera occasião de estudar, pois nunca vivera a vida do coração. Todavia chegou a desconfiar, e em breve se convenceu da existencia de uma mutua afeição entre Lucia e o seu joven protegido, e já bem tarde arrependeu-se de ter dado a este tão franco gasalhado em sua casa. Casar sua filha com um pobretão, que além da roupa do corpo só possuía um cavallo, um cão e uma espingarda, um estranho, sem nome, sem fortuna, sem posição, era coisa cuja possibilidade nem por sombra passava-lhe pelo espirito. Seu primeiro cuidado foi portanto atalhar logo o mal, antes que tomasse maior vulto. Desde logo tratou de supprimir as lições de musica. Não o fez porém abertamente; mas todas as vezes que era occasião de tomar lição, achava pretexto para atrapalhal-os, inventando algum serviço urgente, ora para o mestre, ora para as discipulas. Além disso occupava mais que de costume a Elias em commissões e viagens, de modo que este pouco tempo parava em

casa. Assim julgava elle impedir o progresso do mal, emquanto procurava ageitar um meio suave e natural de se ver livre de tal hospede.

Lucia e Elias portanto já raras vezes se viam. Estava mais que claro que tudo aquillo era manobra do Major, que por certo já suspeitava a existencia de sua reciproca affeição. Elias comprehendeu que era tempo... de que?... de pedir Lucia em casamento?... não por certo. Na posição precaria e quasi desvalida em que se achava, não se abalançaria a dar semelhante passo; só podia esperar um *não* redondo, categorico e humilhante. Era tempo de dizer adeus a Lucia, ao amor, á felicidade, e tambem á ultima esperanza que lhe restava n'alma.

A persuassão de Elias ainda mais se confirmou, quando um dia o Major, com o tom o mais benevolo e paternal do mundo, lhe disse :

— Meu amigo, creia que lhe quero bem, e sinceramente desejo o seu adiantamento. Um moço como o senhor, que teve estudos, e tem tantas habilitações, não deve estar-se perdendo em uma roça, onde as suas prendas e habilidades de nada lhe podem servir. Em qualquer povoação que se estabeleça, póde com facilidade ganhar dinheiro e posição, ao passo que aqui, na roça, falo com franqueza de amigo, está perdendo completamente o seu tempo. De minha parte, qualquer que seja o logar para onde deseje ir, póde contar sempre com o meu pequeno prestimo naquillo em que lhe poder ser util... e...

— Tem razão, Sr. Major, interrompeu vivamente Elias; V. S. preveniu-me em um proposito que eu já ha muito tinha formado. Vejo que aqui em sua casa sou um ente inutil e que não é á sombra de seu telhado que poderia encontrar fortuna, nem felicidade.

— Agastou-se commigo?... não o estou mandando embora... é apenas um conselho de amigo.

— Não me agastei, Sr. Major; já lhe disse que era o meu proposito, só receava, que V. S. o não approvasse; agora que sei o contrario, dê-me as suas ordens, que pretendo partir o mais breve possível.

Elias bem sabia o motivo daquelle procedimento do Major, e nada tinha que lhe replicar. Era um modo polido de despedil-o. De feito não era possível de modo mais benevolo e lisonjeiro cravar-se o punhal no coração de uma victima. As palavras do Major cahiram-lhe como rochedos sobre o coração com peso esmagador. Forçoso lhe era deixar Lucia, talvez para sempre!

— Ah! pobreza! pobreza! maldita pobreza! exclamava Elias em transportes de frenesi, entrando para o seu aposento. Pobreza! tu és o peor dos males que affligem a humanidade, peor que a fome, peor que a lepra, peor que a morte mesmo. De toda a parte és repellido, como se fôras um mal contagioso. Além de faltarem ao pobre todas as commodidades materiaes da existencia, são-lhe vedados todos os prazeres do coração. O pobre não pôde,

não deve amar... Ah! se eu fosse rico!... porque não quiz a sorte, que eu possuísse um pouco de dinheiro? mas quem me impede de o ter? os outros, que o ganham, são porventura melhores do que eu?... Sou moço, e, graças ao céu, tenho saúde, robustez e a intelligencia necessaria para saber ganhar dinheiro... A Bagagem está ali perto... é um garimpo riquissimo... pouco custa cavar a terra, e lavar o cascalho. Major! Major!... tu me expelles de tua casa por ser pobre... mas, ah! Major! queira Deus, que bem cedo não te arrependas do pouco caso que hoje fazes de mim, e não venhas humilhado implorar o perdão a meus pés. Major! por ti só, tu nada vales; e esse teu vil procedimento eu o lançaria ao desprezo, sem que me custasse um só momento de somno. Mas tua filha vale um thesouro e é por amor della que eu soffro, e é por ella e para ella que eu juro e protesto... serei rico, ou do contrario nem tu, nem ella, nem mais ninguem neste mundo me verá a face.

As relações entre Lucia e Elias estavam pois completamente interceptadas. Ha muito tempo não se viam senão á hora do jantar com a familia. Este era para elles o peor dos martyrios. Iam-se separar sem poderem dizer-se um adeus... Um medianeiro seria para elles naquella occasião um presente do céu, para se communicarem suas angustias, receios, e esperanças, se esperanças podiam ter. Só Lucia poderia achar um meio de comunicação entre elles, Lucia lembrou-se de Joanna; era

a unica pessoa a quem podia incumbir tão melindrosa tarefa. Ella sabia muito bem que a velha e matreira creoula já estava ao facto de seus amores com Elias, e portanto nada arriscava encarregando-a de um recado ou de um bilhete.

— Joanna, tu has de me fazer uma coisa !...

— Porque não, sinhásinha?... qual é essa coisa?

— Entregar-me este bilhete a... meu mestre.

— Para que isso, minha sinhá?... esqueça-se desse moço; amanhã elle vai-se embora...

— E' por isso mesmo; quero dizer-lhe adeus. Entregas?

— Eu sei !... Nhonhô sabendo não ha de gostar; elle já anda resabiado, e me recommendou que não deixasse sinhásinha andar sósinha.

— E que necessidade ha de que elle saiba?... isto não faz mal; o moço tem de retirar-se, e talvez nunca mais nos encontremos, disse a moça suspirando.

— Ah! sinhá! eu... não... sei...

— Vai; leva isso e cala-te. Se elle te der alguma coisa para trazer-me, entrega-me fielmente, ouviste?

— Sinhá mandou... que remedio tenho eu...

Nessa noite Elias recebia o seguinte bilhete;

« Meu pae já tem conhecimento de nosso amor, e como bem está se vendo, não o approva. Vejo que nossa separação é inevitavel. Não posso explicar quanto tenho soffrido. Não sei o que será de mim, e nem vejo remédio para nossa desgraça. Tudo poderão fazer de mim menos arrancar-me do coração este amor que lhe consagro. Adeus, não se esqueça desta infeliz, que, aconteça o que acontecer, ha de amal-o sempre, sempre »

Na manhã seguinte Elias mandou-lhe a seguinte resposta :

« Teu pae tem dado a entender claramente que não me quer mais em sua casa. Devo deixar-te, e amanhã mesmo estarei longe de ti; este golpe feriu-me cruelmente, mas não me desalenta. Sou pobre, e é essa a razão porque teu pae me despreza. Mas devia lembrar-se que sou moço, e, louvado Deus! tenho robustez e intelligencia, sei trabalhar, e amanhã posso ser rico. Adeus, Lucia; não percas a esperança, e ama-me sempre, que para tudo ha remedio. Eu vou trabalhar para me tornar digno de ti aos olhos de teu pae. O teu amor me alenta e me enche de coragem e de confiança em minha estrella. Ah! possas tu nunca faltar-me com elle! Eu parto com o coração ralado de angustia e de saudade. Terás noticias minhas... dentro em dois annos estarei de volta, ou... Adeus. »

No dia seguinte Elias seguindo caminho da Bagagem via sumir-se além no horisonte longinquo a fazenda do Major, e sentia como que um véo de lucto abafar-lhe o coração, ao passo que aquella aprasivel morada, que antes formára as delicias de Lucia, ia d'ora em diante tornar-se para ella um deserto horrendo, um exilio insupportavel.

## IV

## O GARIMPO

Tinham-se passado cerca de seis mezes, depois que Elias se retirára da fazenda do Major.

As vastas e profundas selvas, no seio das quaes corre ruidoso e turbulento o ribeirão da Bagagem, tinham tombado aos golpes do machado, deixando descortinada uma larga zona em uma e outra margem. No meio dos destroços da floresta viam-se dispersas em desordem as frageis e provisórias habitações dos garimpeiros, cobertas das compridas palmas do coqueiro baguassú. Por aquelle terreno bronco e selvatico, onde só se esperaria encontrar o tosco sertanejo, ou o africano semi-

nú, girava uma população polida e bem tratada, composta de pessoas de todas as procedências, que de remotas paragens acudiam a explorar o novo descoberto, cuja fama se espalhava muito ao longe, e ali reinava movimento e animação como em uma grande praça commercial.

Em quanto a alavanca e o almocafre retiniam pelas grupiáras extrahindo o cascalho precioso, os golpes do machado reboavam pelas florestas e de espaço a espaço um baque, estrugindo ao longo das encostas, annunciava a quéda de mais um tronco robusto e secular. O ronco das catadupas servia como de acompanhamento ás cantigas e algazarras dos garimpeiros, que ao longo da beira do rio lavavam alegremente o esperançoso cascalho.

Era uma tarde de novembro, pura, calma e cheia de esplendores. Já todos abandonavam o trabalho, patrões e trabalhadores, e se recolhiam a seus ranchos. Começava a acalmar-se o rumor e agitação do dia, e ouvia-se já a voz do sertanejo, que assentado á porta do rancho entoava ao som da viola seus toscos cantares, cujas notas prolongadas e melancolicas iam echoando ao longe pelas ribanceiras.

Um moço de alta estatura, de olhos e barbas negras, com os braços cruzados, e o chapéo de lebre enterrado nos olhos, estava em pé junto á margem do rio, encostado a um rochedo, inspeccionando com ar sombrio e preocupado o serviço de tres ou quatro trabalhadores, que lavavam as ultimas bateadas.

— Então, Simão? nada ainda? disse elle a um velho camarada, que acabava de deitar fóra o cascalho de uma bateada.

— Nada por ora, meu patrão, respondeu o camarada, isto aqui não pinta; amanhã havemos de abrir outra guapiára ali mais em baixo...

— Entretanto, tu bem vês: ha aqui as melhores formações: ferragem, olho de pomba, palha de arroz, captivo, nada falta; e entretanto ha mais de dois mezes que aqui estamos trabalhando, e nos devemos dar por felizes se o serviço tem dado para salvar a metade das despezas. O diabo que as leve as taes formações ou informações; não as entendo; isto é uma burla. Acho que se fossemos plantar batatas, fariamos melhor negocio. Anda, Simão; quebra essas batêas, atira ao rio esses almocafres, e vamo-nos embora para nosso paiz. E' escusado andar procurando no seio da terra o que lá não guardamos.

— Tenha paciencia, meu patrão, respondeu o camarada. Dêmos ainda um pequeno serviço amanhã... ali, ali mais em baixo, patrão, e eu que não me chame Simão, se a coisa ali não pintar. Tenha fé e reze a Nossa Senhora, e verá se amanhã ou depois o diamante graúdo não vem allumiar no fundo da batêa.

— Historias! meu Simão; todos os dias me dizes isso, e o resultado é sempre o que estamos vendo.

— Mais dois dias só, patrão; e eu que seja enforcado, se não acharmos coisa que sirva.

— Não creias nisso, Simão; a sorte me persegue; tenho de ser pobre e desgraçado toda a minha vida, murmurou o moço no tom do mais profundo desalento.

— Não desanime assim, patrão; não se lembra mais da cigana, que leu a sua sina, e disse que a sua estrella é de pedra...

— Sim, e é de pedra mesmo, ou mais dura do que pedra. O diabo leve quanta cigana ha neste mundo, e todas as suas predicções.

Nisto os trabalhadores puzeram tristemente os seus almocafres ao hombro, pegaram em suas batêas, e se retiraram. Elias e Simão ficaram ainda.

Simão era um velho alto e magro, mas robusto e bem constituido, de côr bronzeada, e que parecia ser de raça mixta de indio e africano. Desde menino fôra camarada do pae de Elias, ao qual sempre servira com a maior dedicação e lealdade. O pae de Elias tambem o estimava e queria como a um verdadeiro amigo, e tendo fallecido ha quatro ou cinco annos sem poder deixar áquelle seu unico filho outra herança mais do que uma excellente educação, que infelizmente não pôde concluir, em seus ultimos momentos rogou ao velho caboclo, que acompanhasse sempre, que nunca abandonasse a seu filho, que ficava com 17 a 18 annos de idade.

Não era preciso que o velho o rogasse: Simão nunca abandonaria o joven patrão, a quem na infancia carregara nos braços e a quem votava affeição de pae.

Simão era garimpeiro mestre, muito conhecedor de terrenos diamantinos, de que tinha adquirido grande pratica na Diamantina, de onde seu defunto patrão e elle mesmo eram naturaes, e onde tinham residido nos primeiros tempos de sua vida.

Simão era verdadeiramente um habilissimo garimpeiro, e parecia que farejava o diamante; mas infelizmente para o seu joven amo, para quem sómente trabalhava, e para quem desejaria descobrir um thesouro, a sua grande habilidade tinha ficado sempre em falta, o que summamente o affligia; mas nem assim desesperava.

— E' aqui mesmo na Bagagem, meu amo, dizia-lhe elle ás vezes, é neste chão mesmo que está enterrada a sua estrella de pedra.

Quando Elias foi para o Patrocínio correr cavalhadas, Simão que vinha com elle, quiz ficar na Bagagem.

— Já que estou aqui, patrão, vou ver se acho a sua estrella de pedra. Tambem o patrão não vai para longe; se precisar de mim, é um pulo. Compre um pedacinho de grupiára, e deixe-me trabalhar.

— Ah! meu velho Simão; exclamou o moço, logo que os outros se retiraram, estou perdido! estou desesperado! não sei o que faça.

— Garimpar, patrão, garimpar! não desanime tão depressa; joguemos a ultima cartada.

— Mas, Simão, se isto continuar assim, e continúa, estou certo, em breve não terei mais com que pagar as poucas praças que tenho no serviço.

— Não importa, patrão; póde mandal-as embora; eu sósinho trabalharei. Quando se tem de ser feliz, tanto vale ter uma como dez ou cem praças; e não sei porque é, tenho mais fé quando trabalho sósinho.

— Trabalha para ti, meu pobre Simão; estás velho, precisas guardar alguma coisa para quando não poderes mais trabalhar. Eu mesmo, infeliz de mim! não sei se te poderei valer em tempo algum. Deixa-me entregue á minha má ventura; é loucura lutar contra o destino... ah! Lucia... Lucia... nunca mais te verei!

E o moço pendeu a cabeça e tapou os olhos com as mãos, mergulhado em profunda tristeza.

— Pobre de meu patrão!... o que é isso!... tenha animo! quem porfia, mata caça... O patrão ha de ser rico, e ha de se casar com essa Lucia, em que está sempre a falar. Ha uma voz que sempre me diz cá dentro, que o patrão ha de ser rico, e ha de ser mesmo. Já fiz uma promessa a Nossa Senhora do Patrocinio, e ella nos ha de valer.

— Assim te ouça ella, Simão. E eu não queria lá grandes riquezas. Bastava achar neste

chão uma somma qualquer para me servir de principio ; cinco contos, quatro, dois mesmo já me chegavam para servir de base a excellentes especulações. Com actividade e o pouco de intelligencia que Deus me deu, eu os faria multiplicarem-se em minhas mãos em pouco tempo. A não me cahir do céu, só do seio da terra eu poderia arrancar esse começo ; os homens não m'o dariam, e nem eu jámais lh'o iria pedir. Mas este chão ingrato é como o céu, surdo a meus rogos.

— E eu, patrão, tenho fé que deste chão mesmo é que havemos de arrancar, com o favor de Deus e Maria Santissima, não digo um principio de riqueza, mas uma riqueza inteira.

— E entretanto ha seis mezes que trabalho sem descanso, e em vez de principio, aqui vim encontrar o meu fim, a morte de todas as minhas esperanças ; aqui acabei, completei a minha miseria e minha desgraça.

— Meu amo hoje está muito abatido !... vá passear, vá girar o commercio. Vamos ter uma bonita noite. Vá divertir-se.

— Não, Simão ; estou muito aborrecido ; não tenho desejos de ver a cara de ninguem. Se queres, podes retirar-te.

— E o patrão o que fica fazendo aqui sósinho.

— Fico a tomar fresco por um instante ; estou com a cabeça a arder-me.

Já era quasi noite. Elias assentou-se numa pedra, e com a cabeça entre as mãos e os coto-

velos sobre os joelhos, apenas se achou só, começou a desabafar suas maguas, falando comsigo mesmo e quasi chorando de desespero.

— Já lá vão seis mezes, e até hoje nada ! nada absolutamente. Eu teria feito melhor, sem duvida, se tivesse aventurado o pouco que possuia em uma mesa de lansquenet. Ao menos teria ganhado ou perdido depressa e sem trabalho esse pouco que tinha, e eu seria o unico trabalhador... E que me importariam diamantes e todas as riquezas do mundo, se não fosses tu, Lucia, que me accendeste no peito uma sede de riquezas, que eu nunca sentiria se não te conhecesse. Mas tu não tens a culpa, tu, a mais bella, a mais ingenua e a mais nobre das creaturas. A culpa é de teu avaro e ignobil pae, que põe a preço de ouro a posse de tua mão. E assim se profana vilmente, assim se vilipendia a sorte de um anjo sobre a terra. Estás calculada em ouro, e eu, desgraçado de mim ! por mais que rogue ao céo, por mais que cave a terra, não posso achar esse ouro ! E em vez de achal-o, tenho cavado mais fundo ainda o abysmo de minha miseria. Não importa ! proseguirei ainda. Já agora consume-se até ás ultimas a minha má sina. Já bem pouco me resta. Venderei meu cavallo, meus arreios, minha faca de prata, e darei tudo ainda a devorar a este maldito garimpo, que até aqui tão desapiedadamente me tem tratado. E quando evaporar-se a ultima esperança... as

cachoeiras deste ribeirão são fundas e escabrosas, e minhas pistolas não negam fogo...

Elias ia talvez continuar aquelle triste monologo, inspirado pelo desespero, quando um som de passadas que se avisinhavam, o fizeram levantar subitamente o rosto. Era um homem algum tanto idoso e bem trajado e de agradável presença, que a passos vagarosos se encaminhava para elle.

— Perdão, disse o desconhecido cumprimentando-o. Perdão, se o vim indiscretamente perturbar em suas tristes reflexões, e se, sem o querer entrei no segredo de sua desgraça...

— Ah! o senhor ouvia-me?...

— Sim, senhor; mas sem o querer; espero que me desculpará...

— Sem duvida; nem posso levar a mal o acaso que aqui o trouxe a ponto de ouvir as minhas loucuras. Demais a minha infelicidade, ainda que eu o queira, d'aqui em diante não poderá ser um segredo.

— Todavia não deixei de ser por demais curioso, eu o confesso. Eu estava ali entre aquellas burras apanhando algumas formações do cascalho e examinando-as, e ouvi tudo. Devia-me retirar, é verdade; mas o que ia ouvindo, começou a interessar-me por tal sorte, que como a pezar meu ali fiquei pregado a escutal-o. Mas pôde ficar certo que o interesse que me inspirou, e não uma vã curiosidade, aqui me trazem para junto do senhor, e que suas palavras cahiram em ouvidos de

quem sabe respeitar os segredos e as maguas alheias.

— Não tenho disse a menor duvida, e muito folgo de ter esta occasião de travar conhecimento com um homem que, segundo todas as apparencias, é digno de toda a estima e respeito. Só lhe peço que não dê importancia alguma ás loucuras que eu estava dizendo; estava desabafando minhas maguas com estes rochedos; são delirios da imaginação de um homem a quem a fortuna persegue.

— Perdão; eu sou mais velho, tenho tambem soffrido muito, e portanto me desculpará se lhe falo com uma franqueza algum tanto rude. E' uma vergonha para um moço, como o senhor, ainda na flor dos annos, e que, ao que parece, tem bastante intelligencia e actividade, deixar-se assim abater covardemente ao primeiro golpe da adversidade...

— Mas ah! se o senhor soubesse as circumstancias fataes em que me acho. Não é a falta de fortuna que eu lamento...

— Já sei; desculpe-me interrompel-o: eu ouvi tudo, e nem assim acho justificação ao seu desalento. O senhor ama uma rapariga, não é assim? e é por amor della que deseja adquirir alguma fortuna. E' mais um motivo para querer viver, e proseguir em novos e perseverantes esforços para adquirir uma posição brilhante, em que possa fazer a felicidade sua e della. Deve ser bem fraco esse amor, que succumbe logo diante da primeira difficuldade, que não sabe lutar contra a ad-

versidade, e ao primeiro contratempo julgando tudo perdido, só acha refugio no suicidio, sem se lembrar que com esse procedimento pusillanime vai encher de luto e desesperação o coração de sua amante. Se todos assim procedessem, recuando, logo desde as primeiras tentativas, quasi ninguem no mundo lograria seus intentos, quasi ninguem alcançaria as riquezas, as honras e a felicidade.

— Mas que posso eu fazer?... atirei-me num abysmo sem sahida, e no qual devo ficar para sempre sepultado.

— Pois a sua intelligencia, servida por dois braços juvenis e vigorosos, não lhe poderá abrir um caminho para sahir desse abysmo, que eu creio que só existe na sua imaginação? Admira que um homem, na sua idade e com tão boas disposições, tenha tão pouca fé no seu futuro, e tão pouca confiança nos homens!

Elias nada tinha que replicar ás justas e severas reflexões daquelle desconhecido, cujo exterior e cujas palavras sisudas logo á primeira vista inspiravam a um tempo respeito e sympathia e esperava com anciosa curiosidade o resultado daquella singular entrevista, que o acaso lhe preparava em tal occasião com um homem que nunca tinha visto.

— Saiba, porém, continuou o desconhecido, que não vim aqui só no intuito de animal-o e dar-lhe conselhos. Quero abrir-lhe, se puder ser, o caminho para desviar-o desse abysmo em que ainda não cahiu, como suppõe,

mas em que o desespero o ia precipitar. Venho fazer-lhe uma proposta; estará disposto a acceital-a?

— Fale, senhor; qual é ella? estou bem certo que não me proporá nada, que não seja para meu beneficio.

— E é sem duvida alguma. Em primeiro logar entendo, que este descoberto da Bagagem não pôde offerecer vantagem nenhuma a quem com pequenos capitaes quer tentar um começo de fortuna. E' um garimpo falaz e traiçoeiro. Sou da Bahia, e garimpeiro tambem; vim aqui examinar este novo descoberto, de que se me contavam maravilhas; vejo o contrario, e posso falar com pleno conhecimento de causa. Ha aqui, na verdade, e tem-se extrahido grandes e magnificos diamantes, como não os ha em outros garimpos. Mas esses não chegam a todos e o seu apparecimento mesmo é um engodo perigoso, que só serve para arruinar milhares de garimpeiros, e sómente felicita a um ou outro filho predilecto da fortuna. Póde-se dizer que esta terra, e o senhor é um exemplo, vingá-se cruelmente daquelles que lhe rasgam o seio. Não acontece o mesmo no Sincorá; ali o diamante é negocio que pôde chegar a todos, e qualquer moço activo e intelligente acha ali meios seguros de fazer em pouco tempo alguma fortuna.

— Tudo isso pôde ser, observou Elias; mas para subir a grandes alturas, é preciso pôr o pé nos primeiros degrãos e esses me faltam.

bem longe? amal-o-ia mais, ser-lhe-ia ella mais fiel, estando elle perto?

Tendo-se pois resolvido definitivamente, communicou sua intenção e contou a aventura da tarde a seu velho camarada, que assentado ao pé do fogo acceso no meio do rancho, fumava tranquillamente o seu cachimbo.

— Então Vmc. vai-me deixar, patrão? disse o velho, fitando em Elias olhos lastimosos.

— Como assim? pois tu não me acompanhas?

— Eu!... para tão longe?... ah! meu patrão! podesse eu... mas já estou velho e mofino; essas viagens já não são para mim... que necessidade tenho eu de ir largar os ossos lá tão longe?

— Mas nesse caso, meu bom Simão, tambem não vou.

— E porque não, meu patrão?

— Como hei de deixar-te aqui sósinho e desamparado!

— Não lhe dê isso cuidado. Ainda sei trabalhar. Deus é de misericordia, e nunca ha de faltar a este pobre velho um prato de feijão e um ranchinho em que durma. Já que é para seu bem, vá, meu patrão; Vmc. não deve perder um lance de fortuna, que vem mesmo agora a talho de foice, por amor de um velho camarada, que já para pouco presta. Tambem o patrão já não é tão creança que não possa sahir sósinho pelo mundo, e eu, a dizer

a verdade, mais lhe iria servir de peso que de outra coisa.

— Comtudo, Simão, não tenho animo de deixar-te assim. Se adoeceres...

— Não banze com isso. Tenho por aqui muito conhecimento, e muito patrão bom, que ha de ter dó de mim. Vá, patrão, e N. S. do Patrocínio permitta que seja para bem. No emtanto, cá para mim, a minha fé é mesmo com este garimpo daqui. E' deste chão, que nós havemos de um dia arrancar a sua estrella de pedra.

— Não creias tal, Simão, deste chão só podem brotar para mim espinhos e ortigas, lagrimas e miserias.

— Está bem!... um dia Vmc. se ha de desenganar; bote sentido no que estou dizendo. Vá para o seu Sincorá, e N. S. da Guia que lhe acompanhe. Vá procurar sua estrella de pedra lá por esse mundo de meu Deus, e deixe-me cá ficar procurando ella por aqui mesmo. Havemos de ver quem acha primeiro.

Elias nenhuma importancia ligava áquelles presentimentos do pobre Simão. Era simplicidade ou caduquice de seu velho camarada. Depois de conversarem mais algum tempo sobre sua proxima separação, ambos adormeceram; o camarada sobre um couro ao pé do fogo, e o patrão sobre sua pobre cama estendida sobre um giráo a um canto do rancho.

Dahi a alguns dias Elias abraçou chorando seu velho camarada, era o unico amigo que deixava na Bagagem! deu-lhe todo o dinheiro que ainda lhe restava, e tirando uma carta da algibeira, entregou-lh'a dizendo-lhe :

— Esta carta é para Lucia, Simão ; tu mesmo a irás levar em sua casa na fazenda do Major \*\*\* ; é um ultimo favor que quero te merecer. Ninguem lá te conhece, pedirás pouxada, e é impossivel que despertes a menor suspeita. Lá procurarás entregal-a occultamente a uma velha escrava por nome Joanna, que a levará fielmente ás mãos de Lucia.

— Vá socegado, patrão ; a carta ha de ser entregue.

A carta de Elias era assim :

«Já lá vão seis mezes que nos separámos e que me acho aqui na Bagagem, onde a fortuna me não sorrio. Manda-me agora o destino, que eu vá tental-a bem longe daqui, porém com muito melhores esperanças. Parto hoje para o Sincorá. Não te assustes, minha querida, com a distancia que vai separar-nos. Em qualquer parte que eu vá, te amarei sempre com o mesmo ardor e lealdade. Falta-me ainda anno e meio para cumprir o meu fadario. Mas não esmoreçamos ; conserva-me fiel e puro o teu amor, tua confiança no futuro e na Providencia, e o céu nos protegerá. Adeus, até o prazo marcado.»

Dahi a um instante Elias, em companhia de seu protector, partia para o Sincorá,

## V

## O BAHIANO

Já perto de dois annos eram passados, depois que Elias descorçoado de encontrar no solo da Bagagem ao menos os elementos de uma riqueza, que se tornára condição indispensavel para sua felicidade, ralado de saudades e com o espirito oscillando entre as mais sinistras apprehensões e as mais lisongei-ras esperanças, partira para longes terras em busca de fortuna, fiado na protecção de um homem que lhe era inteiramente desconhecido, abandonando seu destino á mercê da fatalidade.

A Bagagem já então apresentava o aspecto de uma povoação nascente, cheia de commercio, vida e animação, como são em seu começo todos os descobertos diamantinos. Já não eram simplesmente os toscos ranchos cobertos de baguassú espalhados em desordem ao longo das margens do rio. Por entre elles alvejavam já não raras algumas casas caiadas e envidraçadas, como garças pousadas entre um bando de pardacentas pombas silvestres.

Algumas ruas menos irregulares se iam formando, e nellas viam-se já bonitas e bem sortidas lojas e casas de negocio de toda a especie.

A Bagagem contava em seu seio talvez vinte mil almas á custa dos municipios vizinhos, que ficaram despovoados. Quasi todo o Patrocínio, o Araxá, grande parte do Piracatú e Uberaba tinham-se mudado para as mattas da Bagagem.

O Major<sup>\*\*\*</sup> tambem não ficára isento da mania geral, e, tentado pelo demonio do garimpo, deixou quasi em completo abandono sua lavoura, e veio estabelecer-se na Bagagem com sua familia e quasi toda a escravatura. Outro motivo tambem influio no animo do Major para dar esse passo. Lucia, depois da partida de Elias, tinha cahido em profunda tristeza e abatimento; sua saude se alterava e ella definhava, como a planta mimosa a quem falta a seiva da terra e o orvalho do céo. O Major bem conhecia o verdadeiro motivo daquella indisposição de sua filha; mas, ou para affectar que nem a possibilidade concebia de uma paixão amorosa, ou mesmo porque respeitava a delicada susceptibilidade dos sentimentos de Lucia, fingia ignoral-o. Portanto julgou conveniente arrancar-a á solidão daquella fazenda, e no meio da agitação e dos passatempos da sociedade, procurar alguma distracção á constante e profunda melancolia da moça.

O Major tinha construido uma bonita e acceiada casinha no lançante de uma collina á margem direita do ribeirão, algum tanto isolada do resto da povoação. Era um templosinho, de que Lucia era a deusa tutelar, e onde affluíam uma multidão de devotos a render-lhe cultos e adorações. Mas ella, triste como a Jurity, a quem exiláram da sombra silenciosa de seus bosques, sentia indizível saudade dos laranjaes da fazenda paterna, de seu jardim, de sua fonte, e mais ainda de um ente, cuja imagem em seu espirito andava sempre ligada á daquella saudosa solidão. A carta que Elias escrevera ao sahir da Bagagem, fôra-lhe fielmente entregue; a idéa da distancia enorme que se ia interpor entre ella e seu amante, ainda mais aggravou o seu estado de prostração, augmentando-lhe os sustos e inquietações. A imagem de Elias estava sempre presente ao seu espirito, triste como a lua melancolica a mirar-se no seio immovel de um lago solitario. De seus labios nunca escapava um sorriso que exprimisse verdadeiro prazer. Se algumas vezes sorria, seu sorriso era como um clarão frouxo a custo escapado da alma por entre nuvens de tristeza.

Todavia, mais por effeito do tempo do que das distracções que seu pae lhe procurava, a feliz e vigorosa organisação de Lucia conseguiu triumphar e impor um termo aos progressos e estragos do soffrimento moral. Não lhe voltou aquella inalteravel e serena alegria dos primeiros annos, nem se lhe desvanecê-

ram as maguas e inquietações do coração. Mas ao pungir da dôr violenta que a lacerava, substituiu-se uma melancolia calma e resignada, como noite de luar succedendo silenciosa e triste aos horrores da tormenta.

A graça e gentileza de Lucia, seu adoravel recato e aquelle toque sympathico de melancolia que a envolvia como um véo, não podiam deixar de attrahir a attenção e produzir impressão sobre a população da Bagagem, composta em grande parte de fazendeiros abastados dos arredores, que desprezando a enxada e o machado, puzeram nas mãos de seus escravos o abrião e a batêa, e de jovens negociantes de todas as procedencias, que vinham de remotas paragens tentar negocio com os garimpeiros. O Major, por seu lado, para dar uma diversão ás idéas melancolicas de sua filha, procurava entretel-a e distrahil-a por todos os meios, e para esse fim costumava dar em sua casa frequentes reuniões, a que convidava a melhor sociedade da Bagagem.

Muitos desses negociantes, muitos filhos de fazendeiros abastados, subjugados pelos encantos da gentil roceira, offertaram a Lucia suas homenagens; mas para logo desistiam, não achando brecha por onde pudessem entrar nos arcanos daquelle coração mysterioso. Outros, mais audazes ou interpretando mal a fria amabilidade com que ella os tratára, abalançaram-se a revelar sua paixão, e mesmo a pedil-a em casamento.

— Minha filha, já tens vinte annos ; acho que já é tempo de pensar no casamento, e tenho para ti um noivo, que de certo não rejeitarás. E' o senhor F. ; pediu-me hoje a tua mão. Acho-o muito capaz de fazer a tua felicidade.

Esta pequena allocução Lucia ouvia sempre ao menos uma vez por semana, e todas as vezes com imperturbavel e glacial frieza lhe respondia :

— Peço-lhe, meu pae, que não me fale por ora em casamento ; não me sinto com inclinação alguma para esse estado. Talvez mais tarde... Meu pae bem vê que minha irmã é ainda muito creança. Emquanto ella não crescer mais e não puder lhe servir de companhia, eu não posso, nem devo casar-me. Julgo-me necessaria para ambos.

O pae parecia acceder a estas razões e respeitava as repugnancias da filha. E' verdade tambem, que dos pretendentes que até ali tinham aspirado á mão de Lucia, posto que fossem todos dignos e bellos moços, todavia nenhum estava em condições de assegurar-lhe uma posição muito brilhante pelo lado pecuniario ; e o Major, que como bom pae desejava a felicidade de sua filha, mas que não concebia a felicidade sem a riqueza, esperava que Lucia encontraria ainda um marido millionario, e portanto facilmente condescendia com suas recusas.

Assim passaram-se mais alguns mezes, sem que nada alterasse a monotona tristeza do

viver de Lucia, sem que uma esperança viesse alental-a, e nem um novo golpe da sorte reavivar a chaga de seus antigos soffrimentos.

Por esse tempo chegára á Bagagem um rico viajante, elegantemente trajado, com numeroso sequito de pagens e camaradas, e apparatusa bagagem. Era um joven bahiano, bem feito, bonito, e de maneiras agradaveis e insinuantes. Do Sincorá, onde se enriquecera com a compra de diamantes, viera á Bagagem continuar na mesma especulação, e examinar e explorar este novo descoberto. A chegada de um hospede destes a uma de nossas povoações do interior produz tanta ou maior expectação do que a visita de um soberano a qualquer grande capital do mundo civilizado.

Leonel, assim se chamava o recém-chegado, tornou-se logo extremamente popular. Além de seu agradável exterior e da affabilidade de suas maneiras, era dotado de prendas e qualidades que o tornavam apreciado e desejado em todas as companhias; tocava admiravelmente violão, e cantava com muita graça as modinhas e lundús da sua terra. Além de tudo era summamente liberal, e tratava-se com luxo que, relativamente ao logar, podia-se chamar sumptuoso.

Não tardou muito que Leonel fosse tambem apresentado em casa do Major\*\*\*. Como sabemos, este costumava dar em sua casa algumas partidas ou pequenos sarãos para procurar dar alguma diversão á melancolica disposição do espirito de sua filha. Com o

apparecimento de Leonel, essas partidas, que já iam esmorecendo pelo nenhum resultado que produziam no espirito de Lucia, recommencaram com nova animação. O Major era calculista, e preparava as cartas para um grande jogo. Contava que a bella figura, as delicadas maneiras do joven bahiano não deixariam de produzir impressão no coração de sua filha, e a curariam para sempre de sua antiga e louca paixão. Por outro lado estava convencido, e não sem razão, que ninguem que tivesse coração de moço, podia chegar-se a Lucia sem sentir a irresistivel influencia de seus lindos olhos: a experiencia de todos os dias o estava confirmando. Leonel, que por sua conversação viva e alegre, por suas prendas e bellas maneiras era a alma daquellas pequenas reuniões, não tardou com effeito em sentir o magico influxo do brilho daquelles grandes olhos avelludados, daquelle meigo e melancolico sorrir. Concebeu logo por ella uma paixão ardente, que não podia mais dissimular.

Cerca de quinze dias depois que Leonel apparecera pela primeira vez em casa do Major, os dois, debruçados a uma janella em casa deste, travaram entre si a meia voz a seguinte conversação:

— Senhor Major, não devo occultar-vos por mais tempo que concebi por sua filha o mais ardente e extremoso amor, se é que já o não tem adivinhado. Seria para mim a suprema felicidade, se eu pudesse ganhar tambem o coração della, como ella soube conquis-

tar o meu. Desejaria saber se o senhor acolhe bem este meu sentimento que, lhe affianço, é puro e sincero, para saber se devo ou não continuar minhas visitas á sua casa.

— Eu sempre o receberei com os braços abertos, retorquiui o Major com vivacidade, e de todo o coração folgo que minha filha inspi-rasse esses sentimentos a um moço tão distincto e de tão bellas qualidades. Mas ella?... sabe, se lhe corresponde? o senhor não lhe fez ainda declaração alguma?...

— Ella... é sempre affavel e boa para commigo; mas acho-a sempre tão fria, tão reservada, que não sei o que deva pensar.

— Não lhe dê isso cuidado, senhor Leonel; é effeito do acanhamento; foi creada na roça, e ainda não sabe desenvolver-se em uma conversação. Mas não desanime por isso; quando se familiarisar mais um pouco com o senhor, ha de perder esse acanhamento, eu lhe affianço. Dá-me muito gosto em continuar a frequentar esta sua casa, e posso assegurar-lhe que Lucia será sua...

— Assegura? mas, meu Deus! por que modo? se quer prevalecer-se da autoridade paterna para impôr uma alliança, que talvez lhe desagrade, oh! nisso nunca consentirei.

— Eu, senhor Leonel, impôr?... nunca! Prêzo muito a minha filha para obrigar-a a casar com quem quer que seja, contra sua vontade, mas não creio possível, que ella rejeite...

Nesse momento tocou a musica, e uma

menina chegando-se aos conversadores, chamou-os para dansarem ou verem dansar...

— Vá dansar com ella, disse o Major; animo e perseverança! sem isso nada se arranja neste mundo.

## VI

## A RECUSA

No dia seguinte ao desta conversa, o Major foi bem cedo ter ao quarto de sua filha.

— Então, minha Lucia, foi logo dizendo sem mais preambulos, que tal te parece esse bello moço bahiano, que ultimamente tem frequentado a nossa casa?...

— Que tal me parece?... disse Lucia com embaraço; tão cedo, uma tal pergunta! accrescentou sorrindo. Palavra, que não sei lhe responder, meu pae.

— Deixa-te de visagens; responde-me. Que tal te parece o senhor Leonel?...

— O que parece a todos, um moço bem parecido, de muito boas maneiras, e que talvez seja muito boa pessoa.

— Talvez, não; é mesmo um excellente moço e, além de tudo, muito rico.

— Mas, a que vem tudo isso, meu pae?

— A que vem? ainda me perguntas? pois sabe que esse excellente moço, esse bello e rico bahiano, foi a tua boa fortuna que o trouxe aqui para teu marido.

— Já esperava por isso, murmurou Lucia dentro d'alma; é mais um pretendente! Que praga, que nunca se extingue! Para meu marido! exclamou ella; ah! meu pae, por piedade, não me fale nisso.

— Sim, para teu marido, replicou o Major com enfado; rejeitarás ainda este?

— Meu pae, não lhe tenho dito tantas vezes que não quero, que não devo me casar por ora?

— Mas com este, minha filha!... olha bem o que fazes. Rejeital-o é dar um *coice* na fortuna.

— E acceitar este ou outro qualquer meu pae, é cravar-me um punhal no coração. Tenho presentimentos de que se me casar serei muito desgraçada.

— Creança!... deixa-te dessas loucas apprehensões; essa repugnancia ha de passar com o tempo.

— Nunca, meu pae; nunca passará.

— Está bem, Lucia; és uma creança sem juizo. Vai pensar bem no que te proponho e deixa-te de hesitações. Os annos voam, e a belleza foge-lhe nas azas. Mais tarde, quando quizeres te casar, não acharás mais marido.

que te queira. Anda, vai reflectir um pouco sobre o caso, e se és uma menina de juizo, certamente mudarás de accôrdo. Fortunas destas não se encontram duas vezes na vida. Pensa bem no que te digo, e amanhã espero achar-te convertida.

O Major sahio, e Lucia ficou sósinha por muito tempo encerrada em seu quarto a reflectir devéras, não sobre as vantagens do casamento, que seu pae lhe propunha, mas sobre as difficuldades de sua penosa situação, e sobre a luta que se ia travar entre ella e o Major, visto o modo por que este se mostrava empenhado na realisação deste ultimo enlace projectado. A respeito dos outros pretendentes o Major cedera quasi sem insistencia alguma ás primeiras palavras de Lucia. Mas, a respeito deste ultimo, não parecia resolvido a desistir, e retirára-se sem se dar por vencido. E o peor era que parecia estar coberto de razão, pois Leonel era em verdade um mancebo, que parecia proprio, a todos os respeitos, para fazer a felicidade de uma moça, e as mais ricas e formosas donzellas da Bagagem teriam tido inveja da sorte de Lucia. Encerrada em seu quarto Lucia reflectiu muito e amargamente sobre a cruel situação em que se achava, e depois de ter chorado e rezado muito, pedindo auxilio ao céo, sahio do quarto resolvida a lutar até o ultimo transe, e disposta a acceitar antes o véo de freira, do que a grinalda de noiva.

Leonel, todo confiado em sua bella presença e seus dotes pessoaes, apesar da fria reserva de Lucia, não hesitava um momento que por fim ella acabaria por se lhe render.

O Major nessa mesma tarde foi sondar de novo o coração de sua filha. Redobrou de instancias, multiplicou os argumentos, entre os quaes envolveu ameaças mal disfarçadas: nada a abalou. Por fim desceu até a supplica; Lucia respondeu mergulhando a cabeça entre as colchas do leito, em que estava assentada, e desatando em prantos e soluços. O velho commovido por um momento nada ousou responder a esta explosão de lagrimas e soluços, e retirou-se triste e desconcertado, mas não desanimado.

Como de costume, o joven bahiano appareceu á noite em casa do Major. Lucia, que até ali só sentira por Leonel a mesma indifferença que para com os anteriores pretendentes, agora experimentava tambem um certo affastamento, uma repugnancia, que mal podia dissimular. Já não via nesse homem um simples pretendente; era um ameaço vivo da sua felicidade, era a morte de suas esperanças, porque no fundo da alma Lucia ainda nutria uma esperança, timida, vacillante sim, mas era sempre uma esperança, e era ella que ainda lhe alentava o coração, e dava-lhe coragem para viver. E talvez, quem sabe? com esse instincto admiravel de que são dotadas certas mulheres, através das mais brilhantes exterioridades ella sabia penetrar no fundo dos

corações, e achava em Leonel alguma coisa que lhe repugnava.

Quando Leonel entrou na sala, Lucia des-córou e estremeceu de modo que teria atra-hido a atenção de todos, se não fosse a fraca claridade que reinava na sala, illuminada então por uma só vela. Não escapou porém a Leonel aquelle estremecimento de Lucia; mas, graças á sua vaidade o interpretou como effeito do alvoroço que lhe causava a sua presença, e o tomou como bom presagio. Se pudesse ver melhor o semblante da moça, teria notado nelle a extrema pallidez e uma expressão de angustia e de horror que o tiraria de seu engano.

Passados alguns minutos da conversação banal, Lucia retirou-se para acalmar, ou antes para occultar a agitação de seu espirito. Sua agitação era das mais penosas. Creada na sin-geleza da roça, habituada apenas á conviven-cia de uma sociedade de costumes chãos e sem etiquetas, não estava acostumada a dissimular seus pezares e inquietações. Mas o instincto delicado de seu espirito advertia-lhe que era mister mascarar sua dôr com as exterioridades do contentamento e da tranquillidade.

A companhia ainda era pouco numerosa ; com um gesto o Major convidou Leonel para a mesma janella em que os vimos conversar pela primeira vez. O Major começou o dia-logo :

— Senhor Leonel, tenho esperanças de que Lucia acceitará com prazer a mão de es-

poso que o senhor lhe offerece. Mas, quando hontem conversámos, esqueci-me de tocar em um ponto que entretanto não devo-lhe occultar. O prazer que senti ao ouvir sua proposta, provavelmente me fez passar pela idéa esse objecto. Emfim, para encurtar razões, talvez o senhor Leonel, como outros muitos, esteja em engano a respeito de minha posição pecuniaria, e...

— Basta, senhor Major; peço-lhe que não toque em tal assumpto, se não quer offender-me. Eu nunca indaguei, e nem indago quaes são os seus haveres. Mercê de Deus, possuo alguma coisa para não precisar...

— Não se enfade, senhor Leonel; não é nesse sentido que falo; bem conheço o seu desinteresse. Mas todavia ficaria com um escrupulo n'alma, se não lhe fizesse essa revelação e não lhe declarasse que estou arruinado.

— Devéras, senhor Major?...

— E' a pura verdade; completamente arruinado. Este maldito garimpo, que seduz e cega o homem mais do que a mesa do jogo ou a meretriz artificiosa, tem-me devorado em pouco tempo todos os meus haveres, uma soffrivel fortuna adquirida á custa de longos annos de trabalho na lavoura e no commercio, sem a minima compensação. Minha fazenda, meus escravos estão hypothecados quasi até o ultimo, e em breve a miseria virá bater-me á porta. Desculpe-me esta franqueza; eu não devia occultar-lhe as minhas circumstancias, porque não me ficaria airoso dar-lhe a minha

filha em casamento, sem que o senhor soubesse que casava-se com a filha de um miseravel.

— Miseravel!... não diga tal, senhor Major! isso nunca! mas ainda que fosse um mendicante, mesmo assim eu teria orgulho de ser esposo de sua filha.

— Mas a deshonra... bem sabe que o publico é implacavel para com o negociante ou especulador infeliz.

— Qual deshonra, senhor Major! o máo successo de uma especulação, comtanto que seja licita, não deshonra a ninguem. Não se acobarde por essa fórma... não faltarão meios de rehabilitar-se. Tranquillise-se; o publico e o commercio não serão tão desapiedados como pensa. Póde-se fazer com seus credores um convenio que salvará tudo. Eu me entenderei com elles, e, graças a Deus! estou em circumstancias de lhe poder ser util sem sacrificio meu.

Dir-se-ia que o Major mui de proposito fazia aquella confidencia a seu futuro genro para sondar sua generosidade e provocar o seu offerecimento. Mas não era assim; o Major fazia-lhe aquella revelação porque entendia que era de seu dever, e procedia por um impulso de franqueza que lhe era natural. A principio portanto o generoso offerecimento do joven bahiano o perturbou e desconcertou algum tanto; mas depois penetrou-lhe na alma como o raiar de uma dupla esperança. Nesse

enlace estava a felicidade da filha e a salvação de sua fortuna.

— Não senhor ! Perdão ! nem falemos nisso, replicou o Major algum tanto enfiado ; longe de mim a idéa de lhe ser pezado ; e o que diria o povo ?...

— E que tem o povo com os nossos negocios, e nós com o que elle dirá ?

— Dirá, e com apparencias de verdade, que contractando este casamento especulei com a sua generosidade...

— Não tem direito a dizer tal. Sabia eu por acaso do estado dos seus negocios, quando lhe pedi a filha em casamento ? e entretanto desde que aqui cheguei, aspirei a ser seu genro. E ha nada mais natural do que o genro socorrer ao sogro, ou o sogro ao genro ? Sois demasiadamente escrupuloso, senhor Major.

— Póde ser ; mas...

— Mas... nem falemos mais nisso, caro Major ; são horas de nos divertirmos.

Algumas pessoas, que chegaram e vieram cumprimentar ao Major, acabaram de pôr termo áquella conversação.

Leonel foi sentar-se ao pé de Lucia, que já tinha voltado á sala. A coitada parecia que estava assentada em uma cadeira de ferro em braza. Seu olhar era incerto, mudava de côr a cada momento, mal respondia ás palavras que Leonel lhe dirigia, e ás vezes parecia querer levantar-se bruscamente, e deitar-se a correr pela casa a dentro. Mas aos olhos de Leonel

tudo isto tinha uma explicação, aliás plausível, para quem não conhecia o estado do coração de Lucia. Era o acanhamento que resulta da emoção que sente toda a moça ao ver perto de si um homem apenas conhecido, e que tem de ser seu marido.

O Major por sua parte, pouco conversava, e andava pensativo, occupado em reflectir nos meios que empregaria em um novo assalto que projectava dirigir contra o coração da filha, para reduzi-la a dar o sim. Agora que nesse casamento via tambem a reabilitação de sua fortuna, é facil conceber com que novo ardor e encarniçamento estava disposto a atacal-a.

Lucia por sua parte, só esperava com a maior impaciencia pelo momento de recolher-se para dar livre curso a seus pensamentos e a suas lagrimas.

## VII

### O SACRIFICIO

No outro dia Lucia acordou, ou antes levantou-se, pois bem pouco dormira, cheia de sustos e de tristes presentimentos; mas procurou occultar do melhor modo que pôde suas

inquietações, e premunir-se de força e resolução para affrontar os novos embates que a ameaçavam. Por um lado a atormentava a posição extrema em que se via collocada pelas instancias do pae, posição de que não via outro meio de escapar-se, senão rendendo-se á discricção, ou por meio de uma confissão, que em vez de aplacal-o, attrahiria sobre ella a colera de seu pae. Por outro lado a torturava a cruel incerteza em que se achava a respeito da sorte de Elias, do qual nem noticias tinha, posto que já tivesse findado o praso de dois annos, dentro do qual promettera voltar ou dar noticias suas. Pensava na distancia immensa que os separava, nos immensos perigos que o rodeavam por aquelles sertões infestados de assassinos e salteadores e infeccionados de epidemias mortíferas, e a esperanza a abandonava, e sua alma se entregava a um desalento mortal.

Estava extremamente pallida e triste; liam-se-lhe no semblante os vestigios de uma noite velada no soffrimento, mas em sua physionomia como que transluzia a altivez de uma resolução inabalavel.

O Major, que espiava com impaciencia o momento em que Lucia despertasse, dirigiu-se a seu quarto, logo que a sentiu levantada.

— Minha filha... mas estás tão pallida e desfeita !... estás soffrendo alguma coisa ?

— Nada, meu pae... é um incommodo passageiro. Sempre que me deito tarde, passo mal.

— Ah! não admira; não estás acostumada a estas palestras e folguedos até alta noite.

— E' verdade, meu pae; e quanta saudade não tenho da nossa boa vida da roça!... quando voltaremos para lá!

— Não sei dizer-te. Talvez breve, talvez nunca.

— Nunca!... como assim, meu pae?

— Para falar-te com franqueza, isso depende de ti; está em tuas mãos.

— Em minhas mãos?... explique-se meu pae; cada vez o entendo menos.

— Sim; de ti e só de ti depende isso.

— Não posso saber como?

— Senta-te ahi, e escuta-me; tenho coisas importantes a dizer-te.

A estas palavras Lucia sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo, e fechar-se-lhe o coração como a um sopro gelado.

Tremula e pallida assentou-se na cama, emquanto seu pae puchava uma cadeira e sentava-se junto della.

— Minha filha, começou o Major abai-xando cautelosamente a voz, e quasi ao ouvido de Lucia, o que vou dizer-te, quizera poder occultar-te para sempre; não quereria por nada deste mundo tornar-te mais afflicta e triste do que te vejo ha certo tempo.

— Póde falar, meu pae; Deus me dará coragem e resignação para tudo, seja qual fôr a nova desgraça, que vem annunciar-me.

— Sim, é uma desgraça, mas que tu, com uma só palavra, podes converter em felicidade para todos nós.

— Devéras, meu pae?... pois explique-se, que da minha parte estou prompta a todo e qualquer sacrificio.

— Em poucas palavras vou dizer-te tudo. Depois que deixámos nossa fazenda para vir especular neste garimpo, os meus negocios têm ido de mal a peor. Tenho-me visto forçado a fazer despezas que não posso comportar, e o rendimento, como terás podido observar, tem sido nenhum. Ultimamente uma sociedade, em que tomei parte, não tendo dado resultado algum depois de enormes despezas, acabou de arruinar-me completamente, bem como a quasi todos os outros socios. Minha fazenda e meus escravos chegam apenas para satisfazer aos immensos encargos que contrahi nessa malfadada empreza, e ficaremos por portas, se te não resolveres...

— A que, meu pae?...

— A casares-te com o senhor Leonel.

— Ah! isso nunca!...

Estas palavras escaparam ao peito da moça com espontanea e rapida explosão. O Major lançou-lhe um olhar severo e exprobrador.

Lucia reportou-se.

— Mas, continuou ella mudando de tom, que tem meu casamento com a sua quebra, meu pae?

— Muito, minha filha. Leonel, sabendo que eu me achava nesses transes apertados, offereceu-me espontanea e generosamente seus serviços e, o que é mais ainda, sua bolsa. Mas se recusas dar-lhe a mão de esposa, como poderei acceptal-os?

— Ah! meu pae, não me obrigue a semelhante sacrificio; por piedade! a miseria! a miseria mil vezes!... mas já não sei o que penso, nem o que digo... meu pae, tenha piedade de sua filha.

— Ah! Lucia, minha querida Lucia!... pondera que não se trata sómente de ti. Já não falo de mim que estou velho, e que pouco me importa o modo por que passarei o resto de meus dias. Mas tua irmãsinha, tão linda, tão innocente, coitada! não terei a legar-lhe senão a miseria. Oh! e a miseria é tão triste para quem já viveu na abastança!

Tendo dito estas palavras o Major enxugou duas grossas lagrimas, que lhe rolavam pelas faces macilentas.

— Meu pae!... exclamou Lucia pondo-se rapidamente em pé, e apertando convulsivamente as mãos uma na outra. Depois deixou pender a fronte, abaixou os olhos, e uma chuva de lagrimas, que lhe brotavam das palpebras ardentes, circundavam-lhe as faces, e cahiram no pavimento aos pés do velho. Este tambem levantou-se profundamente commovido, e, sustendo-a nos braços, já ia quasi desistir de suas pretenções. Mas a bella e

nobre alma de Lucia já tinha acceitado o sacrificio.

— Tranquillise-se, meu pae, disse ella com tom firme e resolutivo, enxugando a ultima lagrima que lhe brotava dos olhos; acceito o marido que me quer dar, já que assim é preciso para felicidade sua e de minha irmã.

— O céo te abençoe, querida filha; nem eu esperava outra coisa da bondade de teu coração e da nobreza de teus sentimentos. Não te arrependers, eu te asseguro: Leonel é um excellente moço que saberá te fazer feliz, e Deus abençoará teu casamento, porque o mereces.

— Serei feliz!... por certo!... murmurou Lucia comsigo; ao menos abreviarei o meu martyrio.

— Posso, portanto, Lucia, continuou o Major, assegurar desde hoje ao senhor Leonel que dás o teu consentimento?...

— Meu pae tem a minha palavra, e de hoje em diante póde dispôr de mim, como lhe aprouver.

O pae sahiu satisfeitissimo com o resultado desta ultima tentativa, porque não sabia medir o alcance e a importancia do cruel e doloroso sacrificio que acabava de impôr a sua filha. Homem de alma fria, posto que boa, julgava que as paixões sinceras e profundas não existem senão nas novelas, e que os sentimentos da mulher não são mais do que caprichos da imaginação, que com o tempo se desvanecem.

Lucia acabrunhada sob o pezo do sacrificio a que acabava de dedicar-se para a felicidade de seu pae e de sua irmã, foi sentar-se junto a uma mesa, e escondendo a cabeça entre os dois lindos braços nús, ahí ficou por muito tempo abandonando o coração aos golpes da dôr que o torturava.

A voz de Joanna veio despertal-a.

— Sinhásinha!... disse-lhe com voz mansa a rapariga, sacudindo-lhe o braço devagarzinho.

— Que me queres? respondeu Lucia sem levantar a cabeça. Vai-te... quero estar só-sinha.

— Mas, sinhásinha, aqui está isto, que lhe mandaram entregar.

Lucia levantou a cabeça, e fitou em Joanna os olhos humidos de lagrimas. Joanna entregou-lhe uma carta; Lucia tomou-a, reparou no sobrescripto, e um rapido estremecimento convulsivo lhe percorreu o corpo. Rasgou com a mão tremula a carta, e leu o seguinte:

« Minha Lucia. Cá de longe, a mais de duzentas leguas de distancia, participo do prazer que sentirás ao ler esta carta, pois nem um momento ainda duvidei da sinceridade e constancia do teu amor. A fortuna, que ahí sempre se me mostrou esquiva, sorriu-me emfim aqui no Sincorá. Graças a Deus, tenho feito excellentes negocios. Emfim, Lucia, já sou rico, ao menos para nossa terra. Não me é

possivel estar lá no prazo que te marquei, mas faço-te esta para tranquillizar-te. Em breve lá estarei. Eu quizera ter azas e voar para junto de ti... sou feliz, só as saudades me atormentam. Adeus, Lucia; até breve. Teu Elias. »

Descrever o que se passava na alma de Lucia, em quanto com mão tremula e olhar desvairado percorria esta carta, é coisa que não cabe no possivel. Uma vertigem se apoderou della; apenas teve tempo para amarrotar depressa aquella carta fatal, e escondel-a no seio. De pallida que estava, tornou-se livida, os olhos se lhe escureceram, e teria cahido da cadeira em que estava, se Joanna, que ficara ao pé della, não a tivesse amparado.

— Santa Virgem! exclamou assustada a rapariga, sacudindo-a. Que tem! que tem, sinhásinha?...

Mas Lucia ainda não tinha perdido o vigor de sua bella organização, e em poucos instantes voltou daquelle breve deliquio.

— O que é isto, menina?... o que é que está soffrendo?... fale, não occulte nada á sua negra, exclamou a sollicita escrava. Eu vou falar com nhônô para mandar chamar medico.

— Não, Joanna, não é preciso; não digas nada a meu pae, eu te peço. Isto passa já; foi uma vertigem, porque passei mal a noite; mas já estou melhor.

Ah! porque não chegou uma hora mais cedo aquella carta fatal? teria sido a redemp-

ção daquella pobre alma que penava entre horrorosos martyrios; teria aberto para ella um horisonte de esperanças e venturas. Mas naquella occasião era como nuvem negra que acabava de escurecer para sempre o horisonte de seu porvir.

## VIII

## ELIAS

O infortunio de Lucia tinha chegado a seu cumulo.

O seu casamento com Leonel estava definitivamente contractado, e era o acontecimento de que se falava mais na Bagagem em todos os circulos. Era um lindo par, dois noivos em todos os sentidos dignos um do outro, e todos formavam a mais lisongeira idéa do risonho futuro de amor e de venturas, cujas portas o hymeneo ia abrir de par em par áquelle par afortunado.

Os pretendentes de Lucia, porém, que haviam sido preteridos—e não eram poucos—vingaram-se em apodos e maliciosas apreciações a respeito do noivo.

— Pobre moça! Deus sabe o que será della com aquelle boneco enfeitado? Deus queira que ali não esteja encoberto um formidavel cavalheiro de industria!

— A fazenda de contrabando é quasi sempre a mais bem enfardada. Aquelle Major é bem simplorio. Não seria eu que daria minha filha a um homem, só porque anda com grandes equipagens e patacoadas, inculcando-se rico, sem lhe ver a carteira.

— A's vezes um biltre, desses que ahi andam com ares de grão-senhor, não passa de um mero cobrador, que nada tem de seu, e anda a imposturar com o dinheiro do patrão.

— Lá diz o dictado: quem vai casar longe, ou quer enganar, ou vai enganado. Este melro porém que não cáe no laço, é capaz de enfiar o Major e toda a sua geração pelo fundo de uma agulha. Lá se avenham.

Entre os pretendentes desprezados contava-se tambem Azevedo, o joven negociante fluminense que já vimos junto de Lucia, no Patrocinio, e que era um dos seus mais assíduos e pertinazes adoradores. Como muitos outros negociantes dali tinha mudado a sua loja para a Bagagem, deixando quasi em tapera aquella villa, por cujas desertas ruas crescia abundante capoeira, e vagueavam livremente as emas, veados e siriemas.

— Não lhe agouro bem, dizia Azevedo referindo-se ao casamento de Leonel. Estas moçoilas da roça na sala são umas santinhas ;

nem sabem falar ; são todas modestia e pudor. Mas por detraz das portas e pelos quintaes, ai ! ai ! ha que se lhe diga. O noivo, que rogue a Deus que não volte lá desses sertões do Sincorá certo rapazola que eu conheço.

Mas todos esses dicterios eram filhos do despeito de certos descontentes. A maioria da população bagagense, de que o bahiano por suas liberalidades e suas maneiras seductoras tinha adquirido a estima e sympathia, approvava e applaudia sinceramente e de todo o coração aquelle feliz consorcio.

Leonel continuava a frequentar ainda com mais assiduidade a casa do Major, onde quasi todas as noites havia bellas reuniões, tocatas e saráos. Eram essas horas as mais crueis para Lucia, como bem se póde avaliar, que em sua nobre e sublime dedicação fazia esforços heroicos para dissimular a angustia que lhe ralava o coração. Não queria que por modo algum seu pae suspeitasse quanto era duro e doloroso o sacrificio que lhe tinha imposto, e procurava fingir que de boa mente se conformava com a sua nova sorte. A' força de vontade conseguia dar a seu semblante e a suas palavras um ar, senão de contentamento, ao menos de serenidade melancolica, que dava novo realce á sua nobre e graciosa physionomia.

Corria então a quaresma, e como nesse tempo são prohibidas as benções matrimoniaes, forçoso foi adiar para mais tarde o casamento,

que pelo voto de Leonel e do Major teria tido lugar immediatamente.

Já uns quinze dias se tinham passado, depois que Lucia esperava resignada o dia tremendo, em que ia irrevogavelmente immolar a felicidade de seu coração aos interesses de seu pae e de sua irmã. O altar do hymenêo ia ser o patíbulo, e o leito nupcial o tumulo de sua felicidade.

A' porta da loja de um dos mais abastados negociantes da Bagagem apeava-se um joven viajante que, pelo primor de seu trajo, e pela luzida bagagem que trazia, mostrava ser homem de fortuna. O tom familiar, e o alegre alvoroço com que foi recebido, indicavam ser elle um antigo conhecido do negociante.

— Oh! bons olhos o vejam, meu caro senhor Elias, exclamou o negociante abraçando-o com transporte. Não sabe que prazer me dá em tornal-o a ver. Veio mais bonito, mais sacudido, e pelo que vejo, fez fortuna lá por onde andou?!

— Não perdi meu tempo, louvado seja Deus!... respondeu o moço.

— Entre, entre; venha descançar; depois conversaremos. Mande desarrear seus animaes; não consinto que vá pousar em outra parte.

— Obrigado; acceito o seu obsequio.

Tendo sahido da Bagagem, levando na algibeira a miseria, e o desespero no coração, depois de dois annos de ausencia, Elias voltava com a carteira recheada de boas dezenas

de contos de réis, só respirando amor, esperança e felicidade. Com o coração alvoroçado e a transbordar de alegria, durante toda a sua longa viagem não pensava em outra coisa senão no momento feliz de tornar a ver a sua querida Lucia, e chegara com a cabeça recheada dos mais brilhantes planos de ventura e de amor, planos que para elle já eram uma realidade, pois já estava vencida a barreira que os separava — a pobreza.

Meia hora depois, tendo já Elías accommodado sua bagagem, e dado as necessarias providencias para o arranjo de seus animaes, o negociante convidou-o para uma sala visinha.

— Venha para cá tomar algum refresco; venha conversar um pouco, e contar-nos que tal é isso por lá; contam-se maravilhas.

— Temos tempo, meu amigo; tenho muito que contar-lhe, mais isso será com mais vagar. Venho de longe, e sou daqui; portanto julgo que tenho direito de perguntar primeiro por noticias da minha terra, que novidades ha, se o commercio vai bem, se apparece muito diamante, etc., etc.

— Qual! meu amigo; isto por aqui vai sempre na mesma pasmaceira, e não promette grande coisa. Vai-se apenas tenteando o negocio. Ha mais garimpeiros arruinados do que baguassús por esses mattos. Este garimpo não anima; é como uma loteria, em que só ha sortes grandes, e essas muito poucas. Apparecem de tempos a tempos grandes diamantes;

mais não ha serviço jornaleiro ; ganha um, por cem que perdem.

— Eu já assim o pensava ; nunca tive grande fé neste descoberto. Não acontece assim na Diamantina, e nem tão pouco no Sincorá. Quem dá ali um serviço pôde ter a certeza de que ha de tirar ao menos para salvar as despesas.

— Pois aqui é o contrario ; quem garimpa, tem noventa e nove probabilidades de perder, e uma de ganhar. Os fazendeiros pensaram que garimpar é o mesmo que plantar milho, quizeram colher o que não tinham plantado, e quasi todos vão dando com suas fortunas em vaza-barris.

— Entretanto, disse Elias chegando-se a uma janella, noto que a povoação apezar disso não deixa de ir crescendo. Estou vendo muitas casas novas, que não deixei quando daqui sahi, e tudo vai a melhor.

— O logar vai em augmento não ha duvida ; mas isso não pôde ir longe.

— A proposito. De quem é aquella casinha, que lá está no alto daquelle lançante ? como está bem situada !... dali deve-se gozar a vista de toda a povoação.

— Oh ! aquella é de uma das principaes victimas da exploração destas lavras. E' do Major \*\*\* ; não o conhece ?...

— Muito ! Muito !... mas que me diz ? pois o Major \*\*\* tambem arruinou-se ? !

A conversação cahia enfim casualmente no ponto a que queria leval-a Elias, que ardia

por ter novas do Major e de sua filha, os quaes já sabia que se achavam na Bagagem. Póde-se pois facilmente imaginar com que avidez curiosa, com que mal disfarçada sofreguidão dirigiu ao negociante a ultima pergunta.

— Consta, respondeu este com toda a phlegma, que todos os seus bens estão empenhados, e que se forem liquidar-se os seus negocios não lhe ficará um real. E a proposito, por falarmos no Major, perguntava o senhor ha pouco por novidades. Pois saiba que a mais importante que temos, e que agora anda ahi pela bocca de todos, é o casamento de sua filha...

— De Lucia?... atalhou vivamente o moço.

— Pois de quem mais ha de ser?... então conhece-a?

Elias não respondeu; sentia como uma especie de vertigem, que o atordoava, como se um raio tivesse estalado junto d'elle. Agarrouse ao peitoril da janella para não cahir. Assim esteve por alguns instantes, depois dos quaes continuou forcejando de balde para dar á sua voz o tom da mais completa indifferença.

— Conheço-a muito; é uma linda menina; mas... diziam-me que era muito esquiua; admira-me que se resolvesse a casarse, e quem sabe...

— Quem sabe o que?

— Que sabe, se não vai de muito boa vontade!...

— E porque não? o noivo é um guapo mocetão, de bonita figura e fino trato, e, o que mais é, muito rico. Ella como Vmc. bem sabe, é a moça mais linda destes arredores; digo-lhe com véras, que nunca vi casamento mais bem ajustado. O Major está um pouco arruinado, é verdade; mas o genro é riquissimo, e ao que dizem por ahi, vai escorar o sogro, o que não lhe custará pouco. Com aquelle casamento a felicidade entrou-lhe pela casa dentro.

— Entrou? !... pois já? exclamou o moço com visível perturbação.

— Ou vai entrar, é o mesmo, pois o negocio é decidido, e está por poucos dias. E' mais um par de rolinhas amorosas, como dizia um amigo meu meio mettido a poeta, que veio fazer seu ninho aqui nas mattas da Bagagem.

Elias não teve animo de dizer mais nem uma palavra; o coração lhe batia desencontrado; tinha as fauces seccas, e a lingua se lhe pegava ao céu da bocca. Tremulo e coberto de horrivel amarellidão, mal se podia suster agarrado ao peitoril da janella.

Posto que já o sol tivesse entrado, e já fosse escasseando a luz do dia, o negociante não deixou de perceber a extrema perturbação e o transtorno das feições do rapaz...

— O que tem, meu amigo?... ainda agora parecia vender saude, e agora o vejo tão pallido e desfigurado? está soffrendo de certo algum incommodo.

— Nada... quasi nada. São accessos de intermittentes, que apanhei no Rio S. Fran-

cisco, e que ás vezes ainda se repetem ; mas passam logo.

— Ah !... ninguem lá vai, que as não apanhe. Deite-se neste canapé, enquanto vou lhe mandar trazer um copo de vinho quente com assucar ; dizem que é bom. Depois, se quizer, chamarei medico...

— Aceito o vinho ; mas não será preciso tomar maior incommodo ; isto passa logo.

Elias acceitou o offerecimento mais para se ver a sós com o seu desespero, do que por necessidade que tivesse de auxilio algum. Seu coração, que até ali se enchia a transbordar de esperanças e venturas, sentira-se subitamente atacadado entre as garras da mais cruel decepção. Mil projectos desencontrados lhe tumultuavam na cabeça. Ora queria ir immediatamente ver Lucia, exprobrar-lhe sua perfidia, e apunhalar-se á sua vista. Mas isso seria uma triste vingança ; não ; não convinha deixal-os vivos e felizes sobre a terra. Iria procurar primeiro o feliz seductor, esbofeteal-o, cuspir-lhe no rosto, e depois arrancar-lhe as entranhas, e com o mesmo punhal, ainda fumegante do sangue do vil, immolar-se aos olhos da perfida... Mas... elle era innocente talvez ; ignorava que aquella embusteira já tinha penhorado a outrem por um juramento sagrado o seu amor e a sua mão. A victima devia ser ella, sómente ella. Mas como vingar-se della?... matal-a?... semelhante idéa lhe repugnava... derramar o sangue de uma fraca mulher é a mais infame das cobardias, o mais

monstruoso dos attentados. Desprezal-a?... mas o desprezo só é um castigo, quando recae sobre pessoa que nos ama, e Lucia! exclamava o infeliz estorcendo-se em ancias de desespero, Lucia não me ama; Lucia nunca me amou; senão, jámais se teria tão facilmente esquecido de mim para se entregar a outrem. E assim, não ha remedio! nem o consolo da vingança me é dado! e a victima de todos estes embustes e perfidias serei eu, sómente eu!

Elias foi interrompido em suas febris machinações por seu hospede, que lhe trazia o vinho quente, em quanto uma escrava preparava-lhe a cama em uma alcova immediata á sala. Depois de trocarem algumas palavras banaes, o negociante julgou conveniente deixal-o só, visto o seu incommodo de saude, e depois de tel-o cuidadosamente deitado em seu leito, despediu-se recommendando-lhe que se abafasse bem.

Apenas porém o moço achou-se só, arrojou para longe de si coberturas e lenções, saltou fóra da cama, e começou a passear a passos precipitados ao comprido da sala. Assim passou grande parte da noite com a idéa de sua desgraça a devorar-lhe o cerebro, e a fustigar-lhe o coração.

Por fim, á força de pensar, ou antes á força de delirar, começou a duvidar da realidade de seu infortunio; achou que tinha sido demasiado leviano em dar tão depressa inteiro

credito ás palavras do negociante, e appellou para o dia seguinte.

Embalado nessa duvida consoladora, que o céu como que lhe enviára para dar algum repouso á sua imaginação tresvairada, adormeceu quando os gallos já começavam a amiudar seus cantos.

## IX

## ALÉM DE QUEDA, COICE

O dia amanhecera esplendido.

Os vultos das grandes arvores isoladas, restos da floresta, que o machado tinha poupado, debuxavam-se em um céu puro e rico de fulgores, e balanceavam os topes verde-negros, como velhos caciques sacudindo os cocares nas dansas sagradas.

As brisas, que sopravam frescas, traziam mil perfumes de flôres selvaticas, e rumorejavam pela encosta, mesclando seu sussurro ao marulho das cachoeiras e á vozeria alegre dos garimpeiros, cujos almocafres e alavancas re-

tiniam no cascalho das grupiáras. Toda a povoação despertava alegre e cheia de vida, como garça que á beira do lago se espanja aos raios do sol, sacudindo das brancas azas as perolas matutinas.

Quando Elias despertou, o sol já batia em cheio por ambas as margens do ribeirão. Abriu a janella, e deu com os olhos naquelle magnifico e risonho espectaculo, que tão cruel e pungente contraste formava com o estado reamargurado de seu coração. O golpe que recebera na vespera repercutia-se agora em sua alma, ainda mais rude e doloroso. Ali esteve por mais de una hora pensativo, perplexo, e mergulhado no mais profundo abatimento. Não atinava com o que deveria fazer, e desejava ali ficar para sempre mudo, immovel, petrificado como uma estatua.

Por fim resolveu-se a procurar na agitação do corpo alguma diversão aos pensamentos que lhe escaldavam o cerebro. Pegou no chapéo, e sahiu á tôa e sem destino pelas ruas da povoação. Encontrou muitos amigos e conhecidos, que o cumprimentaram, e da bocca dos quaes, sem que o perguntasse, ouvia a confirmação da fatal noticia do casamento de Lucia. Esse casamento andava de bocca em bocca, e era o acontecimento que então mais preocupava a imaginação do publico. Elias andava como que atordoado; aquelle movimento e borborinho da população como que lhe causava vertigens. Os cumprimentos e felicitações de seus amigos o perturbavam, e pa-

reciam-lhe um sarcasmo cruel. Assim vagou machinalmente pelas ruas. Quando se recolheu á casa, era já meio dia.

Logo ao chegar á casa do negociante, veio-lhe ao encontro o seu arrieiro a pedir-lhe dinheiro para pagamento do milho e mais despeza da tropa. Tirou da carteira uma nota de 20\$ e apresentou-a ao caixeiro da casa, pedindo-lhe que a trocasse por miudos. O caixeiro depois de examinar a nota por um instante, devolveu-a a Elias.

— Perdão, meu amo, disse-lhe o caixeiro, não lhe posso servir: esta nota é falsa.

Elias enfiou. Não podendo ficar mais pallido do que estava, tornou-se verde.

— Falsa! repetiu com uma voz que lhe sahia do coração, e mal passava pelos labios.

— Falsa, sim senhor; se duvida chame-mos o patrão.

Não foi preciso chamal-o; elle vinha entrando nesse momento pela loja.

— Oh! bom dia, amigo; como passou? Levantou-se cedo! então, por onde andou? andou matando saudades? de certo ainda não almoçou? passou melhor do seu incommodo de hontem.

O pobre moço naquelle momento tinha talvez mais vontade de enforçar-se do que de responder áquella chusma de perguntas com que seu hospede á queima-roupa o obsequiava.

— Já nada soffro; estou bom, respondeu Elias em tom breve. Apresentei esta nota a seu

caixeiro para m'a trocar, e disse-me ser falsa. Veja.

— Falsissima! exclamou o negociante, depois de examinar a nota um momento. São notas falsas procedentes da Bahia. Ha muito tempo o commercio está avisado, e o governo já tem expedido as mais terminantes ordens e tomado medidas energicas para descobrir os moedeiros falsos, e consta que as pesquisas feitas vão obtendo resultado.

— Bem! vou ver outra, interrompeu bruscamente Elias; e tirou da carteira uma nota de 50\$. E esta? tambem será falsa?

— Ainda mais falsa do que a outra, se é possivel, exclamou o negociante, apenas olhou para a nota. Ah! meu caro senhor Elias, como é que foi deixar-se embaçar por essa maneira?...

— Falsa! falsa!... devéras?!... murmurava o moço com voz rouca e abafada.

— E' o que lhe digo, meu amigo; ninguem aqui na Bagagem dará cinco réis por qualquer dessas notas.

— Em que mundo andei eu pois, meu Deus! meu Deus! estou perdido! perdido para sempre!

E atirando-se sobre um tamborete, que estava perto do mostrador, apertava convulsivamente a cabeça entre as mãos.

— Perdido por tão pouca coisa? por uns 70\$! o caso não é para tanto, meu amigo.

— Prouvera ao céo fosse só isso!... soluçou Elias com voz apenas intelligivel.

— Como diz?... então não é só isso?...

Elias já não ouvia mais; estava aniquilado debaixo da nova e horrível catastrophe que acabava de fulminar-o.

Trahido em seu amor, vira na vespera derrocado em um momento o formoso castello de suas esperanças, construido com tanto enlevo nos sonhos de dois annos de inquietações e trabalhos. Quando ia collocar a pedra do remate na cupola do edificio, eil-o que de subito se desmorona até os fundamentos. Restava-lhe ainda a fortuna, consistente em algumas dezenas de contos, que á força de vontade, intelligencia e actividade adquirira no Sincorá.

— De que me serve este dinheiro? dizia elle na vespera. A' força de muito querer e muito trabalhar eu o ganhei por amor de Lucia e para Lucia. Agora, que Lucia me abandona, eu o veria queimar-se com a mesma impassibilidade, com que vejo arder este cigarro.

Mal pensava o mancebo, que de feito no outro dia, a uma só palavra, toda aquella riqueza ia esvaecer-se como o fumo! mas ah! no momento da catastrophe, essa impassibilidade com que contava, tambem se esvaeceu em presença da cruel realidade. Quasi todo o dinheiro que trazia do Sincorá, era falso; consistia em notas do mesmo padrão e valor daquellas que acabava de apresentar. Estava pobre como d'antes. O rochedo, que acabava de conduzir até o cimo da montanha em

dois longos annos de fadigas e perseverantes esforços, acabava de rolar no fundo dos abyssos.

Era preciso ter na alma uma triplice cou-raça de estoicismo para poder supportar im-passivel aquelles dois rudes golpes, desfecha-dos um após outro pela mão da fatalidade. Elias, posto que não fosse das almas mais fracas, sentiu-se humilhado, acabrunhado, e recalçado nesse antro da desesperação, para sahir do qual só ha uma porta—o suicidio.

Elias sentia viva necessidade de desaba-far-se, de contar a alguém seus infortunios; parecia-lhe que se não o fizesse, se lhe rebentaria o coração. Mas na Bagagem não tinha um só amigo de confiança a quem abrisse sua alma, a não ser o velho Simão. Esse, Elias não sabia por onde andava, e ninguem lhe poderia dar noticias delle. Tinha pois de con-centrar em si mesmo a tempestade, que ameaçava romper-lhe o coração.

Todavia não lhe era possivel dissimular a seu hospede o horrivel revez por que aca-bava de passar, vendo em um instante redu-zida a fumo a fortuna que á força de tanto trabalho e perseverança tinha sabido adquirir, no espaço de pouco mais de anno.

Depois de ter reunido por algum tempo o fel de seu infortunio, Elias chamou de parte o negociante, e contou-lhe como depois de ter tentado fortuna na Bagagem sem resul-tado algum, e vendo-se quasi reduzido á mi-seria, partira para o Sincorá em companhia

de um homem desconhecido, que o convidara. Chegando ali, esse homem com toda a franqueza e generosidade o protegeu e auxiliou, collocando-o á testa do trabalho de suas lavras, em cujos rendimentos lhe dava consideraveis interesses. Mas infelizmente esse homem, poucos mezas depois, morreu de febre intermittente, deixando a Elias quasi no mesmo estado em que sahira da Bagagem. Deu sepultura decente áquelle bom e generoso protector, a cujas cinzas sempre seria reconhecido, e chorou sobre sua sepultura lagrimas sinceras de dôr e de saudade. Com os pequenos recursos que adquiriu durante aquelles poucos mezas, continuou a garimpar em umas datas que lhe eram proprias. Mas essas lavras eram pobres, e mal lhe davam para se ir mantendo. Já de novo a miseria o ameaçava de perto, quando um dia um moço de maneiras affaveis e de gentil e agradavel presença appareceu no serviço em que elle trabalhava. Era um rico negociante, que andava comprando diamantes na mão dos garimpeiros, e que os pagava a bom preço. Todos os dias continuou a apparecer no serviço, comprava os diamantes que iam apparecendo sem reparar muito na qualidade nem no peso delles, e dava mostras manifestas de que queria protegê-lo e dar-lhe a mão. Por fim esse moço, estreitando cada vez mais suas relações com elle, e como reconhecesse nelle bastante intelligencia e fino tacto no conhecimento dos diamantes, o induzio a largar o

garimpo e ser seu agente no negocio dos diamantes, dando-lhe avultados interesses. Graças a esse novo e opulento protector, que negociava em grande escala, e que todos os mezes enviava para a capital da Bahia partidas consideraveis de diamantes, Elias, que o servia com zelo e intelligencia, adquirio em pouco tempo um avultado peculio. Nesse tempo o preço do diamante teve grande alça nos mercados europêos, de modo que puderam realisar os mais vantajosos negocios e Elias via o seu pequeno peculio duplicar-se, triplicar-se, de mez a mez, e em breve pôde fazer avultadas transacções por sua propria conta. Emfim, em menos de um anno, achou-se possuidor de uma somma de 50 contos, o que, no sertão, já se pôde chamar uma fortuna. Mas o seu bom protector, que era ao mesmo tempo seu commissario officioso para a venda das pedras na Bahia, era tambem o seu banqueiro e o depositario de seus valores. Tanta generosidade o confundia, o enchia de gratidão e não lhe permittia duvidar um só instante da boa fé e probidade de tal homem. Manifestando-lhe ultimamente o designio que formara de voltar ao seu paiz natal, notou, não sem estranheza, que nenhuma objecção lhe oppoz, contentando-se apenas em manifestar o pesar que sentia pela falta que lhe ia fazer, dizia elle, um tão bom e prestimoso amigo. A Elias pouco importava que elle approvasse ou não o seu designio; sua resolução era inabalavel. Mas não podendo

deixar sem pezar o generoso protector a quem tudo devia, esperava encontrar tambem da sua parte alguma reluctancia em deixal-o partir, e alguma luta de sentimentos. Agora infelizmente cahio o véo ao mysterio, e comprehendia o motivo infame daquelle procedimento. Toda aquella liberalidade e generosa protecção que lhe dispensava, era o laço execrando, que lhe estava armando. Tendo de retirar-se, o seu amigo e protector contou-lhe todo o dinheiro seu, que tinha em seu poder, perto de 50 contos, tudo em notas daquelle valor e padrão, que seu hospede acabava de ver! E assim acabava elle de atravessar cheio de contentamento e de esperança duzentas leguas de sertão, cuidando trazer na algibeira a fortuna e a felicidade, quando não trazia mais do que um maço de papel sujo.

— Agora, concluo tristemente o moço, veja lá se é ou não para desesperar esta minha situação?

— E' triste na verdade, mas não ainda para desesperar. O senhor é ainda muito moço e com a actividade e intelligencia de que dispõe, assim como em menos de dois annos adquirio esses quarenta ou cincoenta contos falsos, agora com mais conhecimento do mundo e o escarmento dessa dolorosa experiencia, pôde tambem adquiril-os verdadeiros. O futuro é seu, meu amigo, e é vasto o campo das especulações.

— O futuro! oh! o futuro é só de Deus.

Amanhã só Deus sabe o que será feito de mim!

Esta exclamação sussurrou apenas pelos labios do moço, que, por assim dizer, a soluçára dentro do coração.

Ah! de certo pouco lhe importaria a perda de milhares de contos, que fossem, se esses contos não fossem o preço da felicidade de seu coração. Mas agora que essa felicidade lhe fugia para sempre, a perda desse dinheiro, que como um sonho se escoára de suas mãos, não era mais do que um pontapé com que o destino atirava desdenhosamente no abysmo a victima sangrada no coração.

Assim pois, seu amor, suas esperanças, sua riqueza, sua felicidade, tudo isso fôra uma illusão, uma chimera. Reaes só foram seus trabalhos e fadigas, suas angustias e inquietações; real era a perfidia de Lucia; real só era a sua pobreza, e a sua actual desesperação. A idéa do suicidio fixou-se no espirito do mancebo. Iria apunhalar-se aos olhos da perfida, deixando-lhe por legado a sua maldição.

A maldição de quem morre é terrivel, pensava elle, e paira eternamente sobre a cabeça do maldito.

## A AFFRONTA

Esse dia, em que Elias se vira calcado pela pesada mão da fatalidade até o mais fundo da miseria e do infortunio, era sabbado de alleluia. E' esse justamente o dia de mais festanças e folias nas povoações do interior. A' tardinha as guitarras e violões resoavam por toda a parte, as serenatas se ensaiavam, e uma alegre celeuma rumorejava por todos os cantos da nascente povoação.

Em casa do Major nesse dia tambem a reunião era mais numerosa e animada do que de ordinario, não só por ser o dia que era, como tambem por se darem ali como umas festas esponsaes, em que se iam de uma vez para sempre confirmar as solemnes e reciprocas promessas do casamento de Lucia e Leonel, que tinha de ser celebrado no domingo seguinte, chamado de Paschoela. Nesse dia o Major dirigira convites expressos a grande parte das pessoas mais importantes do logar. Ao toque de Ave-Maria já ali se achava reunida uma escolhida sociedade, e na pequena sala do Major reinava

entre luzes e harmonias a maior animação e contentamento.

Contentamento!? oh! sim; elle se espalhava na physionomia de todos, excepto na da infeliz Lucia, que forcejava em vão para dar a seu semblante visos se não de prazer, ao menos de socego e serenidade. No proposito de disfarçar aos olhos dos outros, principalmente aos de seu pae e de seu noivo, a angustia que por dentro a pungia, vestira-se com todo o esmero, e até com certa garridice. Trazia vestido de alva e transparente garça, sobreposto a uma saia côr de rosa, segundo o costume encantador que estava em moda naquelle tempo. O cinto era uma larga fita azul, cujas compridas pontas brincavam sobre as roseas ondulações da saia que a envolviam. Ao vel-a assim trajada poder-se-ia dizer com exactidão quasi literal que era a aurora de um formoso dia surgindo entre nuvens de azul e rosas. As mangas do vestido nimiamente curtas deixavam-lhe ver quasi completamente nus os braços cheios, mas mimosamente torneados. Na cabeça trazia por unico enfeite uma rosa natural. Porém no meio de toda aquella faceira, mas singela casquilhice, ou fosse por um singular acaso, ou de proposito, via-se-lhe no peito uma saudade roxa: era o symbolo de seu coração.

Com o mesmo fim de disfarçar seus intimos pezares, Lucia procurava abafal-os no meio do turbilhão, conversando, dansando e

brincando. Dobrado martyrio para aquella nobre alma !

Emquanto na casa do Major tudo era alegria e folgado, luz e harmonia, sósinho e merencorio, com os cotovelos fincados sobre o parapeito da ponte que communica as duas partes da povoação, achava-se um vulto, que com a cabeça entre as mãos olhava fixamente para o ribeirão, que logo abaixo da ponte despenha-se em rugidoras catadupas. Nos cachões revoltos da torrente via a imagem das idéas que lhe turbilhonavam no cerebro, dos sentimentos tempestuosos que lhe empuchavam desencontrada e dolorosamente o coração. O amor, a raiva, o ciume, a vergonha, a sede de vingança, ora lhe traziam aos labios um sorriso infernal de desespero, ora espremiam-lhe dos olhos lagrimas de fel e de fogo. De quando em quando erguia a cabeça, olhava para o alto da encosta, onde se avistava a linda casinha do Major, diffundindo em borbotões, luzes e harmonias, risadas e festivas vozerias. Tornava a curvar-se sobre o parapeito, rangendo os dentes e arrancando os cabellos como um possesso ; depois com os olhos turvos namorava a torrente, que engrossada pelas chuvas dos dias precedentes roncava debaixo de seus pés. Num accesso de desespero ia precipitar-se ; mas...

— Ainda não ! murmurou com voz cavernosa. E' preciso vel-a ainda uma vez ; uma só e morrer. Quero ver tudo por meus proprios

olhos ; quero assistir ás exequias de minha felicidade, que lá se estão celebrando com tanta pompa e regosijo. Depois... me immolarei sobre ellas. Vamos ! coragem ! apresentemo-nos lá ; pouca gente reparará na minha presença... ah ! talvez nem ella !... que importa ? vamos !

E sahiu da ponte precipitadamente, encaminhou-se á casa, onde foi compor melhor o seu vestuario, e dirigiu-se resolutamente no caminho da casa do Major.

Não estranhem os leitores a sem cerimonia com que Elias, sem motivo algum plausivel, vai apresentar-se em casa do Major em uma noite de festim, sem a elle ter sido convidado. Nas povoações do sertão de Minas, antes que a malfadada politica de aldeia tivesse penetrado por ellas, degenerando e estragando a singeleza dos costumes primitivos, as familias, pela cordial intimidade que entre ellas reinava, eram como grupos diversos de uma só familia. As portas das salas de recepção nunca estavam fechadas. Nunca se soube o que é um criado, ou o cordão de uma campainha para annunciar uma visita, e muito menos um porteiro. Nos dias de regosijo e festa principalmente, as portas e janellas estavam francas para os passantes que quizessem ver ou tomar parte no regosijo, sem que ninguém lhes embargasse o passo, porque todos eram amigos e conhecidos intimos.

Os leitores podem fazer idéa das emoções que agitavam o espirito de Elias ao approxi-

mar-se daquella casa, e portanto me dispensa-  
rão da difficil, senão impossivel, tarefa de  
descrevel-as.

No momento em que Elias chegou, um  
homem cantava, acompanhando-se ao violão.  
Elias estremeceu ao ouvir aquella voz; pare-  
cia-lhe já a ter ouvido em alguma parte. De-  
morou-se um pouco no corredor até que aca-  
basse o canto. A porta, que do corredor dava  
entrada para a sala, estava aberta em par em  
par. Porta e corredor estavam atulhados de  
gente de toda a classe, que escutavam o can-  
tor. Atapenas este calou-se entre palmas e bra-  
vos, treço povo começou a mover-se e agitar-se,  
apra eitando-se do reboliço geral, Elias, para  
nãue i notado, envolveu-se na turba e foi-se  
enugnando para a sala. Ao chegar porém  
acummar da porta, estacou de subito, como se  
um relampago dando-lhe nos olhos lhe tivesse  
offuscado a vista. O que vira elle?...

No fundo da sala, bem defronte da porta,  
viu sentada Lucia com os olhos baixos e as  
feições um pouco abatidas, mas deslumbrante  
de belleza. O pudor e a commoção tinham-lhe  
accendido nas faces desbotadas pelo soffri-  
mento uma ligeira côr, como a leve sombra  
de rosa, que lhe ondeava na alva garça do  
vestido.

A seu lado e meio voltado para ella, en-  
volvendo-a de olhares ardentes e apaixonados,  
estava o feliz trovador, sustendo ainda nas  
mãos seu alaúde. Apenas Elias fitou-o por  
um momento, reconheceu no noivo de Lucia,

quem?... o seu execravel protector da Bahia, o moedeiro falso, o roubador de sua fortuna! O ladrão de sua felicidade era o mesmo ladrão de sua bolsa! Depois de lhe furtar o dinheiro no Sincorá, correrá á Bagagem para roubar-lhe o coração de sua amante!... Sim, era elle; elle mesmo, que ali estava rico á custa de sua miseria, feliz á custa de seu infortunio.

O primeiro impulso do coração do moço foi chegar-se a Leonel, arrancar-o pelo braço de junto da sua noiva, puchal-o para o meio da casa, e dizendo-lhe: ladrão, quero minha parte na cara! imprimir-lhe nas faces um joio de fofetada. Mas teve prudencia bastante para sopear aquelle primeiro movimento. Mirou os olhos dos dois noivos e procurou na sala o Major. Descobriu-o logo bem perto da porta sentado junto a uma mesa, e dirigiu-se a elle.

— Major, dá licença?...

— Póde chegar; quem é?...

— Não me conhece mais, senhor Major?... disse o moço avisinhando-se.

— Ah! o senhor Elias!... por aqui!... ha bem tempo que não o vejo, e nem tenho noticias suas. Então, por onde andou? quando chegou? conte-nos isso.

— Cheguei hontem, e não pude resistir ao desejo de vir vel-o e cumprimental-o, apezar de que a hora e a occasião não sejam proprias... peço-lhe desculpa...

— Obrigado. Fez muito bem ; esta casa está sempre aberta para os amigos, em toda e qualquer occasião.

— Muito lhe agradeço tanta bondade, e por estar certo della é que me atrevi a procurar-o mesmo em tal occasião.

Elias fazia um esforço supremo para dominar e disfarçar a tempestade que lhe ia dentro d'alma. Por seu lado o Major tambem estava longe de sentir no coração o prazer que procurava apparentar, com o apparecimento de Elias naquella occasião. Bem conhecia a mutua afeição que, ha longo tempo, existia entre sua filha e o joven uberabense, e que era ella a causa da tristeza e do abatimento em que Lucia ha tanto tempo vivia, e da repugnancia que sempre mostrára em aceitar um marido. Agora, porém, que essa repugnancia estava vencida, segundo elle pensava, e que o tempo e um novo affecto iam produzindo o desejado effeito, o apparecimento inesperado daquelle rapaz não podia produzir em seu espirito agradavel impressão, e não deixava de receiar que a sua presença podesse perturbar o complemento de seus projectos. Este receio subio de ponto ao notar os olhares desvairados e o accento estranho da voz do mancebo, que de balde procurava dar a todo o seu ser um ar da mais fria indifferença.

— Nesta occasião principalmente, meu amigo, prosequio o Major continuando a conversa, sinto especial prazer em ter mais uma testemunha, e da qualidade do senhor, da fe-

licidade de minha filha, pois tenho a satisfação de participar-lhe que muito brevemente vai-se casar com o senhor Leonel, aquelle bello e distincto cavalheiro que lá se acha junto della.

— Já disso tive noticia, e dou-lhe os meus sinceros parabens.

— E' um excellente moço. Não ha quem o veja, que desde a primeira vista não fique gostando d'elle. Quero ter a honra de desde já o apresentar a elle.

O simples do Major pensava que com esta formal declaração dava logo *in limine* golpe de morte a toda e qualquer esperanza que ainda por ventura Elias alimentasse a respeito de sua filha. Não tinha idéa da vehemencia das paixões energicas e profundas que, em vez de cederem, mais se inflammam diante dos obstaculos que se lhes oppõem.

— Com muito gosto! vamos, senhor Major. Tambem desejo felicitar a noiva, disse Elias com um tom de amarga ironia que não escapou ao Major.

Este travou-lhe do braço, e o foi conduzindo para junto dos noivos.

— Senhor Leonel, disse elle ao chegar defronte dos noivos, tenho a satisfação de lhe apresentar este meu patricio e amigo, que acaba de chegar de fóra, o senhor Elias.

Leonel estremeceu, e olhou rapidamente para Elias. Depois reportando-se, fez um leve aceno com a cabeça, e o cumprimentou friamente.

Esta recepção fez ferver o sangue a Elias, que resolvido a desmascarar aquelle embusteiro, dirigiu-lhe resolutamente a palavra:

— Oh! senhor Leonel!... já me não conhece?... tenho infinito prazer em tornal-o a ver.

— Pois que! exclamou o Major, então já se conheciam?...

Leonel levantou-se pallido, e com visível perturbação largou, ou antes deixou cahir sobre a cadeira o violão que tinha nas mãos, e bastantemente enfiado balbuciou:

— O senhor é... quem?... não me lembro de todo.

— Pois devéras não se lembra de mim, continuou Elias em voz bem alta; veja lá... olhe bem para minha cara.

— Não; de todo me não lembro; tenho má memoria, e lido com tanta gente, replicou Leonel recobrando aos poucos sua seguridade habitual.

— Pois não se lembra de Elias, o seu amigo, o seu protegido do Sincorá?

— Elias!... resmungou o bahiano como que forcejando por lembrar-se, não sei... talvez com um esforço de memoria... no Sincorá!... conheci e protegi lá tanta gente.

Aquella fatuidade e arrogancia, aquelle desdenhoso esquecimento, fosse real ou fingido, fez perder de todo a paciencia a Elias, que bradou com toda a força de seus pulmões:

— Diga antes, senhor Leonel, enganei e roubei lá tanta gente!

— Insolente ! gritou Leonel ; senhor Major, este homem ou é um doido, ou está bebado ; se o não fizer desaparecer immediatamente daqui, retiro-me de sua casa para nunca mais voltar...

— Cala-te, ladrão, bradou Elias ; e agarrando com mão de ferro o braço de Leonel, antes que ninguém pudesse estorval-o, em dois arrancos o arrastou para o meio da sala exclamando: E's um ladrão, e hei de marcar-te na cara !...

Immediatamente se ouviu o estalo de uma bofetada nas faces do bahiano. Um punhal reluzio na mão deste ; mas já ambos estavam cercados e separados por uma turba immensa.

— Que desafôro, senhor Major ! exclamava um ; isto não se tolera ! como admitte em sua casa um doido destes !

— Prendam ! prendam esse biltre, bradava outro. Se não é algum malvado, é algum doido, ou algum bebado.

— Este rapaz noutro tempo mostrava ter juizo, dizia um terceiro, que conhecia Elias. Não sei como agora se lhe virou o miolo por esta maneira !... mande aferrolhal-o immediatamente ; é um homem perigoso.

O Major dava aos diabos o momento em que se lembrára de apresentar a Leonel aquelle endiabrado rapaz, e entendendo que o despeito e o ciume lhe tinham transtornado o juizo, tratou de dar providencias para segural-o bem.

Elias rodeado e agarrado por uma multidão de esbirros officiosos, que lhe dirigiam improperios e baldões, foi dali arrastado para a casa da prisão, em quanto Leonel, cercado por seus amigos, brandia em vão o punhal, vomitando ameaças, e baforando vinganças.

Lucia tremula e attonita assistira áquella escandalosa scena sem della nada comprehender. Retirou-se como que assombrada para seu quarto; mas, naquelle incidente, em que todos viam um deploravel e horrivel desacato, ella entrevia como que um lampejo de esperanza. Ella, e só ella acreditára nas palavras de Elias, e o julgava cheio de razão.

Leonel retirou se para sua casa, respirando vinganças, mas atterrado dentro d'alma com o apparecimento fatal daquelle moço.

## XI

### DE MAL A PEOR

Elias tinha gasto cerca de quatro mezes em sua viagem do Sincorá a Bagagem. Quando disse a seu hospede que apanhára febres intermittentes na margem do S. Francisco,

não tinha mentido, se bem que naquella occasião nada sentisse que dellas procedesse. Essas sezões que apanhou em caminho, foram que, com grande desespero seu, demoraram-lhe a volta por mais de dois mezes.

Durante esse penivel trajecto, foi que o publico e o governo brasileiro deram fé da grande quantidade de notas falsas que tinham sido introduzidas na circulação, e que se começaram a dar as mais energicas providencias para descobrir e capturar os fabricantes e introductores da moeda falsa. Esta noticia porém, ainda não tinha penetrado pelos sertões que Elias tinha de atravessar do Sincorá a Bagagem; por isso só ao chegar a esta povoação, pôde ter conhecimento da abominavel fraude de que fôra victima.

Leonel era um dos agentes mais audazes e activos dessa sociedade de moedeiros falsos, cujo centro existia na Bahia e que se ramificava pelo imperio inteiro.

Por ahi já se pôde avaliar de que tempera era a consciencia daquelle homem, e de que perversidades não seria capaz. Tinha porém o dom de occultar sua perversidade debaixo das mais brillhantes e sedutoras exterioridades, e a todos illudia e fascinava.

Depois de ter passado centenaes de contos de notas falsas no Sincorá e em outros pontos de sua provincia, assentou de percorrer outros pontos do imperio, proseguindo em suas criminosas especulações. Girando assim constantemente, mais facilmente poderia esca-

par ás investigações da policia, e no caso que ella lhe quizesse deitar a garra, pôr-se-ia a salvo atravessando o Atlantico. Na Bagagem, porém, o atrevido cavalheiro da industria achou nos olhos de Lucia um engodo irresistivel, que o deteve nessa localidade por mais tempo do que desejava. Logo que a viu, tomou-se de uma paixão cega pela moça, não inspirada por um casto e sincero amor, mas filha desse desejo material e libidinoso das almas libertinas, e jurou possuil-a custasse o que custasse. Para logo conheceu a impossibilidade de seduzir e lançar no caminho da deshonra aquella alma tão nobre e altiva, aquelle coração tão casto. Mas o casamento, para Leonel, era um meio tão simples como outro qualquer de trazer-lhe aos braços a mulher que cubiçasse. Abandonal-a depois, onde e quando quizesse, era para elle tambem negocio de bem pouca ponderação. Entregue á descuidosa cegueira que resulta da prosperidade e da opulencia, nem pensava na possibilidade de encontrar naquellas paragens alguma das victimas de suas fraudes, e quasi que já nem se lembrava de Elias, e, ou ignorava ou já não se recordava de que paiz era elle. Estava além disso persuadido que nos sertões as leis e a justiça são impotentes contra quem quer que tenha na carteira algumas centenas de contos de réis.

O escandaloso incidente, que tinha tido logar em casa do Major, fizera viva impressão no espirito da população, que em pezo es-

tygmatisava o acto violento de Elias. O Major, cheio de indignação e de susto ao mesmo tempo, era o mais empenhado em exigir a punição de tal attentado, a despeito da opposição de Leonel, que clamava em altas vozes que dispensava a vindicta das leis, e que ali ou em qualquer parte saberia desforçar-se cabal e categoricamente.

Elias, que na Bagagem poucas relações tinha, passou aos olhos de todos por um louco, um desmiolado. O horrivel logro de notas falsas, de que fôra victima no Sincorá, já tinha sido divulgado, mas nem assim o publico quiz se convencer que Leonel podesse ter a minima parte naquelle acontecimento, tal era a satanica habilidade deste para embair a todos e captar a geral estima e confiança. Esse facto, longe de escusar a Elias, serviu para explicar e confirmar a convicção em que muitos estavam, de que o rapaz endoicera.

Ainda outra circumstancia contribuiu para dar mais vulto a essa convicção. O Major tivera a ingenuidade de revelar em presença de muitas pessoas a paixão de Elias por sua filha.

— Bem conheço o motivo de tudo isto, disse elle, este pobre rapaz ha muito tempo gostava de Lucia, e parece que tinha a louca pretensão de casar-se com ella. A paixão e o despeito transtornaram-lhe a cabeça, coitado! tenho pena d'elle; mas não devo tolerar que fique impune semelhante desacato.

Assim o infeliz Elias, para cumulo de males, era objecto da compaixão desdenhosa de uns, dos motejos de outros, e do odio de alguns. Sómente o negociante, em cuja casa se hospedara, e a quem tinha contado sua triste aventura, tinha motivos para não acompanhar a opinião do vulgo; mas, homem de espirito phlegmatico, não querendo ir de encontro ao parecer de ninguém, guardava para si a sua convicção, esperando que o tempo viesse deslindar aquelle negocio, o que julgava que não poderia tardar muito.

— Tantos contratempos viraram-lhe a bóla, dizia um.

— Era um rapaz pacifico e prudente, ajuntava outro, não sei que diabo entrou-lhe na cabeça para fazer aquella estralada!

— Coitado!... observava outro; de um dia para outro vio-se roubado em tudo que possuia, e atraído em seu amor... o caso é mesmo para enlouquecer.

Assim, enquanto Leonel campava insolente e orgulhoso, protegido pela estima e sympathia geral, Elias jazia em uma prisão, como um pobre maluco, que apenas merece um pouco de compaixão.

Do seio de sua prisão Elias formulou uma denuncia contra Leonel. Mas Elias era um maniaco; as autoridades desprezaram a denuncia, embora estivesse concebida em termos os mais sensatos e procedentes.

Leonel para remover toda e qualquer suspeita que alguém podesse nutrir a seu res-

peito, quiz que se dêsse rigorosa busca em tudo quanto era seu, em todos os valores, que trazia consigo, e nada se encontrou que o podesse comprometter.

Todavia, como bem se póde julgar, Leonel estava longe de viver tranquillo depois daquelle desacato, e esperava com a maior impaciencia e inquietação o domingo seguinte para effectuar o seu casamento, e depois — com a noiva ou sem ella — evaporar-se. Teria desaparecido *in continenti*, se esse passo não viesse despertar contra elle as mais bem fundadas suspeitas, não fosse um terrivel indicio, uma confissão tacita de seu crime. Via-se enleado em um labyrintho, cuja sahida se lhe ia tornando extremamente difficil.

Mas como Elias nenhuma outra prova tinha contra elle mais do que a sua palavra, e além disso estava por poucos dias a ver-se livre do compromisso que ainda o detinha na Bagagem, ainda não julgava tão critica a sua situação que devesse tomar logo o partido extremo da fuga. Para manter-se na reputação que soubera conquistar, de leal e honrado cavalheiro, forçoso lhe era levar a cabo o odioso drama em que se envolvera. Uma vez casado, ou a pretexto de ir arrecadar seus bens, ou em virtude de uma carta que recebesse de seu pae ou de sua mãe, que estava á morte, chamando-o junto a si, se retiraria poucos dias depois muito honestamente, e sem despertar suspeitas teria tempo de pôr-se a salvo.

Para melhor disfarçar sua perfidia e mais arrhas dar de generosidade e cavalheirismo, como o crime de Elias era particular, e por elle não poderia ser accusado sem haver parte queixosa, Leonel desistiu da accusação judiciaria, mas protestando sempre que apenas o visse solto, ou havia de morrer ás suas mãos, ou havia de lavar em seu sangue a affronta de que fôra victima.

Mas seus amigos tiveram o cuidado de dissuadi-lo, fazendo-lhe ver que nenhum desdouro soffria em sua honra em consequencia do desatino de um louco rematado; que elle seria tão louco como o seu offensor se fosse arriscar a sua existencia nas garras de uma fêra intratavel, por motivos de pundonor; que se vingava do coice de um burro, ou da cornada de um touro bravo.

Leonel, que não primava pela coragem, e que sabia quanto o seu adversario era vigoroso e destro no manejo de toda a especie de armas, mostrou ceder com difficuldade a estes conselhos, reservando-se todavia interiormente o direito de tomar alguma cobarde e traiçoeira vingança, se por ventura tivesse occasião.

A riqueza, principalmente quando é acompanhada de um verniz de cortezia, generosidade e cavalheirismo, é sempre cortejada e adulada.

Leonel tinha pois uma numerosa roda de aduladores, que só para não incorrerem em seu desagrado, deixaram de cumprir um dever

de humanidade para com o pobre moço, que jazia na prisão sósinho, abandonado, sem ser visitado por quasi ninguem.

Elias passou essas amargas horas, umas vezes sepultado em profundo abatimento, n'uma lethargia da alma e do corpo, outras em accessos de raiva e exasperação, esbravejando, vociferando, e dando com a cabeça pelas paredes. Estes transportes de furor ainda mais confirmaram a crença em que estavam, de ter elle cahido em alienação mental em razão dos horriveis contratemplos que o tinham fulminado naquelles ultimos dias. O infeliz bem via e conhecia os motivos do abandono em que o deixavam seus conterraneos por amor de um astuto aventureiro que os soubera engodar, e os lastimava do fundo da alma; mas não podia reflectir, sem estremecer e encher-se de furor, na sorte que esperava a pobre Lucia, nas garras daquelle bandido sem fé, sem costumes, sem consciencia; e o que mais o desesperava ainda, era o pensar que ella ali estava bem perto, ella! que era a causa de todos os seus soffrimentos, ouvindo talvez tranquilla os seus bramidos de dôr, e reputando-o, como os demais, um louco digno apenas de commiseração.

Estas e infindas outras considerações dolorosas davam-lhe febre e delirio; sentia arder-lhe o craneo, e o coração tumido de angustias como que lhe não cabia no peito. A idéa do suicidio, que dois dias antes se lhe apresentára como o unico meio de livrar-se da-

quella situação infernal, já não lhe sorria. O desejo de ver-se vingado o prendia á vida, e essa vingança elle a entrevia pendente sobre a cabeça dos culpados, ameaçadora e terrivel. Era esta esperança que o alentava, e o fazia supportar com alguma resignação as inclemencias da sorte e as injustiças dos homens.

## XII

## MOEDEIRO FALSO

Lucia, abalada violentamente em todo o seu organismo pelo inesperado apparecimento de Elias e pela triste scena a que déra logar na noite de sabbado, cahiu em uma prostração febril e profunda, que nos primeiros dias chegou a causar sérios cuidados a respeito de sua existencia. Aquella alma forte, aquella feliz e vigorosa organisação emfim succumbio á luta atroz que ha tanto tempo trazia travada com os sentimentos do coração. A's vezes delirava, e então, o nome de Elias lhe vagava sempre pelos labios no meio do tropel de suas

idéas confusas e incoherentes. Só então seu pae reconheceu que o amor de sua filha não era uma simples velleidade de creança, um capricho da inaginação, mas uma dessas paixões veementes e profundas, que com os obstaculos mais se exaltam, e que nunca mais se desalojam do coração onde uma vez entram. Mas era tarde; o mal já estava feito, e era irremediavel.

Leonel, como era seu dever, foi visitar sua futura esposa com vivas mostras da maior angustia e consternação, mas dizendo dentro de si: — Oh! se ella succumbio já, que redempção para mim! Como noivo foi sem escrupulo introduzido no quarto da enferma em occasião em que esta parecia estar mais tranquillã. Lucia em um estado de marasmo mal se percebeu da visita que lhe era apresentada, e respondeu á sua saudação e a suas perguntas com tal indifferença, que bem mostrava não saber ella com quem estava falando. Por fim, Leonel para despertar sua attenção tomou-lhe uma das mãos entre as suas, e debruçando-se sobre o rosto da enferma que se achava reclinada sobre o travesseiro, dirigiu-lhe em tom affectuoso estas palavras:

— D. Lucia, olhe-me; não me conhece?... sou eu; é o Leonel... é o seu esposo...

— Meu esposo! meu esposo!... quem é? é Elias?

E levantando um pouco o rosto e abrindo os olhos, que até ali conservava quasi fechados no torpor da febre, fitou-os em Leonel...

— Ah! gritou ella espavorida, e recuando para o canto da cama. Não! não é Elias! não é meu esposo! é o ladrão... lá está a marca na cara!... fuja, senhor! fuja daqui!...

Leonel pallido e horrorisado levantou-se bruscamente, e sahiu do quarto sem dizer palavra.

Para qualquer outro homem, que amasse verdadeiramente, aquella revelação do delirio, — como o sonho da esposa do conde d'Este, — teria sido um raio fulminador. Mas naquella occasião Leonel, dissipado o primeiro assombro e terror que lhe causaram as palavras delirantes de Lucia, viu nellas uma aurora de esperança, um signal de redempção. Depois do desacato que soffrera em casa do Major, tinha-se mil vezes arrependido do compromisso que tomára pedindo em casamento sua filha, compromisso que agora o envolvia nas mais sérias difficuldades; e posto que fosse grande o desejo de possuil-a uma noite sequer, comtudo maior era a necessidade que tinha de por-se a salvo, evitando algum futuro incidente que o viesse perder completamente, e não sabia que meio excogitasse para conseguir esse fim sem compromettimento seu. Quando pediu a mão de Lucia, não lhe occorrera que corria então a quaresma, e que forçoso lhe seria espaçar por tanto tempo o seu casamento. Se de tal se lembrasse, talvez não se arriscasse a tanto. O apparecimento de Elias e a scena da noite de sabbado chamavam as atenções sobre elle. As folhas da côrte começavam

a falar muito no apparecimento de notas falsas, e nos esforços e diligencias que o governo empregava por todo o imperio para descobrir e prender os moedeiros falsos. Estava-se na terça-feira, e até domingo proximo Deus sabe o que poderia acontecer. Portanto, por mais lisonjeiro que fosse o conceito de que ainda gosava na Bagagem, por confiança que nelle depositassem, a posição do joven bahiano era das mais criticas e arriscadas.

Já pelas ruas lhe tinham constado os antigos amores de Lucia e Elias, e posto que esse rumor vago não fosse ainda um motivo bastante solido para determinar um rompimento, todavia Leonel estava disposto a prevalecer-se delle, e agarrar-se a essa unica taboa de salvação que a sorte lhe deparára.

Póde-se pois calcular com que intima e viva satisfação sahiu da casa do Major, posto que levasse no rosto a mascara da tristeza, depois que a revelação de Lucia, posto que resultado do delirio, veio romper de um só golpe todas as malhas da rêde terrivel em que tão imprudentemente se tinha enleado.

A visita de Leonel foi feita pela manhã; o pae de Lucia não estava em casa. Nessa mesma tarde Leonel voltaria para retirar sua palavra, desfazer o contracto, e despedir-se, e nessa mesma noite desappareceria da Bagagem; tal foi o projecto, que immediatamente formulou em seu espirito.

Elias, ao sahir da prisão tratou immediatamente de abandonar aquella terra, onde

tinha visto quebrarem-se um por um todos os élos da cadeia dourada de seus sonhos, terra de maldição, como dizia elle, coito de phariseus vis e desalmados, que só rendem culto ao ouro e ao diamante, e que seriam capazes de entregar até o proprio Christo, se entre elles apparecesse, á sanha de seus algozes por um punhado de ouro. Despediu os camaradas que ainda lhe restavam, vendeu animaes e bagagens que lhe eram desnecessarios, e, sem nada dizer, nem despedirse de ninguem, montou a cavallo sósinho e subiu pelo caminho que vai para o Patrocínio. Essa estrada passava pela frente da casa de Lucia a algumas braças de distancia. Ao avistal-a Elias sentiu um horrivel aperto de coração. Mas um irresistivel attractivo como que o detinha ali; retardou o passo do animal, e perscrutou com as vistas todos os lados da casa a ver se avistava Lucia, ou alguem da casa; não viu ninguem. Applicou o ouvido á escuta de alguma voz, de algum rumor, que dali partisse; mas reinava na casa o maior silencio e quietação, como se nella ninguem morasse. Ainda mais se lhe annuiu o coração de melancolia.

— Adeus, Lucia! adeus! murmurou o moço lançando um triste e derradeiro olhar sobre a casa do Major. Perdôa o estouvamento que commetti; não serei eu mais que irei perturbar teu socego e tua felicidade. Mas ah! queira Deus que em breve não experimentes o rigor do castigo do céo! Adeus!

E esporeando o cavallo desapareceu na matta pelas voltas do caminho.

Na tarde desse mesmo dia Leonel, montado em um lindo ginete, subia o caminho da encosta que conduzia á casa de Lucia. Ia desfazer o contracto de casamento, e despedir-se, e ia altivo e resolutto, porque de feito o motivo que tinha para assim proceder, era o mais legitimo e nobre; mas tal motivo não bastaria para demover de seus perversos designios aquella alma obcecada e habituada ao crime, se não fôra o risco que corria sua pessoa demorando-se por mais tempo na Bagagem. Sua intenção era desaparecer nessa mesma noite, para o que já déra as necessarias providencias.

Para arredar de si qualquer suspeita, deixaria uma carta para ser apresentada a todos os seus amigos, na qual lhes faria ver que retirava-se porque não lhe era possivel, nem lhe ficava airoso por modo nenhum demorar-se, nem mais um instante, em uma terra onde acabava de ser victima do mais escandaloso desacato e do mais profundo dissabor por que pôde passar o coração do homem. Levava comtudo a mais grata lembrança daquelle paiz e de seus habitantes, e protestava seu reconhecimento a todos que o honraram com sua amizade.

Exultando com o acontecimento que lhe dava tão plausivel motivo de pôr-se a salvo sem despertar suspeitas, o joven bahiano chegou á porta da casa do Major.

No momento de apear-se achava-se bem junto á porta um homem de grotesca figura, pobre e andrajosamente vestido, mas calçado e com uma gravata esfarrapada ao pescoço, e da apparencia a mais benigna e submissa que se póde imaginar. Este homem, depois de tirar respeitosamente o amarrotado chapéo de pello, fazer uma profunda reverencia e pegar no estribo para apear-se, desdobrou e apresentou a Leonel um papel sem lh'o entregar.

— Ah! já sei! exclamou com impaciencia o mancebo, sem ao menos olhar para o papel. E' alguma subscrição... é um chuveiro dellas todos os dias. Em outra occasião, meu amigo... appareça em minha casa.

— Perdõe-me V. S.; não é isso de que se trata; tenha a bondade de ler o papel.

Leonel tomou o papel, passou por elle um ligeiro lance de vista, empallideceu, e num instante desarmou-se-lhe todo aquelle ar de segurança e imponencia que o revestia. Depois com ar espantadiço olhou para todos os lados como quem queria correr. O homem lançou-lhe a mão ao punho, e disse-lhe com solem-nidade:

— V. S. está preso á ordem do senhor delegado de policia.

— Infamia!... eu!... eu mesmo!? é impossível; ha engano da sua parte, meu caro.

Dizendo isto, Leonel ia entrar para a casa do Major. O homem o deteve.

— Perdão; V. S. ha de acompanhar-me,

— Vou só dar um recado, e volto neste instante.

— Não, senhor; tenho ordens apertadas. O moço mordeu os beiços de raiva.

— Pois bem! disse, vamos lá! onde quer me levar?

E ia montar a cavallo.

— Perdão, meu senhor; tenha paciencia. V. S. ha de ir a pé. Eu vou puchando seu cavallo.

— Biltre! bradou o moço encolerizado e levantando o chicote, o cavallo é meu; tenho de ir á casa, e não quero ir a pé.

E já ia pondo o pé no estribo. O meirinho apitou, e subito dois soldados, surgindo por de traz de uma cerca visinha, acudiram promptamente, e collocaram-se aos lados de Leonel. Este abaixou os olhos tremulo e convulso de raiva e de vergonha, e disse aos guardas em tom rapido:

— Vamos!... vamos depressa! quero saber que maroteira é esta.

O que elle queria porém era evitar a vergonha e humilhação de ser visto naquellas circumstancias pelo Major e Lucia. Lucia estava doente em seu quarto; mas o Major e algumas outras pessoas de casa já tinham acudido á janella.

— O que é isto, senhor Leonel! ? o que é que estou vendo! exclamou o Major. Camaradas, que quer dizer isto? aqui ha de certo algum engano. Que fez este homem?

— Elle melhor o sabe do que nós, senhor Major, disse um dos soldados; pergunte a elle.

— Não se inquiete, Major, disse Leonel. Estou preso, é verdade; mas ha sem duvida aqui algum equivoco. Eu vou já deslindar tudo isto, e breve estou de volta.

E foi sahindo a passos rapidos no meio dos dois guardas, e acompanhado pelo meirinho.

Nesse momento vinha descendo pela estrada que passava pela frente da casa a uns cem passos de distancia, um cavalleiro todo embuçado em seu ponche e com o rosto quasi inteiramente encoberto por seu largo chapéo desabado. Ao presenciar aquella scena, parou, deixando que primeiro passassem a escolta e o preso. Quando iam passando por diante d'elle, ergueu o chapéo e descobrindo o rosto, clamou com um accento de voz satânico :

— Ainda bem, que a vingança do céo veio mais cedo do que eu esperava !

A esta voz Leonel, que marchava rapidamente e com os olhos cravados no chão, levantou sobresaltado a cabeça, estremeceu, cambaleou, e teria cahido, se não se tivesse escorado ao braço de um dos guardas. Tinha reconhecido Elias.

Elias, que na manhã daquelle mesmo dia tinha partido com o firme proposito de nunca mais voltar a Bagagem, ao sahir da matta e avistar as vastas e formosas campinas que se estendiam diante de seus olhos, sentiu cobri-lhe o coração uma nuvem da mais sombria

tristeza, e a custo se arrancava daquelles sitios, onde deixava para sempre sepultadas suas esperanças e sua felicidade. As redeas bambaleavam frouxas ao pescoço do animal, que marchava como lhe aprazia, em quanto o cavalleiro se esquecia no abysmo de seus melancolicos pensamentos. A cada espigão que transpunha, cada buritiral que via atraz de si pelos immensos chapadões, sentia-se lhe desfallecer a alma, e fraquear a resolução. Seu immenso amor, talvez tambem uma restea de luz de esperança, que ainda lhe bruxuleava no fundo d'alma, ou mesmo algum occulto sentimento o arrastavam para junto de Lucia. Emfim, tanto reflectiu, calculou, desvaneou, que depois de ter scismado muito e andado bem pouco, estaria apenas a tres leguas de distancia, quando já o sol descambava, torceu bruscamente as redeas ao cavallo, e voltou a galope.

— Vamos ! exclamou ; quero ir ver com meus proprios olhos a consummação de minha desgraça. Sim ! quero ver, assistir a tudo ; e seja para ella a minha presença como imagem viva do remorso, e como preludio da vingança que não tardará a cahir do céu.

Quiz o acaso que Elias chegasse exactamente a ponto de assistir ao acto da prisão de Leonel. Depois desta scena a que já assistimos, Elias enterrou outra vez o chapéo sobre os olhos, esportou o cavallo e seguiu seu destino, murmurando comsigo :

— Ah! Lucia! Lucia! tu me trahiste, mas nem assim meu coração póde odiar-te, e agora sinto-me feliz mais por te ver livre das garras daquelle malvado, do que por me ver tão cabal e solemneamente vingado!

## XIII

## OS VIZINHOS

Depois da triste occurrencia da noite de sabbado, Lucia bem quizera mandar a Elias um bilhete, um simples recado mesmo, não para reatar relações culpaveis com seu antigo amante; seu honesto coração repellia semelhante idéa, mas para explicar seu procedimento, pedir-lhe perdão, e dizer-lhe um derradeiro e eterno adeus. Mas como? sempre rodeada de pessoas que a cercavam de cuidados ás vezes importunos, não lhe era possível satisfazer esse desejo. Seu pae mesmo, receando que de novo se reavivasse um sentimento que já suppunha quasi extincto, posto que tivesse toda a confiança na honestidade de sua filha, comtudo, á vista do estado de exal-

tação em que cahira sua imaginação enferma, julgou necessario observal-a com todo o cuidado e vigilancia.

Esta continua obcessão ainda mais lhe irritava o espirito, e augmentava os martyrios do coração. Ser odiada, desprezada talvez por Elias sem deparar um meio de justificar-se para com elle e pedir-lhe perdão, era a mais pungente das torturas que a atormentavam. Queria só poder lhe dizer :

— Elias, tens razão de me odiar, de me amaldiçoar mesmo ; mas acredita-me, eu não sou culpada ; um dia saberás tudo, e estou certa que me perdoarás. Eu te amo ainda, e te amarei sempre ; mas o céu não quer que sejamos um do outro. Curvo-me á impiedade de meu destino, esperando que a morte em breve virá pôr termo a meus martyrios. Adeus!...

Seriam estas as ultimas palavras, que lhe dirigiria, e depois se devotaria inteira ao sacrificio que lhe era imposto. Mas nem isso, nem esse extremo consolo lhe era dado, e ainda mais penivel se tornava sua situação, quando se lembrava que naquella fatal noite Elias apenas lhe relanceára um olhar sinistro e exprobrador.

No dia em que fôra preso Leonel, Lucia inculcando-se restabelecida, levantou-se da cama, em que ha dois dias jazia ; mas achava-se ainda muito alquebrada para poder sahir do quarto.

Logo depois da scena da prisão o Major dirigiu-se ao quarto de sua filha.

— Minha filha, disse elle, reveste-te de paciencia e de coragem; tenho mais um triste contratempo a annunciar-te.

— Qual é; meu pae?... fale! fale?...

— Não te afflijas, querida Lucia. O golpe é bem sensivel, mas creio que mais para mim, do que para ti. O negocio ha de ser sabido immediatamente, e antes que outro te conte, quero que o saibas de minha propria bocca.

— Então o que é, meu pae?... pôde falar sem susto. Eu já estou acostumada a ouvir más novas.

— Acabo de assistir a uma scena bem triste. Leonel, o teu noivo, acaba de ser preso aqui á porta de nossa casa?...

— Sim, meu pae?... exclamou Lucia, levantando-se com um brilho estranho nos olhos, que o pae, tomou por um novo accesso do delirio, e que não era mais do que o lampejo de uma alegria que quasi se parecia com a loucura.

— Sim? continuou ella. O Sr. Leonel preso? e porque, meu pae?

— Não sei ainda; mas sem duvida pelo crime de moeda falsa, de que o accusava o pobre Elias... E ninguem o acreditava!... meu Deus!... como são as coisas deste mundo!...

— E que sina a minha, meu pae! ah! não ha nada certo nem seguro neste mundo!

— Tranquillisa-te, minha filha; e dá graças ao céu que nos veio livrar talvez das garras de um embusteiro, de um monstro. Foi para nós uma felicidade.

— Foi mesmo, meu pae; foi uma felicidade muito grande. Aquelle homem, não sei porque, fazia-me medo. Uma antipathia invencivel me arredava d'elle... Ah!... foi como se me tirassem um peso de cima do coração!

— E como te resignavas a casar-te com elle?...

— Era um sacrificio, meu pae.

— Sacrificio!

— Sim, meu pae, um sacrificio, mas um sacrificio necessario para sua felicidade e de minha irmã; um sacrificio imposto pelo dever. Já não se lembra de assim me o ter declarado?

— Lembro-me, Lucia; mas se soubesse que tinhas tanta repugnancia...

— Muita! muita repugnancia!

— Se eu o soubesse, antes quereria soffrer toda a sorte de miserias, do que tornar para sempre desgraçada a minha filha...

— E' verdade! eu seria muito, muito desgraçada.

— E porque te não abrias cominigo com toda a franqueza?

— A' vista do que meu pae falou-me, era meu dever calar-me e submetter-me.

— O' boa e querida filha... e como teu coração adivinhava! e eu, cego e cruel pae que eu era!... te ia arrastando sem piedade para tão duro sacrificio!... perdôa-me, minha Lucia. Louco e desventurado pae que sou!...

— Meu pae, esqueçamo-nos de tudo isso; agora só devemos nos alegrar e dar graças ao céo que tão a tempo nos veio livrar das mãos

daquelle homem que só queria a nossa perdição.

— Tens razão, minha filha; demos graças ao céo. Adeus; vai descansar. Ainda não estás boa, e tens necessidade de repouso. Adeus.

Apenas o Major sahiu, Lucia foi lançar-se de joelhos aos pés de um crucifixo, que tinha pendurado á cabeceira do catre, e com todo o fervor de seu coração murmurou esta oração de graças:

« O' meu bom pae do céo, eu vos rendo infinitas graças pelo immenso beneficio que acabais de fazer-me, livrandó-me das ciladas de um malfeitor, que me queria arrojtar no abysmo da perdição e da desgraça. Eu bem sei que não merecia tão assignalado favor, mas vós sois bom, e tivestes piedade de mim. Mas lembrai-vos tambem do infeliz Elias!... O pobre Elias!... tem direito de me querer mal... só me falta o seu perdão. Ah! Elias! quando souberes de tudo, tu me perdoarás... »

Mal ia Lucia acabando aquella prece, que do throno do Omnipotente ia insensivelmente se desviando para a pessoa de seu amante, quando entrou Joanna no quarto.

— Estava resando sinhásinha? faz bem; o rezar allivia muito o coração da gente, quando está afflicto.

— Estava, sim, Joanna; o que me queres?

— Aqui está, disse a escrava apresentando-lhe um bilhete.

Pelo sobrescripto Lucia logo conheceu que era de Elias. O coração pulou-lhe de alegria ; ainda uma vez voltou a Deus seu pensamento agradecido. Sem demora abriu e leu o bilhete. Mas logo á primeira linha sua fronte se annuviou, e o brilho de seus olhos se empanou de lagrimas. O bilhete dizia assim :

« Adeus, Lucia ! adeus para sempre ! foste bastantemente leviana para me desprezares por um aventureiro desconhecido, só porque tem algum dinheiro e uma bella apparencia. Praza ao céo que bem cedo não te arrependas, e que não venha a ser elle mesmo o algoz que me vingará de tua ingratição ! Vou para bem longe procurar esquecer-me de ti ; não sei se o conseguirei. Quando esta receberes, já estarei mui longe daqui. Adeus ! esquece-te tambem de mim. »

Lucia já esperava que naquella carta não poderiam vir senão queixas e exprobrações. Elias ignorava as circumstancias fataes que a tinham forçado a dar o — sim — a Leonel ; tinha pois sobeja razão para accusal-a e queixar-se amargamente. Mas aquella partida repentina, aquella amarga despedida para todo o sempre, lhe dilaceravam o coração. Ah ! nunca mais vel-o, nunca mais poder-se justificar para com elle, ella innocente victima que ia immolar-se em um sacrificio, que a mão de Deus acabava de affastar de cima de sua cabeça, ser condemnada a viver odiada e desprezada pelo ente a quem mais amava no mundo !

Este pensamento continuamente a atormentava, e não podia perdoar a Elias a precipitada soffreguidão com que a condemnava, e se animava a abandonal-a para sempre, sem ter-lhe ouvido uma palavra, agora que o destino parecia querer abrir-lhes de novo o caminho da esperança.

— Oh ! exclamava ella chorando, é preciso ter bem pouco amor para proceder assim. Eu o não condemnaria tão de leve. Mas de certo que elle não me ama como eu o amo.

Entretanto ainda uma vaga esperança a alentava. Elias talvez chegasse a ter conhecimento, se é que já não tinha, do successo que trouxe ou havia de trazer inevitavelmente o rompimento de seu contracto de casamento com Leonel. Se lhe tinha verdadeiro amor, havia por certo arrepender-se da precipitada resolução que tomára de nunca mais vel-a, e voltaria. Se não fosse o amor, a curiosidade mesmo o faria voltar, e, quem sabe ? tambem o desejo de vingança para ter o prazer de vel-a humilhada em razão do triste desfecho da projectada união. Fosse porém qual fosse o motivo que o trouxesse, ella só suspirava por vel-o na Bagagem ; não faltaria occasião de revelar-lhe tudo o que occorrera, e o seu perdão era certo.

Como já vimos, Lucia não se enganára : a resolução desesperada de Elias apenas tinha durado algumas horas. Mas antes que Lucia o

soubesse, teve de passar ainda muitos dias de cruel incerteza e inquietação.

Elias, em consequencia dos profundos pezares e violentas commoções de espirito por que havia passado durante aquelles dias, soffreu um novo e grave ataque da febre intermittente que tinha apanhado em sua volta do Sincorá, ataque que o prostrou na cama por muitos dias. Não querendo incomodar nenhum dos habitantes da Bagagem, contra quaes estava possuido do mais vivo e justo resentimento, recolhera-se a um tosco e pobre ranchinho, separado cerca de um quarto de legua rio acima do grosso da povoação, onde era tratado por uma pobre parda velha, sua conhecida de Uberaba, que como tantos outros tinha mudado para a Bagagem os seus penates.

Elias conhecia e trazia comsigo os medicamentos necessarios para combater sua molestia, e portanto dispensou o medico que a boa velha em vão instava que se chamasse. Graças a esse curativo e aos cuidados da caridosa enfermeira, no fim de oito dias achava-se inteiramente fóra de perigo.

Durante essa forçada reclusão, as dôres physicas o incomodavam menos do que as inquietações do espirito, e as amarguras do coração.

Lucia não lhe sahia do pensamento. Nos sonhos delirosos da febre ella lhe apparecia, ora risonha e feliz ao lado de um esposo, amavel e brilhante cavalheiro; e então lhe escapavam

bramidos roucos de raiva e desespero, que pareciam despedaçar-lhe o peito. Ora a via pobre e envolta nos andrajos da miseria, mas pura, santa e sempre fiel á lembrança de seu amor ; e então lagrimas doridas lhe rebentavam dos olhos ; chorava e soluçava como uma creança. Sabia que com a prisão de Leonel achava-se desfeito o casamento de Lucia, que o Major estava arruinado, e que a miseria em breve prazo o esperava a elle e a toda a familia. Esta consideração o enchia de amargura ; então mais que nunca maldizia o infame embusteiro que o illudira, praguejava contra a sorte, e blasphemava contra o céu.

Na sua pobre cabana ninguem o vinha ver, porque ninguem o suppunha ali, crendo todos em razão do seu desaparecimento, que tinha sahido da Bagagem.

Um dia disse-lhe a velha caseira :

— Meu moço, Vmc. está aqui tão só, não tem com quem conversar ; isto não está bom ; não quer que eu chame algum de seus amigos para entreter o tempo.

— Amigos!... oh ! minha velha ; pelo amor de Deus ! não me fale nos amigos da Bagagem, quizera antes ver o rosto do Satanaz.

— Pois como?... não ha por ahi nem uma viva alma com quem não tenha tomado caipóra? !...

— Nenhuma, minha velha, nenhuma !... mas não... minto... havia uma : um velho e pobre camarada. Em vão tenho perguntado

por elle... ninguem me dá noticias ; nem sei se é vivo ou morto.

— E é só esse ?

— Ainda ha mais outra pessoa ; e essa eu daria a minha vida para vêl-a, ainda que fosse um instante ; mas essa, ai de mim !... essa não póde vir aqui.

— Vá vendo, que é alguma moça bonita.

— E' verdade !... muito bonita ; bonita como não ha nem póde haver nenhuma.

— Mas, meu moço, Vmc. está muito doente para pensar agora em moças bonitas. Pense antes na Virgem Santissima, que é quem lhe ha de valer.

— Entretanto se essa de quem falo, me apparecesse agora aqui, estou certo que no mesmo instante eu sararia.

— Então é magica ?

— E' mais do que isso ; é um anjo.

— Anjo !... nesse caso não me canso em ir procural-a, porque é coisa que não ha cá por este mundo.

— Não te cances mesmo, minha velha ; tu não a encontrarás ; nem ella virá cá. Ella é do céu ; não póde descer a este inferno em que estou penando.

## XIV

## A LAVADEIRA

No dia seguinte bem cedo a boa velha veio pressurosa acordar Elias.

— Levante-se, meu moço ; o dia amanheceu bonito, e tenho uma bella noticia para lhe dar.

— Boa noticia para mim !... não é possível ! para mim !... neste mundo já não pôde haver noticia nem boa nem má. A unica boa noticia que me poderiam dar, era que já morri.

— Qual ! quem fala agora em morrer !... dou-lhe parte que temos agora aqui perto uma bella visinhança : já Vmc. não ficará tão sósinho.

— Visinhança ! oh ! que bella nova ! tomára que me deixem sósinho, e que eu nunca lhes veja a cara. Senão me mudarei ainda para mais longe.

— Sósinho se veja o diabo !... olhe, que uma visinhança como esta não é para desprezar. E' um velho, uma menina muito linda, e uma moça bonita como um sol. Não os co-

nheço, nem me lembro de ter visto essa gente em parte nenhuma.

— Mas não me recordo de ter visto casa nenhuma aqui por perto, e pensei que estava livre de toda a vizinhança.

— Pois não viu uma casinha coisa de uns cem passos ali mais adiante.

— De todo não me lembro; também eu estava tão doente...

— Também a casa é tão pequena, é como esta mais ou menos, e está tão escondida no matto, que mal se avista.

— Então são tão pobres como nós?...

— Assim parece, ou talvez mais ainda, coitados; mas parece ser muito boa gente. Quando fui apanhar agua fresca n'uma fonte que ha para lá da casa, pediram-me para encher o pote, e estive conversando um pouco com elles. O homem estava para dentro; mas a menina é muito dada e muito meigasinha; a moça também é muito boa e bonita, meu moço, bonita até ali... mas não sei que tem, que anda tão triste!... comparando mal, parece uma imagem de Nossa Senhora das Dôres.

— Pois de todo não sabes quem é essa gente? de onde é? de onde veio? perguntou com sofrega curiosidade Elias, a quem um subito pensamento tinha atravessado o espirito.

— Nada sei de todo.

— Um velho, uma moça e uma menina, não é o que disseste?

— Tal e qual.

— Um velho alto e cheio de corpo...

— Isso mesmo.

— A menina é morena e terá dez a onze annos. A moça é clara, alta, bem feita, olhos grandes, cabellos castanhos...

— Justamente !... pelo que vejo, são seus conhecidos ?...

— Parece-me que sim.

— Um velho, uma moça, uma menina ! reflectiu consigo Elias, e com estes signaes não podem ser outros. O Major estava em vespas de completa ruina !... infeliz familia !...

— E não tiveste occasião, continuou Elias, de ouvir o nome de alguma das pessoas da familia.

— Acho que sim... espere... ah ! agora me lembro... ouvi o velho chamar lá de dentro a moça pelo nome de... de... de Lucia.

— Lucia !... que nome divino acabas de pronunciar, minha boa velha ! são elles mesmos ! é ella !... ah ! desventurada Lucia ! e mais desventurado de mim, que não posso valer-te !...

— Estou vendo que essa moça é o anjo de que Vmc. ha pouco falava ?...

— E' minha velha ; é ella mesma. E dirás ainda que os anjos não andam cá pela terra ?...

Elias não teve mais socego, e levantou-se immediatamente. Só a idéa de que ali tão perto d'elle achava-se Lucia, dava-lhe vigor e alma nova. Era impetuoso, irresistivel o desejo de vel-a ; mas ao mesmo tempo a lem-

brança da pobreza, em que ia encontral-a, o contristava e enchia-lhe de amargura o coração. Vieram-lhe ao espirito todos os tristes transe de sua vida passada, e reflectiu amargamente sobre os crueis e estranhos caprichos da sorte. Elle, que outr'ora fôra quasi que expellido da casa do Major, e considerado indigno de pôr os olhos em sua filha, elle que ha poucos dias fôra tratado desabrida e brutalmente em casa do mesmo Major por amor de um infame aventureiro, elle o via esse mesmo Major, a seu lado, tanto ou mais miseravel do que elle proprio. Se tivesse alma maldosa e vingativa, offerecia-se-lhe então uma bella occasião de espésinhal-o humilhando-o com a sua visita; a sua presença por si só seria um sarcasmo vivo que devia encher de confusão e vergonha aquelle homem outr'ora tão fatuo e ambicioso. Mas Elias nada tinha de vingativo e rancoroso. Sua alma nobre era incapaz de desrespeitar o infortunio de quem quer que fosse, quanto mais do pae daquella a quem tanto adorava.

Entretanto crescia-lhe o desejo cada vez mais impaciente de ver Lucia. Passado o abalo e a commoção violenta dos primeiros dias, e enfraquecido o corpo pela enfermidade, acalmou-se a irritação do espirito do infeliz mancebo, começou a reflectir com mais frieza, e uma voz interior como que o advertia de que Lucia era innocente, e o amava ainda como sempre, e que algum motivo muito poderoso a

forçára a condescender com a vontade de seu pae.

Posto que ainda bastante fraco, Elias parecia lesto e disposto como em seus dias de perfeita saude; uma força interior o reanimava como por encanto. Seu primeiro cuidado foi ir ver, ainda que a certa distancia, a casinha em que viera habitar a familia do infeliz Major. Era uma tosca choupana, a ultima que se via á orla do caminho que seguia rio acima para o commercio do Mundim. Mas essa choupana aos olhos de Elias tinha mais encantos que um palacio: era o templo que encerrava uma divindade.

Sentado sobre a relva que se estendia pela encosta acima em frente de sua casinha, esteve por largo tempo contemplando-a e examinando-a minuciosamente; mas não vio ninguém. Apenas a fumaça que sahia pelo telhado, e algum rumor confuso de vozes attestavam que a choupana era habitada. Depois de estar ali mais de uma hora a contemplar a casa, e embebido em mil pensamentos, ora risonhos e esperançosos, ora amargos e sombrios, a porta se abriu, o Major sahio, e immediatamente a porta se fechou. Envolvido em um largo sobretudo, chapéo de pello de lebre, carregado sobre os olhos, a cabeça descahida sobre o peito, arrimando-se a uma grossa bengala, lá ia o pobre Major caminho da povoação.

Ao vel-o, Elias teve o mais profundo dó e sentiu apertar-se-lhe o coração. Como estava

a certa distancia do caminho, o Major passou sem vê-lo.

— Onde irá aquelle infeliz pae, pensava Elias; que irá fazer? Irá talvez envidar os ultimos esforços para achar algum meio de manter com decencia sua pequena familia, tão digna de melhor sorte! irá talvez vender alguma joia que ainda resta a suas filhas, para dar-lhes um pouco de pão!... E a que portas vais bater, infeliz Major!... de uns monstros sem consciencia e sem entranhas, que folgam com a desdita alheia, como folga o urubú ao ver expirar o animal em que vai cravar o immundo bico faminto de carniça. Esses mesmos, que ainda hontem regosijavam-se em tua casa, comendo e bebendo á tua custa, hoje apenas se dignarão testemunhar-te um pouco de compaixão. Cega-os a gana do dinheiro; peores que os lobos, são capazes de devorarem-se uns aos outros por um punhado de ouro. Major! Major! elles vos arrancarão até a camisa do corpo, e tomaí bem cuidado sobre vossas filhas! elles são capazes de roubar-te mesmo esse unico thesouro de teu coração, esse ultimo consolo de teu infortunio!...

A voz da velha enfermeira o veio despertar daquellas sombrias reflexões.

— Olá, senhor Elias!... o que está ahí a banzar?... fuja desse sol, que está ficando muito quente; venha tomar seu caldo. Então? perguntou ella depois que Elias se aproximou; então, viu os nossos visinhos?

— Vi sómente o velho : é muito meu conhecido.

— Falou com elle ?

— Não ; elle sahiu de casa, e passou por mim sem ver-me ; coitado ! vai tão cabisbaixo ! ainda hontem era rico ; hoje, minha velha, talvez lhe possamos dar esmolas !

— Forte pena !... mas Deus é grande ; ha de compadecer-se delles. Eu tenho mais dó é das pobres meninas, coitadinhas ! tão mimosas, tão bonitinhas ! ha de custar-lhes bastante acostumarem-se com a pobreza.

— Talvez não ; foram criadas na roça, e estão acostumadas com o trabalho. O pae não tinha outro defeito senão o de ser muito fanfarrão e todo enfatuado de riqueza e fidalguia. No mais era um homem de bem, e soube dar excellente educação a suas filhas. Mas nem por isso são menos dignas de lastima.

— E porque não vai fazer-lhe uma visita, e offerecer-lhe o nosso prestimo ; coitados !... Não digo hoje, mas amanhã ou depois, quando melhorar...

— Esse é o meu desejo ; mas...

— Mas o que?... ha de ir ; são nossos visinhos, e talvez lhes possamos prestar na alguma coisa.

Elias bem ardia em desejos de ir ver Lucia. Mas offendido ha tão pouco tempo pelo Major em seu amor proprio, sentia certa repugnancia em ir visital-o, e demais receava que elle pensasse que sua visita naquella occasião tinha por fim humilhal-o e mor-

tifical-o. Visitar Lucia na ausencia do pae, tambem sua natural delicadeza lhe não permittia, principalmente naquella condição em que ella se achava; era dever duplamente sagrado para elle respeitar-lhe o recato e a reputação.

Elias passou essa manhã a excogitar um meio de ver Lucia sem encontrar-se com o Major; mas seu cerebro abrazado e debilitado pela molestia não lhe suggeriu nenhum. A' tarde o accesso febril o prostrou na cama, e forçoso lhe foi renunciar por esse dia ao seu desejo.

No dia seguinte amanheceu muito melhor. O Major sahiu como na vespera á mesma hora. Elias que não ousava fazer uma visita formal á casa de seus visinhos, começou a rondal-a em torno, mas em certa distancia respeitosa, a ver se por acaso entrevia de longe a sua querida Lucia, e esperando que o acaso lhes proporcionaria ao menos um momento de entrevista. O sitio era inteiramente ermo. A casa tinha um grande cercado ou quintal quasi inteiramente inculto, e contiguo ao quintal da casa de Elias, tendo ambos nos fundos por limites o ribeirão. Elias rodeou primeiramente o cercado pelo lado exterior, passou pela frente da casa, e desceu até á margem do ribeirão, enfiando avidos e perscrutadores olhares por todas as janellas, através das cercas e dos arvoredos. Se alguem o visse, nada poderia suspeitar; ia embuçado em seu capote, arrimado a um bastão, era um pobre enfermo em convalés-

cença, que dava o seu passeio hygienico. Não viu ninguém.

De volta á casa lembrou-se de fazer a mesma excursão pelo lado interior do quintal de sua casa, que ficava contiguo ao dos vizinhos. Aquelle tambem estava coberto de arbustos silvestres e capoeira inculca, de maneira que, por entre as moitas, podia Elias muito a seu sabor e sem ser visto observar por entre paus mal unidos da cerca todo o quintal vizinho, e mesmo divisar algumas vezes o terreiro. Teria dado como uns trinta passos ao longo da cerca que ia morrer á beira do rio, quando ouviu vozes de mulher um pouco mais abaixo. O coração pulou-lhe cheio de alvoroço; cuidou ouvir a voz de Lucia! Foi-se approximando com precaução até o ponto donde partiam as vozes, collou-se á cerca, espreitou e viu...

A pequena distancia da cerca um jorro d'agua cahia por uma bica em um tanque raso alcatifado de cascalhos, no qual Lucia, com os pés descalços mergulhados n'agua, a saia do vestido, presa por um lenço, regaçada quasi até os joelhos, o corpo do vestido descido, os roseos seios mal cobertos pela fina e transparente camisa e os compridos cabellos ajuntados atraz por uma fita, cahindo-lhe pelas espaldas, estava lavando roupa.

Debruçada sobre o tanque, cujas aguas borbulhando-lhe em torno beijavam amorosas as duas columnas de alabastro nellas mergulhadas, dir-se-ia Venus no momento em que nascia da espuma do mar, ou branca açucena

que ali nascera á beira da fonte, e pendia o calix a mirar-se em seu crystallino regaço. Nunca Elias, nos dias em que ella era rica e feliz, no meio das festas e do esplendor do luxo, nunca a vira tão linda, tão fascinadora assim. O coração batia-lhe com tal violencia, que tinha medo que fosse ouvido e trahisse a sua presença ali. Entretanto quasi se envergonhava de estar ali espreitando ás escondidas e profanando com suas vistas o innocente e descuidoso desalinho daquella casta creatura. Queria fugir, mas seus pés pregados á terra, e seus olhos não podiam desviar-se daquella angelica figura que os fascinava, e se Lucia nunca dali sahisse, Elias tambem ali ficaria para sempre, ou então de um salto transpondo a cerca, iria se arrojara aos pés della, se do lado de cima da bica, não estivesse em pé uma escrava que com ella conversava. Era a boa e fiel Joanna, que acabava de colher nos canteiros destroçados daquella inculta horta um punhado de hervas para o parco jantar da familia, emquanto a senhora lavava roupa.

Não é só a morte que nivela as condições o destino ás vezes a antecipa, e se compraz em curvar a cabeça dos ricos e orgulhosos até beijarem o pó da terra, e colloca escravos ao nivel do senhor. Mas o destino é cego, e o raio que fulmina sobre a cabeça do culpado tambem as vezes debruça sobre o lodo o lirio puro da innocencia e da virtude.

Quando Elias as avistou, a conversa das duas estava tocando a seu fim,

— Tem paciência, sinhásinha, dizia a escrava. Nossa senhora do Patrocínio ha de ter piedade de nós. Querendo Deus, tudo se ha de arranjar e nós ainda havemos de voltar para nossa roça. Mas enquanto isso se não arranja, aqui está sua negra velha, que ainda póde trabalhar para Vmcs. todos...

— Mas tu hoje és forra, Joanna ; deveres ir cuidar na tua vida...

— Que me importa lá isso?... por acaso eu pedi alguma alforria ? entreguem-me cá a minha carta, e hão de ver como eu a faço em pedacinhos e atiro tudo no fogo.

— Isso não, Joanna !... tal não farás. Fui eu que pedi a meu pae te forrasse, e sabes porque?...

— Eu sei lá !... de certo foi porque sinhásinha não me quer mais ; quer ficar livre de mim...

— Pelo contrario, Joanna, foi para não ficar sem ti. Se não fosses forra, irias cahir nas mãos dos credores de meu pae, como todos os outros escravos da casa.

— Credo ! Nossa Senhora me guarde !... então, não ; quero a minha carta ; quero ser livre para poder ser escrava de minha sinhásinha. Esses diabos desses homens ! Deus me perdôe !... parece que não são baptisados. Meu senhor já valeu a elles todos, e agora não tem um só que tenha piedade delle. Má peste que os persiga !... Agora vou cuidar na janta... sinhásinha fica ahí ?

— Fico, Joanna ; podes ir ; vou acabar de enxaguar esta roupa.

— Deixa isso, sinhásinha. Êu logo venho acabar de lavar e estender toda essa roupa ; não esteja se matando sem precisão.

— Não gosto de estar á tóa, e bem sabes que não é a primeira vez que lavo roupa, e tambem isto me serve de distracção.

— Não tem medo de ficar aqui sósinha ?

— Medo de que?... quem póde vir me fazer mal aqui neste ermo ?

— Está bem, disse Joanna se retirando. Assim mesmo eu vou chamar sinhá Julia para ficar com Vmc.

— Não é preciso, Joanna... Julia está occupada com uma costura que é preciso acabar hoje mesmo. Eu tambem lá vou neste instante.

Nenhum favor melhor podia o céo fazer a Elias naquelle instante do que deixar Lucia ali sósinha ; e dir-se-ia que Lucia adivinhava, e queria ficar só, como se tivesse ajustado uma entrevista. A emoção de Elias subiu de ponto. Não fosse uma excessiva ousadia, uma profanação, teria de um salto transposto a cerca e iria cahir a seus pés...

Logo que Joanna desapareceu por entre os arbustos do quintal, Lucia deixou a fonte, e sentou-se sobre a grama do *quaradouro*, pousou a face em uma das mãos, e poz-se a scismar. Era um modelo perfeito para a estatua de uma naiade. Depois tirou do seio uma

carta, e lançou sobre ella um olhar. Seus olhos arrazavam-se de lagrimas.

— Que crueldade, meu Deus, exclamou ella, deixar-me assim arrebatadamente, e abandonar-me tão sósinha e desamparada neste ermo... isto é de quem ama devéras?... e além de tudo, a pobreza!... a miseria! Meu Deus!... não sei o que será de mim... hei de morrer de tristeza!... ali! se me dissesse ao menos onde foi!... eu déra tudo para saber onde elle está!...

Ouvindo estas palavras, Elias não pôde mais conter-se; pulou a cerca, e em dois saltos estava ao pé de Lucia.

— Eis-me aqui, Lucia!... eis-me aqui a teus pés! exclamou o mancebo.

Lucia assustada deu um grito, e ergueu-se rapidamente. N'um relance desatou da cintura o lenço com que suspendia as saias, e com elle compoz os hombros e os seios que trazia quasi nús. Lembrava Venus, quando do traje de nympha caçadora, em que estava disfarçada, transfigurou-se subitamente aos olhos de Enéas em verdadeira deusa, deixando tombar-lhe aos pés as vestes roçagantes.

— Perdôa-me, minha Lucia! perdôa a minha ousadia; ella é filha do muito amor que te consagro. Eu estava ali... eu te ouvia, e eu te amo; vê se era possível conter-me. Se ainda me amas, tu me perdoarás.

O sobresalto de Lucia não tardou em

transformar-se na effusão de uma celeste alegria.

— Se ainda o amo !... exclamou, pois duvida ainda?...

— Sou tão infeliz, que custo a acreditar em tamanha ventura.

— Compreendo. Pensa que lhe fui infiel; que trahi o nosso amor. Tinha razão para pensar assim; mas quando souber o que houve, estou certa que me ha de perdoar.

— Não tenho nada que perdoar-te; eu é que devo pedir-te perdão de meu estouvamento e precipitação. Meu coração já adivinhou tudo. Mas entretanto conta-me, minha querida Lucia, conta-me como tudo isso foi...

Aquella entrevista, que o acaso preparára, durou apenas meia hora; mas meia hora de gozos e effusões d'alma, de delicias ineffaveis, meia hora tão cheia de amor e felicidade, que aos olhos de Elias compensou largamente dois annos de agros soffrimentos e asperos trabalhos, meia hora que elle trocaria de bom grado por um seculo de viver ordinario.

Entretanto Lucia contou-lhe rapidamente a historia de seu projectado casamento com Leonel, as sollicitações de seu pae, e as tristes circumstancias que a arrastaram áquelle sacrificio, que além da felicidade lhe custaria tambem a vida, mas que ella julgava necessario e de seu dever para felicidade de seu pae e de sua irmã.

— E não te lembravas, disse Elias com

um triste sorriso, que nesse sacrificio arrastavas mais uma victima?...

— Oh! se me lembrava!... mas eu nem noticias tinha de ti... e, mesmo que as tivesse, a não estares em circumstancias de valer a meu pae, levarias a mal esse sacrificio, se infelizmente se consummasse?...

— Não, minha Lucia... eu não teria remedio senão admirar-te, embora se me estalasse de dôr o coração. Mas a carta que te escrevi do Sincorá, acaso não chegou-te ás mãos?

— Chegou, Elias; mas em que momento, meu Deus? Eu acabava de dar o meu consentimento, de comprometter solememente a minha palavra para com meu pae; já era tarde. Faz idéa de quanto era triste e desesperadora a minha posição.

— Pobre Lucia! quanto és boa!... quanto és adoravel e sublime! se antes eu te amava, de hoje em diante eu te admiro, eu te adoro, e não me julgo digno do amor de uma creatura tão superior, de um anjo, de que o mundo não é digno.

— Se não te julgasse digno, eu nunca te amaria, e não teria passado por tantas afflicções e angustias só por amor de ti. Mas hoje sou bem feliz. Deus teve piedade de mim, arredou de meu caminho aquelle maldito homem, e restituiu-me o meu Elias...

— Oh! aquelle homem parecia enviado ao mundo por Satanaz para perturbar a nossa felicidade! Tudo que podia fazer meu prazer,

minha gloria neste mundo, elle pretendia arrancar-me; parece que o perseguia uma inveja feroz de tudo quanto era meu; queria para si o dinheiro de minha bolsa, o amor de meu coração, o ar de meus pulmões, o sangue de minhas veias. Mas o monstro apenas conseguiu roubar-me o fructo do meu suor, essa pequena fortuna que eu tinha adquirido... mas que importa isso, Lucia!... Deus ainda me conserva a mesma intelligencia, a mesma actividade e disposição, e eu saberei adquirir outra...

— Mas por piedade!... eu te peço, não me abandones mais; não vás mais procurar fortuna lá tão longe. Não quero mais que saias de perto de mim...

— Mas, Lucia, eu sou pobre... tu tambem estás tão pobre como eu. Hoje ha um motivo ainda mais forte para que eu empregue todos os esforços para adquirir alguma coisa; e se por aqui não fôr possível, devo...

— Deves amar-me, a mim só, e a mais ninguém. Somos ambos pobres; o destino nivelou nossas condições; e agora não ha mais embaraço algum para nossa união!...

— Mas a pobreza, Lucia... por mim só eu a supportaria como tenho supportado, de coração alegre; mas doer-me-ia horivelmente ver-te em minha companhia soffrendo as inclemencias e privações da indigencia sem poder erguer-te a uma condição mais feliz.

— Por ventura já não sou tão pobre, Elias? e deixarei de sel-o, se me abandona-

res?... então antes queres me ver soffrendo sósinha os rigores da pobreza, do que em tua companhia!

— Mas olha, Lucia; tu és muito moça, formosa e bem educada... não te faltarão maridos que, mais felizes do que eu, possam dar-te no mundo a posição de que és tão digna...

— Cala-te!... não digas mais tal blasphemia, eu te peço pelo nosso amor. Antes miseravel comtigo, de que millionaria com um Leonel, ou com quem quer que seja. Mas tu não irás mais para longe; fica por aqui mesmo na nossa terra; eu te peço pelo nosso amor, por tudo quanto mais queres neste mundo ou no outro... pela alma de teu pae e de tua mãe... Em toda a parte se ganha com que passar a vida, e que necessidade temos nós de riquezas; o nosso amor será a nossa riqueza, e por ventura não basta elle para nos tornar felizes?

— Socega, minha querida Lucia; não irei longe. O teu amor, assim como me enche o coração de felicidade, dá-me tambem toda a coragem e toda a confiança no futuro. E' impossivel que Deus não abençoe o trabalho de quem se esforça para amparar e fazer a felicidade de um anjo, como tu és. Mas olha, Lucia, não quero, não devo pedir-te a teu orgulhoso pae, em quanto desta dextra que vou offerecer-te, não puder escorregar um pouco de ouro.

— Ah!... mas se isso não fôr possivel, me abandonarás?...

— Nunca, minha Lucia, nunca ! serei teu, sempre teu.

— Basta!... adeus ! já estamos aqui ha muito tempo ; alguem póde nos ver...

— Um instante ainda : escuta, Lucia. Da minha malfadada fortuna do Sincorá restam-me ainda alguns destroços. Vou pol-os em jogo. Não sahirei destes arredores. Saberás noticias minhas, e eu virei ver-te todas as vezes que puder ; não sei que presentimento me diz, que seremos felizes, muito felizes. Adeus.

— Adeus !... não te esqueças de mim, e não me fujas mais.

— Não ; nunca mais ; eu te juro... por este beijo... mais este... e mais este ainda. Adeus !

E dizendo isto Elias cingia a moça a seu peito, e lhe deu um beijo em cada uma das faces e o ultimo na bocca. Era a primeira vez que tal ousava.

## XV

### ABNEGAÇÃO

O garimpeiro é como o jogador ; sua esperança está sempre no seio da grupiára, como a do jogador nas cartas do baralho, nos dados

ou no taboleiro verde do bilhar; isto é, sua felicidade dorme na urna do acaso, de onde as mais das vezes nunca sahe. Por mais que sejam os revezes com que a fortuna os maltrate, por mais que os repilla e os calque aos pés, esses cegos e pertinazes amantes estão sempre de rojo a mendigar favores aos pés daquella cruel e caprichosa amazia.

Elias possuia ainda algum dinheiro e objectos de valor, restos que tinham escapado á depredação de seu execravel protector do Sincorá, e que podiam servir de principio a novas especulações. Elias, que já tinha garimpado muito, tinha certo pendor natural para este genero de vida; e apezar de ter dissipado o melhor de seu tempo e de seu dinheiro em explorar minas de diamantes, sem outro resultado mais do que continuas perdas, nem assim perdera a fé em que estava de que do chão havia de lhe brotar a riqueza e a felicidade. Esta era a crença firme de seu velho camarada, crença que por muito repetida não deixava de fazer profunda impressão na imaginação algum tanto fatalista e supersticiosa de seu joven amo.

Elias costumava tambem a ter sonhos matizados de rubins e diamantes, e além disso, como já ouvimos da bocca do velho Simão, uma cigana lhe predissera que sua estrella era de pedra. O amor não contribuia menos poderosamente para inspirar-lhe aquella resolução; suspirava impaciente pelo momento em que podesse ver-se para sempre unido a Lucia, e

para esse fim só é que desejava enriquecer, e enriquecer depressa. Ora, a não cahir do céu, só do seio da terra poderia ver surgir de um dia para outro uma fortuna. Demais a questão era de pouco tempo; em poucos mezes, em poucos dias, em algumas horas mesmo poderia ficar resolvido o problema de seu destino. Elias era audaz e resoluto; com o primeiro sorriso de Lucia voltára-lhe toda a sua coragem e seguridade, toda a sua confiança no futuro.

Comprou datas, engajou praças, e começou a trabalhar com actividade e ardor inconcebível. Mas ah! aquella terra da Bagagem para elle parecia ser amaldiçoada; parecia que o diamante sumia-se do logar onde tocavam suas plantas!

Tinha-se escoado um mez, e com elle grande parte dos recursos de Elias sem o menor resultado. Montões de cascalho bruto agglomerado em torno das grupiáras, eis o fructo unico que se via do trabalho do infeliz moço.

Durante esse tempo duas vezes vio Lucia, mas com o coração pesaroso e cheio de tristes presagios não ousou communicar-lhe o máo exito de suas explorações, e embalou-a com vagas esperanças, que elle mesmo não alimentava. Mas nem assim desistio ainda. Coragem!... dizia elle consigo. Mais um pouco de paciencia!... mais quinze dias; mais um mez! ás vezes a sorte do jogo está na ultima cartada.

E mais quinze dias, mais um mez se foram de insano trabalho, e de ancioso esperar, sem que a ingrata grupiára lhe entreabrisse nem mesmo um leve sorriso de esperança.

Elias já tinha o coração curtido de decepções; mas nem por isso este ultimo insuccesso deixou de lhe amargar cruelmente. Depois de tantas tentativas mallogradas, depois de tantos e tão crueis revezes, esbarrava enfim na muralha impenetravel do impossivel. Cançou de lutar, e o desalento calou lhe fundo pela alma a dentro.

— Pobre ainda, meu Deus! exclamava o infeliz; pobre sempre, e cada vez mais pobre! e não poder dar a Lucia, pobre ainda mais do que eu, senão a miseria em troca de seu amor! Ah! céu de bronze, que deixas exposta aos mais duros rigores da sorte a mais pura e a mais bella de tuas creaturas! ah! terra maldita, que escondes thesouros em teu seio avaro e deixas perecer á mingua o mais lindo dos seres, a mais formosa flôr que te adorna a face!...

Elias por si só bem pouco se importaria com a pobreza; estava affeito a supportal-a desde longo tempo. Mas cortava-lhe o coração ver a sua querida Lucia, nascida e educada sempre no meio da abastança, soffrendo privações e quasi reduzida á miseria, e condemnada a trabalhar com suas próprias mãos para prover á sua subsistencia, de seu pae e de sua irmãsinha. Blasphemava contra o céu e maldizia da Providencia, que lhe negava sua

protecção naquella nobre e santa tarefa em que se empenhava para arrancar á miseria aquella creatura digna do céo.

Desejava morrer, e a idéa do suicidio como um phantasma lugubre lhe esvoaçava de continuo pela mente. Mas lembrava-se de Lucia, de Lucia na miseria, e comprehendia que era preciso viver para ella. Quem lhe poderia valer, se elle faltasse?... arrancar-se a existencia naquella occasião era talvez roubar a Lucia o ultimo, se bem que fraco arrimo, que lhe restava neste mundo. Naquellas circumstancias já não era sómente o simples amante de Lucia; considerava-se um irmão, um pae.

Elias completamente desalentado, abandonou de todo os seus serviços, e estava como que de braços cruzados em frente de seu destino inexoravel a contemplar-lhe a sinistra cadadura, sem ousar lutar contra elle e esperando que o esmagasse.

Elias tinha-se estabelecido no Commercio debaixo, chamado de Joaquim Antonio, que fica rio abaixo, a perto de uma legua da povoação principal. Ha dois dias, desamparado da esperanza, tinha abandonado o trabalho, e não fazia mais do que scismar na sua triste sorte, entregue ás mais pungentes angustias e á mais cruel perplexidade.

Na tarde do segundo dia, estando á janella da casinha que habitava, envolto em suas scisinas ordinarias, um rapaz entregou-

lhe uma carta. Abriu-a immediatamente ; era de Lucia e dizia assim :

« Meu querido Elias. A sorte começa a conspirar de novo contra nós. Eu pensava que, cahindo em pobreza, ninguem mais poria os olhos em mim, e que poderia amar-te tranquillamente, sem que a turba dos pretendentes, que outr'ora me importunavam, viesse mais perturbar a nossa felicidade, e quasi que bendizia o golpe que nos reduziu a este estado, por essa doce compensação que me trazia. Enganava-me, ai de mim !... Um de meus antigos pretendentes reaparece, e solicita com mil empenhos a minha mão. E' um moço não muito rico, mas negociante bem principiado, e dotado, segundo dizem todos, de excellentes qualidades. Meu pae insta conmigo com todas as forças para que me decida quanto antes. Tenho esgotado sem resultado algum todas as minhas escusas, e já não sei de que meio lançar mão para me defender. Infelizmente este não é um aventureiro desconhecido, um moedeiro falso, que de um instante para outro póde desaparecer entre as grades de uma cadeia. E' do paiz, e geralmente conhecido e estimado por suas boas qualidades, e promete mil arranjos a meu pae. Não preciso dizer-te mais, meu querido Elias, podes ajuizar em que crueis apuros me vejo de novo enleada. Nossa pobreza augmenta de dia a dia, e eu quasi enlouqueço pensando nestas coisas. Aparece, Elias ; só a tua presença me

poderá inspirar resolução e coragem para ar-  
redar de nossa cabeça mais esta desgraça!  
Vem; eu te espero com ansiedade. Adeus!...»

Acabada esta leitura, Elias entrou em ac-  
cessos de furor; percorrendo a passos largos  
e precipitados a pequena sala em que estava,  
soltava bramidos de desespero, e chorava la-  
grimas de fogo, e batendo com a cabeça pelas  
paredes, arrancando os cabellos, vomitava  
blasphemias e imprecações horríveis.

— Pois bem! bradava elle, já que o céu  
me não favorece, já que não recompensa o tra-  
balho honesto, condemna a virtude ás torturas  
da miseria, e só enriquece os ladrões, tomarei  
duas pistolas, irei me postar ahí em qualquer  
ponto da estrada, e tomarei á força aos ladrões  
o que o céu desapiedado nega a um anjo. Que  
importa!... estou certo que em cada nego-  
ciante que matar, mandarei para o inferno a  
alma de um ladrão, e é lá o seu lugar. E' um  
crime!? não... pelo menos a consciencia não  
me remorde... Não serei mais do que o agente  
da justiça do céu sobre a terra, já que nella  
não ha nem sombra de justiça. Infames!...  
não contentes de enriquecerem-se á custa do  
suor e das lagrimas dos pobres, ainda querem  
lhes roubar a felicidade, e julgam-se com di-  
reito a isso, porque sabem absorver o fructo  
do trabalho dos outros! Oh! por Deus, ou  
pelo diabo, que não ha de ser assim!... Este  
mundo!... este mundo é o inferno dos bons e  
o paraizo dos malvados... E portanto o remedio

é ou livrar-me delle para sempre, ou alistar-me no numero dos malvados... Mas... que estou eu a dizer?... eu endoideço!... Lucia! minha Lucia! é pois verdade que devo perder-te!... perder-te para sempre?!...

Este estado de exaltação, que quasi tocava ao delirio, durou por largo tempo, até que veio a fadiga e a prostração. Por fim atirou-se na cama que tinha ali mesmo na pequena sala; já a noite ia adiantada, e graças ao torpor do cansaço dormiu algumas horas. Com esse repouso acalmou-se um pouco a irritação de seu espirito. Quando acordou, já os gallos cantavam. Levantou-se, abriu a janella para refrescar a cabeça abrazeada ao sopro das brizas da madrugada. Ainda não era dia. Debruçou-se sobre o peitoril e depois de estar a scismar largo tempo com a cabeça embebida entre as mãos, murmurou comsigo:

— Está decidido!... minha vida tem de ser sempre uma serie de provações e martyrio. E' essa a vontade do céo, e é escusado lutar contra o destino. Portanto ou devo me desfazer della desde já, ou resignar-me á minha sorte. O meu dever de christão é curvar-me, e acceitar cheio de resignação o calix da amargura. Lucia, a sublime Lucia, já uma vez me deu o exemplo. Ella ia resoluta e corajosa sacrificar a sua felicidade ao bem estar de seu pae e de sua irmã. Agora o céo me impõe igual sacrificio; saibamos imital-a. Esquecel-a, deixar de amal-a, ah! não; isso não cabe no possivel. Mas fugirei; irei morrer longe della, ra-

lado de desgosto e de saudade. Se o céo não me permittê possuil-a, saiba eu ao menos ser digno della.

Elias tinha tomado uma resolução santa e sublime, digna de seu nobre coração. Ia retirar todas as promessas, protestos e juramentos que fizera a Lucia, ia renunciar a todas as suas esperanças e immolar seu amor e sua felicidade ao bem estar e ao futuro da familia de Lucia. O sacrificio era duro, mas a nobreza e magnanimidade daquella acção o exaltava aos olhos da propria consciencia, e dava-lhe coragem bastante para leval-a a effeito. Iria elle mesmo em pessoa annunciar á sua amada a heroica resolução que tomára?... nos primeiros momentos foi esse o seu pensamento; iria communicar-lhe aquelle designio que, estava certo, lhe fôra inspirado pelo céo, e que julgava de seu rigoroso dever levar a effeito. Se ella fraqueasse, se recuasse diante da enormidade do sacrificio, embora! elle não desistiria do seu proposito, lhe faria ver que seria uma acção indigna, um crime da parte delle estar servindo de eterno embaraço ao socego e felicidade de uma familia a quem elle, pobre e desprotegido da fortuna, não podia servir de auxilio algum. Lembrar-lhe-ia que ha bem pouco tempo ella, de seu proprio moto, se havia votado a um sacrificio semelhante, porque o julgava de seu dever, e que esse dever reaparecia agora, talvez ainda com mais forte razão; emfim procuraria por todos os modos vigorar-lhe o coração, e com suas pala-

vas e seu exemplo não lhe custaria inspirar á nobre e virtuosa alma de sua amante a necessaria coragem e resignação.

Mas Elias, depois de reflectir melhor, teve medo de dar este passo e desconfiou da força de seu proprio coração. Julgou que por meio de uma carta conseguiria o mesmo resultado, evitando uma scena dilacerante, a que nem elle nem ella talvez podessem resistir. Pegou na penna, e escreveu a Lucia a seguinte carta :

« Querida Lucia : O destino me persegue, o céo me abandona, e eu nunca poderei ser mais que um estorvo perenne para a tua felicidade e de tua familia. O céo votou-me a um perpetuo martyrio ; forçoso me é acceital-o e resignar-me, porque é loucura querer lutar contra a omnipotencia do destino. O mesmo sacrificio, a que não ha muito tempo te curvaste em virtude de um dever santo, hoje de novo nos é imposto a nós ambos pelo nosso inexoravel destino. Resignemo-nos, minha querida, já que é essa a vontade do céo, e pede a Deus que nos inspire a resolução e coragem necessaria para não desfallecermos no cumprimento deste doloroso dever. Cumprenos renunciar para sempre a este amor tão puro e tão ardente que era o sonho dourado do nosso porvir, e dizer eterno adeus á esperança e á felicidade. Embora o coração se nos rasgue entre as garras da angustia, a consciencia estará pura e serena ; e se nos não é possível ser unidos neste mundo pelo amor, ao

menos procuraremos ser dignos um do outro pela virtude. Não creias que com esta triste separação vão quebrar-se os protestos e juramentos santos que proferimos nos nossos dias de esperança ; não, porque nossas almas nunca se separarão ; e sempre se amarão, porque o amor é uma chamma que o sopro do destino não póde apagar. E se acaso estão rotos os juramentos de nosso amor, foi a mão de Deus que os desatou, impondo-nos um dever mais alto e mais santo. Adeus, Lucia !... Deus me é testemunha que ao romper estes tão suaves laços, rompem-se-me tambem uma por uma todas as fibras do coração. Adeus ; tem coragem para entregar teu destino a quem póde amparar-te. Quanto a mim, vou para bem longe amar-te ainda e sempre, até que a dôr e a saudade venham pôr termo a meus tristes dias... Elias. »

Quando Elias terminou esta carta, escripta com as lagrimas dos olhos e o fel do coração, sua fronte, coberta de pallidez cada-verica, apesar do fresco da manhã que girava pela sala, gottejava bagas de suor frio. Dir-se-ia um condemnado que lavrava com a propria mão sua sentença de morte.

Elias mesmo quiz ser o portador de sua carta até á casa de sua velha enfermeira, onde encarregaria a esta de fazel-a chegar as mãos de Lucia.

O sol que surgia dardejava seus raios horisontaes por entre as copas das arvores se-

culares, restos da antiga floresta, que aqui e acolá projectavam sombras gigantescas pelas ribanceiras do rio, quando Elias montou a cavallo, e dirigiu-se a seu destino, absorto em seus tristes pensamentos, e procurando fortalecer-se na nobre e generosa resolução que acabava de tomar. Estaria pouco mais ou menos no meio do caminho, ladeado de distancia em distancia de pequenos ranchos, que costeando a margem do ribeirão seguia para o Commercio da Cachoeira, quando em certa altura ouviu uns gemidos abafados que pareciam sahir de dentro de uma miseravel choupana, quasi escondida entre a capoeira, que se avistava a uns cincoenta passos da estrada, quasi á beira do rio. Parou e escutou por alguns instantes; os gemidos continuaram. Não podia haver duvida; era algum desgraçado que soffria, e morria talvez á mingua e á fome naquelle miseravel casebre, ou tambem quem sabe? ali gemia a victima de algum horroroso attentado, desses que tão commumente se perpetravam na Bagagem, naquella época. Elias não era homem de animo a presenciari o soffrimento de quem quer que fosse, sem procurar soccorrel-o de qualquer maneira.

Dirigiu-se á choupana, apeou-se e bateu á porta.

## XVI

## O MORIBUNDO

— Apareceu dahi a um instante, na unica janellinha que havia na casa, a cara encarquilhada de uma velhinha de aspecto repulsivo e sinistro: seus olhos grandes e redondos, o olhar frouxo, mas lobrego e carregado, o nariz adunco e largo sobreposto ás faces enge-lhadas, o cabello curto e eriçado em fórma de topete davam-lhe a apparencia de uma verdadeira coruja, aninhada naquelle pardieiro. Elias quasi teve medo, e se não fosse dia claro, teria acreditado na existencia das bruxas.

— O que quer, meu senhor?... bradou, ou antes guinchou a velha com voz esganiçada.

— Desejava ver a pessoa que está ahi dentro a gemer. Parece que soffre bastante; talvez eu lhe possa ser util, e dar alguns allivios.

— Não se afflija, meu patrão: é um pobre velho que está entrevado ali no fundo de uma cama. Ha muito tempo que está assim, sem que ninguem possa lhe dar allivio, coitado!...

dali só para a cova. Se quer dar a elle alguma esmola, póde-me entregar, e Deus Nosso Senhor lhe dará o pago...

— Mas eu mesmo desejava vel-o; tambem entendo alguma coisa de medicina, e talvez lhe possa ensinar algum curativo com que se dê bem...

— Mas o medico que trata delle não quer que receba visita nenhuma, nem fale com ninguem; por isso Vmc. não repare, eu não lhe posso abrir a porta...

— Não tenha cuidado; eu atalharei toda a conversa, e, se fôr necessario, não lhe darei mesmo uma só palavra. Quero só vel-o um instante e saio immediatamente.

— Não, senhor; perdão; não póde ser. Elle é muito palrador, e vendo gente começa a tagarelar de modo que nunca mais tem fim; e fica cada vez a peor, a peor; e eu é que o estou aguentando, e isso não me faz conta.

— Mas já lhe disse que se elle falar, me retirarei logo, replicou com vivacidade Elias, a quem já começavam a impacientar as negativas da velha, e que mesmo já começava a desconfiar que havia ali algum mysterio sinistro que a maldita velha estava com medo que elle fosse descobrir.—Em nome do céu, abra essa porta.

— Não, senhor; já lhe disse; não póde ser.

— Ah! senhor! bradou de dentro a voz rouca e alquebrada do enfermo. Quem quer

que está ahí, pelo amor de Deus? entre cá dentro.

— Está ouvindo, disse Elias, elle me chama; abra essa porta.

— Não, não pôde ser; quantas vezes quer que lhe diga?

E depois voltando-se para dentro e abrindo extraordinariamente os enormes olhos, como rã esbordoada, bradou para o enfermo:

— Ah! velhote de uma figa! não pôde calar essa bocca?... é assim que pretende sarar?... parece uma creancinha!... pois olhe: se continuar assim, não sei se estarei mais para o aturar... se quer conversar com todo o mundo que passa, mando pôr sua cama lá no meio da estrada, e elles que o aguentem.

— Quem está ahí na porta entre cá por caridade; não faça caso do que ella está dizendo; por caridade!... pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus-Christo! entre... entre... quanto antes.

— Ai! ai! ai!... ululou a velha harpia. Bemdito Deus! ainda de mais a mais variado do juizo!

— Mulher infernal, bradou Elias com força, abre-me já, se não queres que arrebente a porta.

— Arrebentar! como está bonito o moço! tomára ver isso!... por ventura a casa é sua?... moço, vá andando seu caminho, e não esteja tentando a Deus! já lhe disse que não abro.

E dizendo isto bateu com a janella, e trancou-a.

Elias entendeu que não devia mais espediar palavras com aquella megéra. Metteu o hombro á franzina porta que estava apenas trancada por uma fraca tramela, e que cedeu logo ao primeiro empurrão.

— Misericordia ! guinhou a velha, este homem tem o diabo no corpo ! misericordia ! aqui d'el-rei !

Elias affastou com um empurrão a velha que se apresentára por diante querendo-lhe estorvar a entrada e fazendo uma berraria dos diabos, e foi-se dirigindo rapidamente para a miseravel alcova, antes antro, em que jazia o desgraçado velho. Em um girão de pau roliço, desses cujos pés são forquilhas cravadas no chão, naquella espelunca escura e humida, sobre um immundo colchão de palha, estava estirado um velho caboclo, esqualido e macilento, arquejando convulsivamente e entregue aos mais dolorosos soffrimentos. Espetada á parede, junto á cabeceira, uma negra candeia de ferro lhe dava sobre o rosto bronzeado um lugubre clarão amarelento.

— Ah !... és tu meu pobre Simão ! exclamou o moço com um tom de assombro e de angustia inexprimivel, apenas fitou os olhos na physionomia do velho. E's tu, meu bom Simão ! continuou sentando-se á beira do pobre leito, e tomando entre as suas as mãos do velho camarada. Perdôa-me, meu Simão ; sou eu o culpado de aqui jazeres assim á mingua !...

— Ah ! meu patrão ! meu patrão ! bradoa

o velho fazendo um esforço supremo para levantar-se e erguendo ao céu os braços descarnados ; bemdito seja Deus !...

— Ah ! já eram conhecidos !... rosnou com voz tremula a velha que se tinha postado á porta da alcova, e com os olhos esbugalhados e torvos contemplava cheia de furor aquella scena. Tanto melhor para mim !... Olá, meu moço, já que veio tomar conta da casa com tanta sem-cerimonia, fique-se por ahi, e arrume-se lá com seu doente, que eu aqui não ponho mais os meus pés.

— Vai-te com Deus ou com o diabo, mulher infernal ; nem nunca mais me appareças, que não fazes falta nenhuma.

— Que eu vou, é sem duvida ; Vmc. quando veio aqui tentar a gente, já veio de má tenção... mas olhe, meu senhorzinho, que talvez não leve o bocado á bocca. A's vezes a gente vai buscar lâ, e sahe tosquizado.

Elias mal ouviu estas palavras, que a velha ao retirar-se ia resmungando entre as queixadas.

— Foi Deus, meu amo, disse o velho com voz arquejante, e nos olhos já quasi embaciados pelas sombra da morte divisava-se um lampejo de alegria, — foi Deus, que lhe trouxe aqui agora... Eu ia morrer com o coração tão triste... ah ! esta velha !... esta velha é o diabo que me entrou pela casa, Deus me perdôe !...

— Não te embaraces com ella, Simão ; já lá se foi...

— Não creia, patrão ha de andar por ahi

rondando para nos escutar. Vá ver primeiro, patrão; tenha paciência; e volte depressa. Tenho muito que lhe contar, e não sei se a morte me dará tempo.

Elias, cheio de curiosidade e assombro, sahio subtilmente da alcova e foi rodear a cabana. A velha estava de feito do lado de fóra com o ouvido collado á parede do quarto, onde se achava o moribundo. Apenas porém presentiu Elias, foi-se retirando e resmungando horriveis pragas.

— Máo fim tenhas tu, velho feiticeiro e a teu louco patrão, rosnava a velha. E' esse o pago que me dás de te ter aguentado até aqui com toda a paciência!...

— Cala-te, velha bruxa!... se te encontrar aqui mais a espreitar e escutar, tiro-te com um pau a vontade de voltar mais cá.

A velha amedrontada com a ameaça de Elias que ha pouco tivera razão para crer que não ficaria só em palavras, sem nunca deixar de resmungar pragas e maldições, foi recolher-se á sua casa que ficava a uma centena de passos.

Elias voltou pressuroso ao quarto do enfermo.

— Agora pódes falar, Simão, disse sentando-se á beirada do giráo. Ninguem nos ouve; estamos completamente sós... mas não... espera. Vou ver os meios de procurar-te algum soccorro... coitado do meu Simão!... aqui tão desamparado!... e nas garras desta bruxa maldita!... vou mandar ver um medico,

— Qual medico, patrão!... não tome esse trabalho... uma a duas horas de vida é o mais que me resta... se tanto...

— E' o que pensas, meu pobre Simão; quem sabe?... Em todo caso não posso deixar-te morrer assim á mingua de soccorro... Diz-me, não haverá por aqui algum vizinho que tenha prestimo, a não ser essa velha maldita?...

— Oh! patrão, por piedade! não cuide risso... o tempo é pouco... sinto-me morrer...

— Morrer!... não; tem animo, meu Simão .. eu vou...

— E quando voltar, me achará morto, e o que é peor ainda, roubado!

— Roubado!... exclamou Elias com um triste sorriso, pensando que aquillo era já o delirio da agonia.

— Sim, patrão; roubado!... fique ahi socegado... tenho muito que lhe contar, e ha de ser já. Depois faça o que quizer.

A curiosidade de Elias era grande, ansiosa, e o estado do velho camarada era com effeito extremo, e elle podia expirar de um momento para outro. Forçoso foi pois ceder á rogativa do pobre camarada que, com a voz sumida e entrecortada de gemidos, a custo pôde fazer a seguinte narração:

— Quando Vmc. foi-se embora para o Sincorá, meu unico cuidado foi andar esgravatando por todo esse rio abaixo e acima a ver se Deus me ajudava e se eu descobria alguma lavra bem rica para meu patrão. Meu patrão

velho, coitado! Deus o tenha em sua gloria!... quando elle morreu, deixou Vmc. pequenino a meu cuidado. Como é que eu havia de morrer socegado se deixasse Vmc. pobre e desamparado neste mundo!... Para mim, pobre velho cançado e sôzinho no mundo, o que eu quero fazer com diamante?... era para Vmc. Com o almocafre no hombro e a bateia na mão andei provando as formações por toda essa beira de rio. Perdi muito tempo sem achar... mas, Deus louvado, sempre fazia algum vintem para ir passando o resto da vida. A resto Nossa Sra. do Patrocínio me ouviu... sempre achei o que eu e Vmc. andavamos procurando ha tanto tempo. Que lavra, patrão!... é uma lavra de estrondo!... eu ia morrer com tamanho pezar, se não lhe podesse contar!... mas Deus foi de misericordia... agora morro socegado...

Elias ouvia attonito aquellas palavras do velho camarada e não ousava dar-lhes credito. Eram seguramente delirios da imaginação de um moribundo, e em sua incredulidade quasi que se envergonhava de tomal as ao sério.

— Pobre Simão!... reflectiu consigo, a razão já o vai abandonando com a vida! Não podia conceber que á cabeceira de um miseravel moribundo a fortuna e a felicidade o esperassem, como por vezes o infortunio costuma-se occultar entre as rosas de um festim para nos desfechar um golpe fatal e imprevisto. Todavia não pôde deixar de interromper o

velho, e dirigir-lhe com avida curiosidade esta pergunta :

— Uma lavra !... tu deliras, meu pobre Simão !... onde está ella ?...

— Eu já lhe conto... ah ! se Vmc. não apparecesse tão a tempo !... Vmc. está duvidando ?... aqui está o que lhe ha de fazer acabar de crer... é o diamante, que eu já tinha tirado... isto é seu... se Vmc. não apparecesse, tudo isto ia parar nas mãos daquella malvada mulher, Deus me perdôe a mim e a ella !

Dizendo isto o velho, com mão tremula e convulsa, ia tirando do pescoço um pequeno saquitel de couro preso a um cordão, em fórma de bentinho, e o entregou nas mãos de Elias, dizendo-lhe :

— Côte e veja para acabar de crer, e não cuidar que já estou treslendo..

Elias puchou a faca que trazia presa á casa do collete, e cortou com cuidado o saquitel. Cahiulhe na mão um punhado de grossos e lindos diamantes. Um lampejo de alegria raiou nos olhos empanados do moribundo que murmurou com voz surda :

— E' seu ; é tudo seu, patrão.

— Mas, Simão, disse Elias, não deixas no mundo filho, irmão, parente ou amigo, a quem queiras beneficiar ?... posso eu acceitar isto sem prejuizo de ninguem ?

— De ninguem, patrão, de ninguem. Eu sou sósinho no mundo. Se o patrão não apparece tão a tempo, minha herdeira era essa velha desalmada... cruz !... Deus lhe perdôe...

— E quem é esta velha !... que pretendia ella ? conta-me tudo.

— Eu já lhe conto... ah !... meu Deus !... que dôr !... parece-me que vou já morrer ! Meu Deus !... dai-me força por mais um instante para poder acabar...

Elias olhou para o céu, e repetiu do fundo d'alma a supplica do moribundo. O velho acalmou-se um pouco e continuou :

— Ha mais de um mez que cahi entrevado e sem poder mover-me, metti-me neste ranchinho onde sempre tenho morado. Achei-me sósinho e sem ter quem me tratasse ; morreria aqui á fome e a mingua, sem ninguem saber, se não fosse esta velha, unica visinha que ha aqui mais perto e que, dando fé de mim que aqui estava abandonado, offereceu-se para me tratar. Aceitei agradecido a esmola que me fazia e julguei que vinha mandada por Deus. O povo daqui, vendo-me assim andar arredado e sósinho e sempre a garimpar pelos mattos, tinha tomado scisma commigo e andava dizendo que eu era feiticeiro, tinha parte com o diabo, e que neste meu ranchinho eu tinha arrobas de diamantes enterrado. A velha, que dava ouvido a estas coisas, e tentada pelo demonio, veio um dia dar busca em meu peçoço, em quanto eu estava dormindo... eu logo acordei e bem o percebi ; mas ella já tinha descoberto o negocio... Foi a minha perdição... Ninguem mais entrou aqui senão ella e uma sua comadre, tão boa como ella, Deus a perdôe ! que faz as suas vezes e me fica de sen-

tinella, quando a outra tem precisão de sahir. Assim ha mais de um mez estou aqui no fundo desta cama... ella não me deixam sósinho um instante e não vejo outras caras senão as dellas... O certo é que cada vez vou a peor e desconfio... mas, ah! patrão, por alma do defunto patrão velho, não vá dizer a ninguem nem faça mal a essas desgraçadas.

— Mas desconfias o que?... fala, fala, Simão.

— Desconfio que estão me preparando para ir mais depressa. Nestes dias, vendo que estava mesmo ás portas da morte, disse a ellas que tinha que fazer certas declarações e pedi-lhes que me chamassem um homem para escrever o que eu queria e algumas pessoas para testemunhas... Tempo perdido!... nunca mais acharam o tal homem. Por fim pedi que me chamassem um padre: o mesmo; nunca acharam padre para me confessar. Eu ia morrer sem confissão nas garras daquellas duas bruxas, Deus me perdôe! que estavam afflictas por me verem morto para me roubarem e deitarem meu corpo aos urubús... Mas nesta hora não devo lembrar-me das offensas, senão para perdoar. Deus louvado! Vmc. appareceu, e eu lhes perdôo de todo o coração.

— Ah! em que mãos estavas, meu pobre Simão!... mas a lavra, Simão? ainda não me disseste onde está a lavra?...

— Ah!... sim... a lavra é... ai! meu Deus!...

Deu um grito, estrebuchou, seus olhos se estalaram, escapou-lhe do peito um soluço rouquenho, e ficou immovel.

— Simão! Simão! gritou Elias agitando-lhe o braço. Vendo porém que não dava indício algum de vida:

— Morto! morto! exclamou com angustia, morto e levando consigo para a sepultura o segredo de minha felicidade!

Elias, tendo-o já por morto, já se dispunha a retirar-se e a ir dar ordens para o enterro de seu velho camarada, quando um fraco gemido veio annunciar-lhe que elle ainda não estava morto. O moribundo tinha feito apenas o primeiro termo, que durou cerca de dez minutos. Elias foi examinal-o, e viu que respirava, e começava a mover os olhos.

— Patrão? patrão!... que é d'elle? foram as primeiras palavras que proferiu com voz quasi imperceptivel. Ah! está ahí!... quasi que não enxergo nada... A lavra é lá... rio abaixo... quasi uma legua abaixo de Joaquim Antonio... passando tres corregos, o terceiro do lado de cá do rio... Ha lá uma cruz de cedro que eu mesmo finquei... e cinco pedras grandes em cruz... e...

Não pôde dizer mais... Estas ultimas palavras mesmo eram ditas com voz tão sumida, que Elias precisava quasi encostar o ouvido á bocca do moribundo para poder ouvil-as. De novo estalou os olhos, inteiriçou-se na cama, e exhalou um suspiro convulsivo: era o derradeiro.

Elias cerrou-lhe os olhos, e ajoelhando-se ao pé do misero leito com piedoso recolhimento, rezou pela alma do finado. Depois deu ao céo fervorosas graças pelo inestimavel e quasi miraculoso beneficio que acabava de fazer-lhe por intermedio de um velho e miseravel camarada.

Fechou cuidadosamente as portas e janellas da casa, montou a cavallo e partiu a galope para o Commercio da Cachoeira a dar ordens para que se fizesse um enterro decente a seu fiel e infeliz camarada.

## XVII

## A GRINALDA E O TUMULO

Desde pela manhã Lucia esperava com a mais anciosa impaciencia a vinda de seu amante. Achava-se cada vez mais enleada em crueis apuros, e todos os dias seu pae a apertava vivamente para que se decidisse a acceitar por marido o negociante que havia solicitado sua mão.

Bem via ella que o horisonte de novo se annuviava e que outra vez o céo ia lhe impôr o

cruel dever de immolar, desta vez irremissivelmente, o seu amor á felicidade de sua familia. Mas desta vez sua alma, ou porque já estivesse cançada de tantos embates e prostrada pelo desalento, ou porque seu amor mais avivado pela presença de Elias e fortalecido pela esperança dominasse despoticamente em seu coração, já não sentia aquella coragem que a tinha sustentado a primeira vez em sua nobre dedicação.

— Mas, reflectia ella comsigo, eu então era só. Não tinha noticias de Elias, que andava por longes terras; não podia saber se ainda amava-me e nem mesmo se era vivo ou morto; podia dispôr livremente de meu destino. Mas, agora que elle se acha perto de mim, que sei que vive e vive só para amar-me, e tanto direito tem adquirido ao meu amor, posso eu, sem consultal-o, sem dizer-lhe uma palavra, sacrificar o meu futuro, que é tambem o d'elle, a um pezar eterno?... oh! não! certo que não!... eu atraíçoaria o amor que me consagra e a confiança que em mim tem, e mereceria bem que de novo me desprezasse e amaldiçoasse.

Tranquillisada um pouco por este subterfugio que lhe suggeria a sua consciencia de amante, Lucia se escusava para com seu pae com algumas evasivas, procurando ganhar tempo até que tivesse occasião de achar-se com Elias para de accôrdo com elle, resolver o terrivel dilemma em que estava empenhado o futuro de ambos.

Mas o sol já descahia muito de meio dia e Elias não se apresentava. A posição de Lucia tornava-se cada vez mais triste e afflictiva e recrescia'n as instancias, rogos e ameaças de seu pae, que nesse dia assentara de levar ao ultimo extremo a resignada paciencia e submissão de sua filha.

Os homens de alma fraca e espirito acanhado, quando de ricos que eram cahem em estado de pobreza, tornam-se irritaveis, intolerantes, injustos e até ás vezes crueis. O rancor de que se acham possuidos contra o destino que os maltrata e do qual não se podem vingar, elles o desabafam contra as pessoas que com elles vivem e lhes são sujeitas. O Major, encolerizado com as delongas e hesitações de Lucia, perdeu aquella prudencia e bonhomia que sempre o caracterisava, e calcando aos pés o decoro e o respeito que sempre guardava para com os sentimentos de sua filha, acabrunhou-a com um montão de impertinentes reprehensões e crueis exprobrações:

— Filha indocil e caprichosa!... bradava elle em accessos de colera, que não sabe sacrificar uma paixãozinha indigna e ridicula aos verdadeiros interesses e ao socego e felicidade de minha velhice!... pensa acaso que não estou percebendo que ainda traz arraigada no coração essa affeição vergonhosa por esse pobre diabo, que ahi anda á tôa sem eira nem beira, e que tem sido constantemente o phantasma perturbador do meu repouso e da

felicidade de minha familia! Se nesta desgraçada terra houvesse policia e um recrutamento em regra, não andariam por ahi passeando livremente esse e outros vadios dessa laia, que não têm outra occupação mais do que perturbar a paz das familias!... Ah! nunca pensei que a minha filha querida, que eu criei aos meus braços e ao meu collo, com tanto esmero e tanto mimo, viesse amargurar-me assim o resto de meus dias!...

E Lucia, a pobre Lucia, com os olhos baixos e coberta de vergonha, ouvia toda aquella explosão da colera paterna, tremula e transida de horror como quem ouve o estalar da trovoadá, e só respondia com lagrimas e soluços. Seu coração já não tinha forças para resistir a tão rudes embates; forçoso lhe era curvar-se a esse novo sacrificio que o coração repellia, mas a consciencia aconselhava.

Levada ao ultimo extremo pelas crueis e duras palavras do Major, Lucia, com a fronte rubra a um tempo de pejo e de indignação, com o coração a transbordar de amargura e desespero, atirou-se aos pés de seu pae.

— Eis-me aqui, meu pae!... bradou com voz rouca e cortada de soluços. Eis aqui não a sua filha, mas a sua escrava. Faça della o que bem lhe aprouver!

Nesse momento ouve-se o tropel de um cavalleiro que apeia-se e bate á porta. Este incidente correu o panno sobre aquella triste e dolorosa scena; Lucia levantou-se enxu-

gando á pressa as lagrimas e procurando compor o rosto transtornado pelas crueis emoções do momento. O Major foi tranquillamente abrir a porta que da rua ou da estrada dava immediatamente para a pequena sala em que se achavam; mas empallideceu ao reconhecer no visitante o mancebo contra o qual ha poucos instantes a colera lhe tinha feito vomitar os mais injuriosos improperios. Elias, graças ao bafejo extraordinario que recebera da fortuna á cabeceira de seu camarada moribundo, apresentava-se com ar altivo e resolutivo; dir-se-hia que ouvira as injurias de que ha pouco fôra o alvo, e dellas vinha exigir prompta satisfação. Mas, não era nada disso.

Elias, depois de ter dado com minucioso cuidado as necessarias providencias para que se fizesse o enterro a seu velho camarada com a possivel decencia, montou de novo a cavallo, e sem ao menos parar na casa de sua velha enfermeira, dirigiu-se a toda a pressa á choupana do Major. Já não eram precisas as entrevistas furtivas; os timidos e occultos manejos já não tinham lugar. Era tempo de apresentar-se francamente, e declarar sem dissimulação as suas pretensões.

Quando Elias se apresentou ao limiar da porta, Lucia não pôde conter um grito de surpresa. O Major recuou um pouco desconcertado, murmurando consigo: Este homem!... meu Deus!... este homem é como um espectro que surge sempre diante de mim em occasiões

destas. Depois, recuperando o sangue frio, cumprimentou cortezmente e disse-lhes :

— Oh! senhor Elias, muito me honra a sua visita... mas, desculpe-me a franqueza, continuou com sorriso sardonicô, não posso dissimular-lhe que nesta occasião ella não me parece de muito bom agouro.

— Não?... sinto muito, senhor Major; mas não admira que eu que sempre tenho sido infeliz, não possa agourar senão desgraças. Mas agora... não sei qual possa ser o motivo...

— Não se lembra que a ultima visita com que me honrou, foi em vespervas de casar-se minha filha Lucia?...

— Oh! se me lembro!... perfeitamente.

— E lembra-se tambem que esse casamento se desfez de um modo bem triste?...

— Como se fosse hoje, senhor Major...

— Pois bem; e agora que estou de novo em vespervas de casar-a, eis que me apparece a sua visita. Sou algum tanto supersticioso, e não deixo de ficar um pouco apprehensivo...

— E não é sem fundamento a sua apprehensão, senhor Major. Já que me fala com tanta franqueza, permitta-me que lhe retribua na mesina, e fique sabendo que o meu apparecimento hoje em sua casa não está longe de ser o annuncio de um novo desmancho de casamento.

— Devéras, senhor Elias! ? exclamou o Major com um sorriso que exprimia a um tempo estranheza, desdem e zombaria. De-

véras ! então ainda desta vez espera que temos pela barba algum moedeiro falso ?...

— Pouco importa, retorquiu Elias sorrindo. Se não é moedeiro falso, o noivo de agora não deixa de ser um usurpador que pretende roubar o que lhe não póde pertencer. Da primeira vez foi a policia quem se encarregou de desmanchar o casamento; desta vez, porém, serei eu mesmo.

O Major estava pasmo, e não sabia o que pensar da audacia e impavidez com que o moço proferia aquellas palavras que a seus olhos eram verdadeiros despropositos. Estará louco este homem ? pensava; ou prevalecendo-se do estado de pobreza e desvalimento em que me acho, vem agora vingar-se insultando-me ?...

Lucia tambem, entretonita e contente, não podia bem atinar com a significação daquelle inesperado incidente, e ardia por ouvir da bocca de Elias a explicação de tão extraordinario procedimento; mas não lhe ficando bem dirigir-lhe a palavra, o interrogava com os olhos, onde reluzia a mais anciosa e viva curiosidade.

— Seguramente, replicou o Major depois de um instante de silencio, o senhor está graçejando; mas permitta-me que lhe advirta que nem a occasião, nem o assumpto são proprios para zombarias.

— Perdão, senhor Major !... não zombaria, nem sou capaz de zombar com ninguem em negocio tão melindroso. Repito-lhe que ve...

desmanchar um casamento, porque venho aqui de proposito para pedir a mão de sua filha para outra pessoa que tem mais direito a ella do que esse pretendente com quem a quer casar, e que em ponto nenhum lhe é inferior.

O assombro do Major crescia de ponto, ao mesmo tempo que se augmentava o contentamento de Lucia, que começava a entrever o desfecho daquella scena.

— Então o senhor, proseguio o Major pausadamente e carregando nas palavras; então o senhor veio á minha casa de proposito para embargar o casamento de minha filha com a pessoa a quem eu quero dal-a!?... De-véras, meu senhor? o senhor mesmo?...

— Sim, senhor! eu mesmo! repetio Elias com segurança.

— E quem lhe dá esse direito?...

— Perdão; não venho exigir; venho pedir.

O Major hesitou um momento na resposta que devia dar; passou a mão pelas barbas grisalhas e respondeu:

— Se vem pedir, o caso é differente.... Todavia, por mais que o senhor me diga isto, me parece uma farça, e acabemos com ella, eu não posso por modo algum faltar á minha palavra já compromettida com outra pessoa.

— E a senhora D. Lucia?... não conta com ella? desculpe-me a pergunta. Dizendo isto Elias fitava os olhos em Lucia.

— Não posso deixar, respondeu o Major, de estranhar o desembaraço com que o senhor

se intromette nos negocios de minha familia ;  
comtudo devo declarar-lhe....

O Major ia responder que sim ; mas Lucia  
fixou-lhe um olhar, que parecia dizer-lhe : não  
minta. O Major proseguio algum tanto em-  
baraçado :

— Devo declarar-lhe que ella, infallivel-  
mente, dará o seu consentimento ; tenho disso  
certeza.

Elias olhou para Lucia ; esta lhe fazia  
com a cabeça um signal negativo.

— Que certeza tem disso, senhor Major ?  
já a consultou ?

— Tenho toda a certeza. Demais, já que  
começámos a explicar-nos com toda a fran-  
queza, continuemos da mesma sorte ; não des-  
fazendo em nenhuma outra pessoa, o noivo a  
quem destino minha filha é um moço muito  
distincto, activo e intelligente, e que já possui  
alguma coisa ; aqui pela Bagagem não co-  
nheço outro que esteja em melhores, nem  
mesmo em iguaes condições. Poder-se-ha  
dizer outro tanto desse que a pretende, e que  
julgais com mais direito de que o outro. És-  
tamos pobres, como sabe ; por mim, que já  
pouco tenho a viver, pouco me importaria a  
pobreza. Mas custar-me-hia muito resignar-me  
a ver minha Lucia soffrer as privações da po-  
breza, podendo dar-lhe uma posição mais  
commoda e brilhante na sociedade. Seria uma  
crueldade que nunca me perdoaria a mim  
mesmo.

— Tem razão de sobra, senhor Major ; nem vou contra isso. Então é muito rico esse moço?... quanto possuirá elle pouco mais ou menos?

— Principiou a negociar ha pouco tempo, e já possui talvez mais de vinte contos livres. Aqui para o sertão não é máo começo.

— E se esse outro, que tambem pretende á mão de sua filha, possuir tanto ou mais do que isso.

— Embora!... a minha palavra é sagrada ; não é motivo bastante para eu faltar a ella.

— Mas, senhor Major, sua filha ainda não deu palavra ao noivo que lhe quer dar. E supponhamos que ella já tivesse hypothecado sua palavra e seu amor a este de quem lhe falo, e que fosse o noivo da escolha de seu coração?

— Ah ! nesse caso... eu sei ? mas... acabemos com este mysterio ; quem é esse pretendente?... onde está esse noivo ?

— Pergunte-o á sua filha, senhor Major ; ella tanto como eu, lh'o poderá dizer.

Lucia córou extraordinariamente, e baixou os olhos.

— Ah !... exclamou o Major como acordando de um sonho, não é preciso que me digam nada ; já o adivinhei... é o senhor mesmo... mas será possivel ?

— Sim, senhor, Major ; o senhor o disse ; sou eu mesmo. O que acha nisso de estranho ?

— Nada... O que sómente me maravilha

e não posso conceber, é como o senhor, que ainda hontem era tão pobre como eu me vejo agora, pudesse de um dia para outro adquirir uma fortuna...

— Cahiú-me do céu, senhor Major; posso assim dizer. E não foi para mim que o céu a enviou, foi para sua filha, que é um dos seus anjos, que o céu a enviou. Era para ella que eu ha muitos annos, com esforços e diligencias inauditas, a procurava. A caprichosa fortuna, que de um dia para outro o reduziu á pobreza, quiz tambem de um momento para outro tornar-me rico. Foi uma compensação, senhor; e o céu quer que este pouco que agora a fortuna me concede, seja consagrado a tirar da miseria a familia a quem ella tão cruelmente despojou.

— Senhor Elias, disse o Major commovido, desculpai-me... eu tenho sido victima de tantas decepções, de tantas mystificações neste mundo...

— Comprehendo, atalhou o moço, duvida ainda de que eu digo. Tem muita razão, senhor Major. Quer uma prova, não é assim! Eil-a aqui.

Dizendo isto, Elias tirou do bolso um pequeno embrulho, e o entregou ao Major.

— Bem vê, accrescentou elle, que só o jogo, o testamento ou o garimpo nos podem tornar ricos de um dia para outro.

— São na verdade magnificos brilhantes, disse o Major depois de abrir o embrulho. Só

aqui, ha um valor de muito mais de vinte contos.

E a lavra de onde sahiram ainda não está esgotada, disse Elias.

— Já vejo que o céo os destinava um ao outro, e de maneira nenhuma me posso oppôr ao vosso casamento, visto que as coisas tocadas pela mão de Deus se encaminham de modo tão visível para esse fim. Não me é preciso perguntar a Lucia se consente nesse casamento. Ha muito sei de vossa mutua afeição, e que era ella a causa da repugnancia de Lucia em acceitar outros enlaces. O céo me é testemunha de que eu, dentro d'alma, não desaprovava esse amor, e que sempre fiz justiça ás suas qualidades e bons sentimentos, senhor Elias. Mas este mundo, esta sociedade tem taes exigencias... e eu tambem, eu que em minha vida singela e uniforme nunca sondei o oceano das paixões humanas, não podia conhecer todo o alcance de tal amor, e pensava, insensato que eu era! que contrariando os affectos de minha filha, procurava-lhe a verdadeira felicidade. Mas espero, meus filhos, que me perdoarão e não me quererão mal por isso.

— Esqueçamos o passado, senhor Major, esse passado, que para nós ambos tem sido bem triste e bem cheio de transe de amargura. Tinha um motivo justo de proceder assim; eu o reconheço; e tanto o reconheço que ainda hoje, ao levantar-me do leito onde passára a noite em lagrimas, torturado de angustias e o desalento n'alma, vendo-me pobre,

sem futuro e sem esperança depois de mil vãs tentativas e desesperados esforços para adquirir alguma coisa, parti para aqui com a firme resolução de renunciar para sempre ao meu amor e a todas as minhas esperanças de felicidade, desligar-me de todos os juramentos e protestos que nos dias de esperança fizera á sua filha e com o meu exemplo e minhas palavras aconselhal-a, alental-a, para que se resolvesse a acceitar o esposo que podia amparal-a neste mundo, e esquecesse o desgraçado que não podia servir senão de estorvo á sua felicidade e á de sua familia.

— Que bello e generoso procedimento ! exclamou o Major, já sinto-me orgulhoso em o ter por genro.

Lucia sem dizer palavra, olhava fixamente para Elias com os olhos nadando em ternura e em arroubos de felicidade.

— Mas o céu se condoeu de nós, continuou, e no curto caminho do Commercio de baixo para aqui, a fortuna por um modo extraordinario sorriu-me junto ao leito de morte de um pobre velho, e encontrei num momento e sem procurar aquillo que ha tanto tempo procurava em vão com esforços inauditos. Esqueça-se do passado, senhor Major, e abençoe o nosso amor ; eu tambem de tudo me esquecerei, e pôde ficar certo que encontrará em mim um filho submisso e affectuoso, e suas filhas, uma um marido terno e extremoso, e outra um irmão dedicado.

O Major commovido no intimo do coração pelo generoso procedimento e pelas nobres palavras do mancebo, lançou-se em seus braços.

— Sejam felizes, exclamou com as lagrimas nos olhos, sejam felizes, meus filhos!... o céu abençoe o vosso amor.

Logo desde o dia seguinte Elias tratou de empregar toda a diligencia para descobrir a mina indicada por seu velho camarada no leito de morte. No fim de alguns dias de pesquisas, com bastante trabalho e paciência, descobriu-a emfim no fundo de um grotão escuro e coberto de espessa matta. Não havia trilha algum que lá conduzisse. O velho e astuto caboclo mui de proposito tinha tido o cuidado de não deixar vestigio algum por onde podesse ser descoberto o thesouro que não queria que pertencesse a mais ninguem senão a seu joven patrão. Elias immediatamente deu serviço e o resultado não desmentiu as palavras do velho caboclo. Em poucos dias elle tinha quadruplicado o legado que na hora da morte recebera das mãos do fiel e dedicado Simão. Mas, coisa singular! logo depois a lavra se esgotou, e por mais serviços que dessem, ninguem conseguiu descobrir o minimo diamante. Dir-se-ia que a providencia tinha ali depositado aquelle pequeno thesouro unicamente para servir de recompensa á virtude daquelles dois fieis e dedicados amantes.

Quinze dias depois do acontecimento que teve logar na pequena choupana do Major, na

pequena e unica capellinha que então havia na Bagagem, celebrava-se um casamento sem pompa alguma e com a maior simplicidade ; mas o jubilo e contentamento que se irradiava na physionomia dos noivos e de todos que presenciavam aquella solemnidade, davam-lhe um ar festivo, e annunciavam que era um casamento feliz. Era com effeito um sympathico e formoso par, digno de todas as venturas da terra e de todas as benções do céo.

Ao sahirem da igreja, os noivos, separando-se da comitiva que os acompanhava, desviaram para um lado da igrejinha, e encaminharam-se para uma cova que ali se via recentemente aberta, junto á qual havia tambem uma cruz nova de madeira.

Ajoelharam-se junto della, e nessa postura estiveram resando por algum tempo. Ao levantarem-se a moça despregou o mais lindo ramo de sua grinalda de noiva e o depositou em um dos braços da cruz ; no outro o marido collocou um ramalhete de perpetuas e saudades. E o povo que, cheio de interesse e admiração contemplava aquella nobre e tocante scena, os bemdizia de todo o coração.

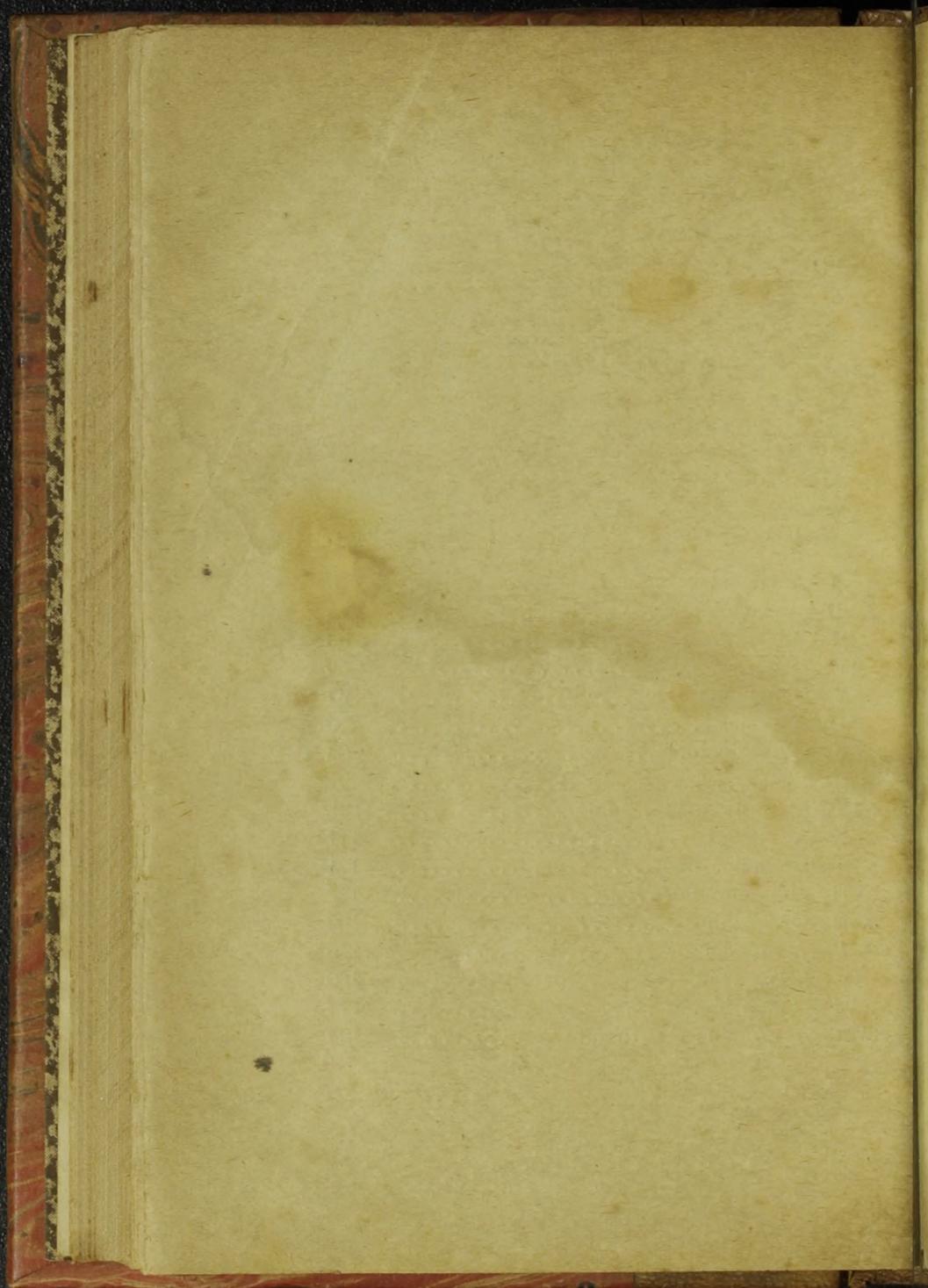
---

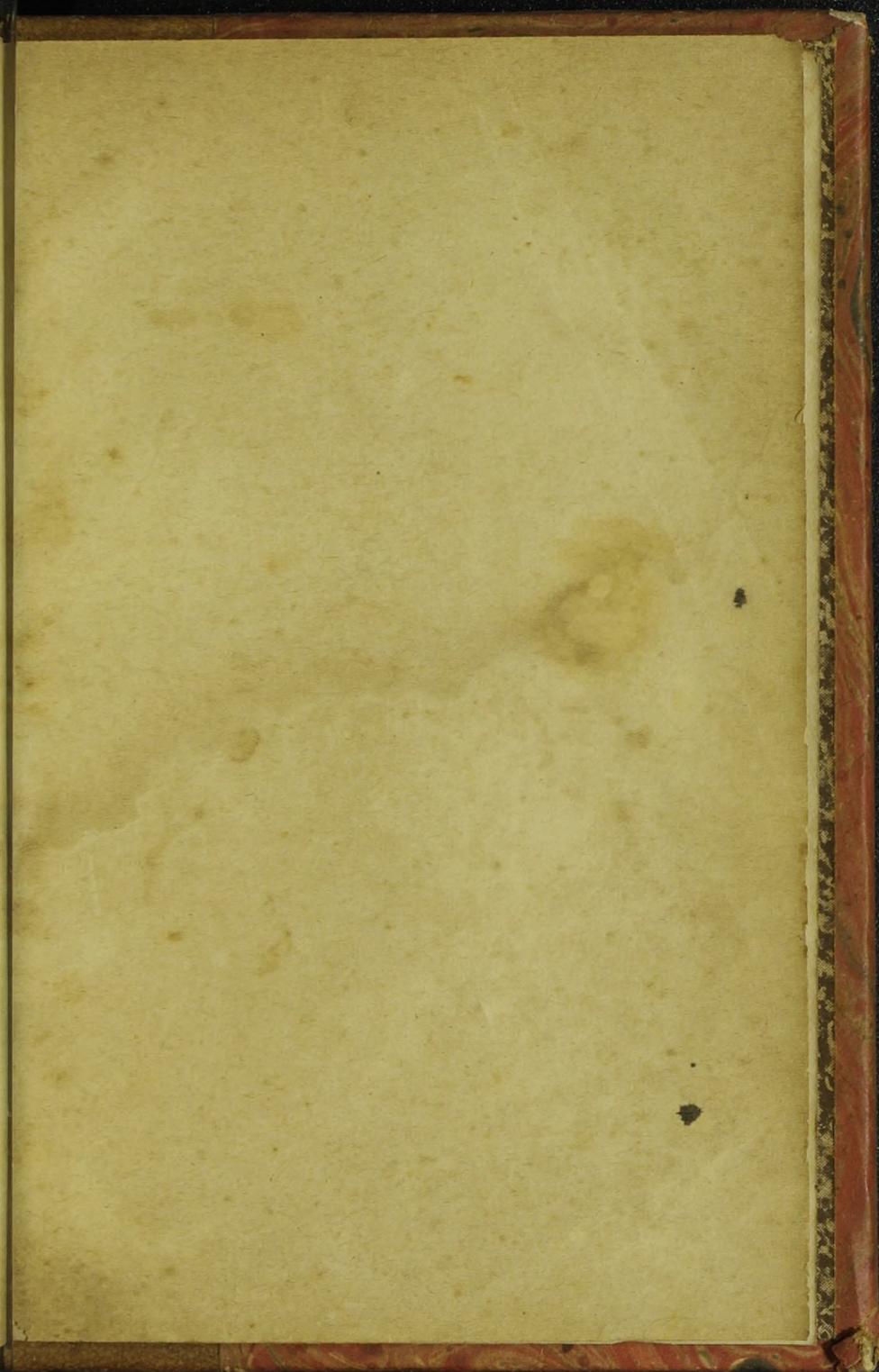
FIM
-----

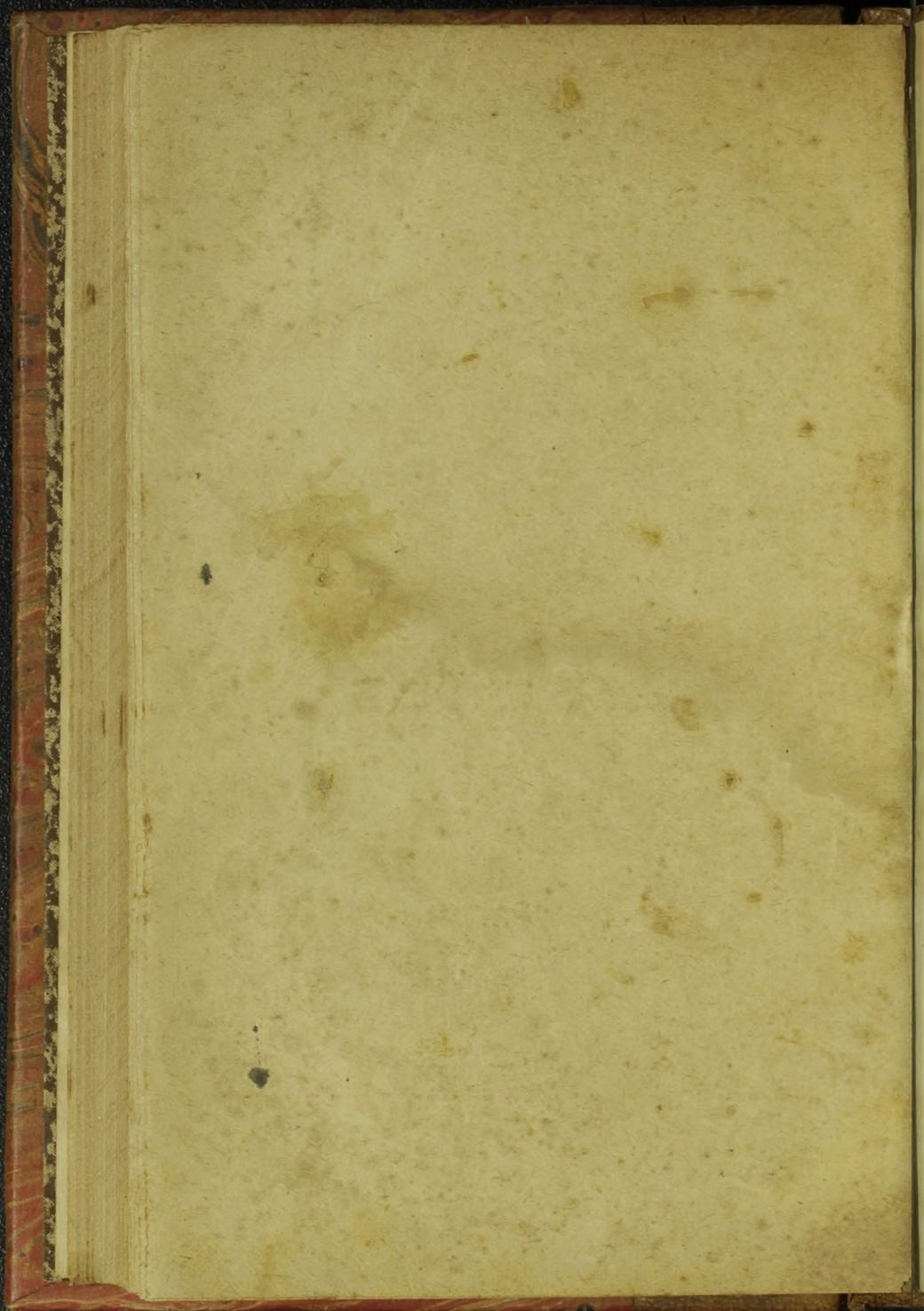
---

## — INDICE —

CAPS.	PAGS.
I—A fazenda.....	5
II—A cavallhada.....	16
III—Na roça.....	33
IV—O garimpo.....	50
V—O bahiano.....	67
VI—A recusa.....	75
VII—O sacrificio.....	83
VIII—Elias.....	91
IX—Além de quéda, coice.....	101
X—A affronta.....	111
XI—De mal a peor.....	121
XII—Moedeiro falso.....	129
XIII—Os vizinhos.....	139
XIV—A lavadeira.....	149
XV—Abnegação.....	166
XVI—O moribundo.....	178
XVII—A grinalda e o tumulo.....	190







BIBLIOTECA MUNICIPAL  
INGENIEROS LEON  
1910

